INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Tipologias e Gêneros Textuais





SUMÁRIO

ipologias e Gêneros Textuais	3
. Características das Principais Tipologias Textuais	3
.1. Discurso Direto e Discurso Indireto	5
2. Definição dos Principais Gêneros Textuais	14
Resumo	17
Mapa Mental	18
)uestões de Concurso	19
abarito	77
abarito Comentado	78
Referências	147



TIPOLOGIAS E GÊNEROS TEXTUAIS

1. CARACTERÍSTICAS DAS PRINCIPAIS TIPOLOGIAS TEXTUAIS

Olá! Como foi a resolução dos exercícios da primeira aula? Espero que tenha sido proveitosa.

Na segunda aula, vou definir as principais tipologias textuais e os principais gêneros textuais. Darei destaque ao modo como a banca examinadora cobra esses dois assuntos, certo? Vamos ao conteúdo!

Por **tipologia textual** (ou tipo textual), entende-se uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (ou seja, os aspectos lexicais, morfológicos e sintáticos; os tempos verbais, as relações lógicas, o estilo). Isso quer dizer o seguinte: a depender de como o texto se organiza informacionalmente e linguisticamente, ele pode ser do tipo X ou do tipo Y. Na classificação de Pereira & Neves, há seis tipos textuais:

- narrativo;
- descritivo;
- expositivo;
- argumentativo;
- instrucional ou injuntivo;
- dialogal.

Vamos discutir cada um desses tipos, começando pela NARRAÇÃO.

Na **narração**, há seres que participam de eventos em determinado tempo e espaço. Os participantes desses eventos são os **personagens**, os quais podem ser reais ou fictícios. O evento (uma espécie de ação) é denotado por verbos nocionais, como *cantar*, *correr*, *beijar*, *nadar*, *ouvir* etc. O **tempo** da narrativa é tipicamente o passado, mas pode ser o presente (a narração de um jogo de futebol) ou o futuro (obras proféticas, por exemplo). Em uma narrativa, o **espaço** pode ser físico (uma cidade, uma casa, uma escola) ou psicológico (mente do personagem ou do narrador).









Quem conta a história é o **narrador**, que pode ser de primeira ou terceira pessoa: o narrador em primeira pessoa participa das ações; o narrador em terceira pessoa não está diretamente envolvido nas ações, podendo ser observador (apenas relata os acontecimentos vistos a olhos nus) ou observador onisciente (aquele que tudo sabe, que tudo vê, inclusive os estados mentais das personagens).

Linguisticamente, o tempo da narrativa é marcado pelas formas verbais (flexão de passado, presente, futuro) e por formas adverbiais (*ontem*, *hoje* etc.). O narrador é marcado pela flexão de número e pessoa do verbo (primeira ou terceira).

Para você compreender melhor, vamos observar o trecho a seguir, o qual foi retirado da obra *Livro das Mil e Uma Noites*:

Disse Sahrazad: conta-se, ó rei venturoso, de parecer bem orientado, que certo mercador vivia em próspera condição, com abundantes cabedais, dadivosos, proprietário de escravos e servos, de várias mulheres e filhos; em muitas terras ele investira, fazendo empréstimos ou contrariando dívidas. Em dada manhã, ele viajou para um desses países: montou um de seus animais, no qual pendurara um alforje com bolinhos e tâmaras que lhe serviriam como farnel, e partiu em viagem por dias e noites, e Deus já escrevera que ele chegaria bem e incólume à terra para onde rumava; [...]. (Livro das mil e uma noites – volume I – ramo sírio)

Nesse texto, observamos um narrador em terceira pessoa, o qual introduz a fala da personagem Sahrazad. Essa personagem, por sua vez, é também uma narradora em terceira pessoa (ela fala sobre o mercador). O texto envolve personagens (Sahrazad, o rei, mercador etc.) que realizam ações em determinado tempo (passado) e espaço (um reino).

Eu sei que você já leu outros livros. Tente puxar de memória uma narração que te marcou: quais eram os personagens? Que ações desempenharam? Onde e quando aconteceram as ações? Ao responder a essas perguntas, você estará organizando os elementos de uma narrativa.



Os textos narrativos podem ser ficcionais ou não. Uma notícia, por exemplo, pode narrar um acontecimento - nesse caso, trata-se de um fato não ficcional.





1.1. DISCURSO DIRETO E DISCURSO INDIRETO

O narrador possui dois papéis na narrativa:

- I apresentar as personagens (via descrição); e
- II trazer ao leitor as falas das personagens.

Vamos analisar com mais cuidado a função (II). O narrador pode trazer ao leitor as falas das personagens de duas maneiras:

II – i) diretamente, exatamente como a personagem falou:

O Amanuense Belmiro disse ao colega:

- Estou farto de tanta burocracia.
- II ii) **indiretamente**, "traduzindo" com suas próprias palavras o que o personagem falou:
- O Amanuense Belmiro disse ao colega que estava farto de tanta burocracia.

Conseguiu perceber a diferença? No primeiro caso, temos o chamado **discurso direto**. No segundo caso, temos o **discurso indireto**. É simples diferenciar essa classificação:

Obs.: | II – i) discurso direto: a fala da personagem é apresentada diretamente.

II – ii) discurso indireto: a fala da personagem é apresentada indiretamente

As bancas examinadoras pedem a transposição discurso direto <-> discurso indireto. Como você pode perceber, há uma diferença temporal nessa transposição: o discurso indireto registra que a fala da personagem ocorreu **antes** do momento da enunciação. Fique atento(a), viu? Podemos agora falar da **DESCRIÇÃO**, que pode ser objetiva ou subjetiva.

Em uma **descrição**, apresentamos uma série de característica de determinado ser/objeto/ espaço, formando na memória do leitor/ouvinte a imagem do que está sendo descrito.

Na descrição, essa apresentação de características é verbal (oral ou escrita). Linguisticamente, a descrição é tipicamente formada por predicações nominais (Sujeito + Verbo de ligação + Predicativo) ou por adjetivação (Substantivo + adjetivo (atributivo)).







Como eu disse, a descrição pode ser objetiva ou subjetiva. Na descrição objetiva, o ser/objeto/espaço é descrito tal qual se apresenta ao mundo. Na descrição subjetiva, diferentemente, o ser/objeto/espaço é descrito a partir das impressões pessoais (subjetivas) de quem está realizando a caracterização. Vamos tentar diferenciar essas duas formas de descrição.

Imagine a seguinte situação: eu peço a um botânico para descrever um açaizeiro. Muito provavelmente, a descrição será a seguinte: "o açaí é uma palmeira do gênero Euterpe que produz um fruto bacáceo de cor roxa". Essa é uma descrição objetiva. Imagine agora que eu peça a alguém da região Norte que descreva um açaizeiro. É muito provável que a descrição envolva subjetividades do tipo: "o açaizeiro é nossa árvore guardiã, protetora de nossos irmãos" (lembra-se da música do Djavan? Uma parte dela diz "açaí, guardiã", que traduz essa característica do açaizeiro como fonte de alimento e renda). Essa segunda descrição envolve, portanto, subjetividades (as impressões pessoais/regionais das características do açaizeiro).

Observe a descrição a seguir, em que Tchekhov apresenta uma paisagem:

Depois das propriedades dos camponeses, começava um barranco abrupto e escarpado, que terminava no rio; aqui e ali, no meio da argila, afloravam pedras enormes. Pelo declive, perto das pedras e das valas escavadas pelos ceramistas, corriam trilhas sinuosas, entre verdadeiras montanhas de cacos de louça, ora pardos, ora vermelhos, e lá embaixo se estendia um prado vasto, plano, verde-claro, já ceifado, onde agora vagava o rebanho de camponeses.

(Anton Tchekhov. O assassinato e outras histórias)

Bom, espero que essa ilustração tenha ficado clara. Vamos agora à apresentação dos tipos textuais **DISSERTATIVO-EXPOSITIVO** e **DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO**.

No tipo textual **dissertativo expositivo**, o autor do texto expõe/apresenta ideias, fatos, fenômenos. Por ser de caráter expositivo, não se busca convencer o leitor em relação ao ponto de vista - pressupõe-se, assim, que a dissertação expositiva **apenas apresenta** a ideia, o fato ou o fenômeno.

A dissertação expositiva é tipicamente em terceira pessoa (ou impessoal), uma vez que o autor discorre sobre algo. Em relação à exposição sem defesa de um ponto de vista, temos a seguinte ilustração: pode-se discorrer (dissertar) sobre partidos políticos com absoluta isenção, apresentado os diversos partidos em totalidade, dando deles a ideia exata, sem tentar convencer o meu leitor das qualidades ou falhas de partido A ou B. Não procuro, nesse caso,







formar a opinião de meu leitor; ao contrário, deixo-o em inteira liberdade de se decidir por se filiar a determinado partido.

No excerto a seguir, de Gilberto Amado (citado em Othon M. Garcia), observamos que o autor apenas mostra certas características do Brasil. Não há, em nenhuma parte do texto, recursos argumentativos que visam ao convencimento do leitor (característica da argumentação). Observe:

No seu aspecto exterior, na sua constituição geográfica, o Brasil é um todo único. Não o separa nenhum lago interior, nenhum mar mediterrâneo. As montanhas que se erguem dentro dele, em vez de divisão, são fatores de unidade. Os seus rios prendem e aproximam as populações entre si, assim os que correm dentro do país como os que marcam fronteiras.

Por sua produção e por seu comércio, é o Brasil um dos raros países que se bastam em si mesmos, que podem prover ao sustento e assegurar a existência de seus filhos. De norte a sul e de leste a oeste, os brasileiros falam a mesma língua quase sem variações dialetais. Nenhuma memória de outros idiomas subjacentes na sua formação perturba a unidade íntima da consciência do brasileiro na enunciação e na comunicação do seu pensamento e do seu sentimento.

(Gilberto Amado. Três livros)

Agora observe como é o tipo textual **dissertação argumentativa**. Por ser mais complexa e mais recorrente em concursos públicos, eu detalharei mais esse tipo textual, certo? Seguirei os ensinamentos do professor Othon M. Garcia.

No tipo textual **dissertação argumentativa**, diferentemente da dissertação expositiva, procuramos formar a opinião do leitor ou ouvinte, objetivando convencê-lo de que a razão (o discernimento, o bom senso, o juízo) está conosco, de que nós é que estamos de posse da verdade.

Imagine a seguinte situação: eu sou filiado a determinado partido político. Se eu produzir um texto em que o objetivo seja demonstrar as vantagens, a conveniência, a coerência, a qualidade, a verdade de meu partido (em oposição aos demais), estou argumentando. Em suma, argumentar é convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões, em face da evidência de provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente.

O texto a seguir, de autoria de Sérgio Buarque de Holanda, é um excelente exemplar de texto argumentativo. Perceba que o autor se posiciona em relação aos fatos e defende uma tese. Sérgio Buarque claramente procura convencer o leitor.



O Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo. Não existe, entre o círculo familiar e o Estado, uma gradação, mas antes uma descontinuidade e até uma oposição. A indistinção fundamental entre as duas formas é prejuízo romântico que teve os seus adeptos mais entusiastas durante o século décimo nono. De acordo com esses doutrinadores, o Estado e as suas instituições descenderiam em linha reta, e por simples evolução da Família. A verdade, bem outra, é que pertencem a ordens diferentes em essência. Só pela transgressão da ordem doméstica e familiar é que nasce o Estado e que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável, ante as leis da Cidade. Há nesse fato um triunfo do geral sobre o particular, do intelectual sobre o material, do abstrato sobre o corpóreo e não uma depuração sucessiva, uma espiritualização de formas mais naturais e rudimentares, uma procissão das hipóstases, para falar como na filosofia alexandrina. A ordem familiar, em sua forma pura, é abolida por uma transcendência.

(Sérgio Buarque de Holanda. Raízes do Brasil)

A grande questão envolvendo a argumentação é sua consistência, sua fundamentação. Os estudos clássicos defendem que a argumentação é fundamentada em dois elementos principais: a consistência do raciocínio e a evidência das provas. Vou expor, em mais detalhes, o segundo aspecto: a evidência das provas.

Há cinco tipos mais comuns de evidência das provas:

- os fatos:
- os exemplos;
- as ilustrações;
- os dados estatísticos:
- o testemunho.

Vamos conhecer cada um em síntese:

Os Fatos

Os fatos constituem o elemento mais importante da argumentação: eles são capazes de provar, de convencer. Porém, é importante lembrar que nem todos os fatos são irrefutáveis. O valor de prova de certos fatos está sujeito à evolução da ciência, da técnica e dos próprios conceitos utilizados. Além disso, há casos em que fatos são distorcidos.

Há fatos que são evidentes ou notórios: esses são os que mais provam. Afirmar que no Brasil há desigualdade social é um fato, por exemplo.





Os Exemplos

Os exemplos são caracterizados por revelar fatos típicos ou representativos de determinada situação. O fato de o motorista Fulano de Tal ter uma jornada de trabalho de 12 horas diárias é um exemplo típico dos sacrifícios a que estão sujeitos esses profissionais, revelando uma das falhas do setor de transporte público.

As Ilustrações

A ilustração ocorre quando o exemplo se alonga em narrativa detalhada e entremeada de descrições. Observe que a ilustração é um recurso utilizado pela argumentação. Não deve, portanto, ser o centro da produção (a ilustração não deve ser predominante).

Imagine um texto argumentativo que procura comprovar, por evidência, a falta de planejamento habitacional em algumas cidades serranas. Nessas cidades, há construções irregulares próximas a encostas. Essas encostas ficam frágeis em épocas chuvosas. É possível, assim, ilustrar essa situação com um caso hipotético ou real. No caso da ilustração hipotética, é necessário que haja verossimilhança e consistência no relato. Importante: o valor de prova da ilustração hipotético é muito relativo.

Um caso real, o qual pode ser citado no texto-exemplo, é o da família do lavrador Francisco Edézio Lopes, de 46 anos. Edézio e seus familiares, moradores do distrito de Jamapará, em Sapucaia, no centro sul-fluminense, procuraram abrigo no carro durante o temporal e acabaram arrastados pela enxurrada. Todos morreram.

Observe, mais uma vez, que a ilustração tem a função de ilustrar a tese e deve ser clara, objetiva, sintomática e obviamente relacionada com a proposição.

Os Dados Estatísticos

Os dados estatísticos também são fatos, mas possuem uma natureza mais específica e possuem grande valor de convicção, constituindo quase sempre prova ou evidência incontestável. Quanto mais específico e completo for o dado, melhor.

Além disso, é importante que haja fonte, pois os dados não surgem naturalmente. Assim, afirmar que o índice de analfabetismo por raça no Brasil é de 14% para os negros e 6,1% para



os brancos é diferente de afirmar que a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2007, revela que índice de analfabetismo por raça no Brasil é de 14% para os negros e 6,1% para os brancos. A segunda proposição é mais convincente, pois há referência explícita à fonte.

O Testemunho

A evidência por testemunho é composta por uma afirmação fundamentada, por um depoimento, uma comprovação. É um fato trazido à composição por intermédio de terceiros. O testemunho por autoridade é um recurso que possui alto valor de prova. Se, em minha produção, defendo que o sistema de transporte público no Brasil precisa de planejamento estratégico (longo prazo), posso trazer a voz (realizações, propostas, ideias) de uma autoridade no assunto. No caso do tema proposto (transporte público), posso citar as propostas de Jaime Lerner, arquiteto e urbanista brasileiro que propôs, na década de 70, a abertura de vias exclusivas para os ônibus urbanos na cidade de Curitiba-PR.

Muito bem, fechamos a análise do tipo textual **dissertação argumentativa**. Agora podemos falar brevemente do tipo textual **instrucional** ou **injuntivo** e do tipo **dialogal**.

O tipo textual **INSTRUCIONAL** ou **INJUNTIVO** é muito comum em nosso dia a dia. Se você já assistiu a algum programa de culinária, certamente teve contato com o tipo textual instrucional (ou injuntivo): o(a) apresentador(a) listou os ingredientes e deu orientações sobre como o preparo do prato deve ser feito. Ao dar orientações, o(a) apresentador(a) ensinou o espectador a realizar uma tarefa. Essa é a propriedade básica desse tipo textual: ensinar/orientar/instruir o leitor/ouvinte/espectador a realizar uma tarefa.

As tarefas podem ser várias: usar um aparelho, jogar, cozinhar, tomar um remédio, consertar um objeto, conduzir um veículo etc. Os principais gêneros que se organizam no tipo textual instrucional (ou injuntivo) são os seguintes: receita culinária, manual de instruções, bula de remédio, regras de jogo, roteiro de viagem, mapas.

Linguisticamente, o tipo textual instrucional (ou injuntivo) organiza-se da seguinte forma:

- Primeira parte: lista que denomina as partes que compõem o objeto, o aparelho, os ingredientes de um prato etc.
- Segunda parte: instruções a serem seguidas; essas instruções são apresentadas em verbos no imperativo ou no infinitivo.



Atualmente, os gêneros que compõem o tipo textual instrucional (ou injuntivo) procuram utilizar uma linguagem objetiva, clara e didática. Isso porque, antigamente, muitos não conseguiam compreender o conteúdo do texto, não seguindo corretamente as orientações.

Observe o exemplo a seguir, retirado do site www.tudogostoso.com.br:



Agora vamos encerrar essa parte da nossa aula abordando o tipo textual dialogal.

Você já leu ou assistiu a uma entrevista, certo? Pois então, a entrevista é um gênero pertencente ao tipo textual **dialogal**, pois dois ou mais interlocutores (participantes do evento de comunicação) discutem algum assunto.

A estrutura de um diálogo é relativamente simples: o interlocutor 1 interage verbalmente e, em seguida, o interlocutor 2 também interage. A interação do interlocutor 2 pode ser espontânea ou induzida. Na interação espontânea, o interlocutor concorda, complementa ou discorda em relação ao que é dito pelo interlocutor 1. Na interação induzida, o interlocutor 2 responde a uma pergunta realizada pelo interlocutor 1.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO





Bruno Pilastre

Nós realizamos diálogos constantemente em nosso dia a dia. A maioria deles é espontânea e informal. Os diálogos induzidos, por sua vez, são mais comuns em entrevistas (de emprego, jornalística etc.) e têm caráter mais formal. Vamos ver um exemplo de entrevista (diálogo induzido, formal):

América Rebelde – Uma entrevista com Noam Chomsky EDIÇÃO - 1 LE MONDE DIPLOMATIQUE

> Por Daniel Mermet Agosto 8, 2007

Tão respeitado nos pequenos seminários acadêmicos quanto nas grandes reuniões do Fórum Social Mundial, Noam Chomsky é um dos mais importantes intelectuais da atualidade. Com 78 anos, esse professor do renomado MIT (o Instituto de Tecnologia de Massachusetts) tornou-se uma referência mundial, seja no domínio da linguística, sua área de especialização científica, seja nas fileiras da esquerda, seu campo de atuação política. Como linguista, Chomsky teve o nome internacionalmente projetado por sua teoria acerca dos princípios estruturais inatos da linguagem. Como político, tem-se destacado na crítica à globalização neoliberal e aos mecanismos de controle dos regimes totalitários e das sociedades ditas democráticas.

De origem judaica (seu pai, professor em escola religiosa, foi um dos grandes eruditos da língua hebraica), não poupa críticas a Israel, pelo tratamento dado aos palestinos e pela prática do que qualifica como "terrorismo de Estado". Nascido em Filadélfia (o berço da identidade nacional norte-americana), é um dos principais opositores da política imperialista dos Estados Unidos, em geral, e do governo George W. Bush, em particular. Intelectual engajado (que se define como "socialista libertário"), vem sendo tão radical na condenação do stalinismo quanto do nazismo. Sua independência intelectual tem-lhe valido pesados ataques, vindos de várias direções. Mas também lhe tem granjeado amplas simpatias e apoios.

Nesta entrevista exclusiva a Le Monde Diplomatique, ele discorre extensamente sobre alguns dos temas mais relevantes do mundo contemporâneo (nota da edição brasileira).

Diplomatique

Comecemos pela questão da mídia. Na França, em maio de 2005, por ocasião do referendo sobre o Tratado da Constituição Europeia, a maioria dos meios de comunicação de massa era partidária do "sim". No entanto, 55% dos franceses votaram "não". O poder de manipulação da mídia não parece, portanto, absoluto. Esse voto dos cidadãos representaria um "não" também aos meios de comunicação?

Chomsky

O trabalho sobre a manipulação midiática ou a fábrica do consentimento, feito por mim e Edward Herman, não aborda a questão dos efeitos das mídias sobre o público¹. É um assunto complicado, mas as poucas pesquisas detalhadas sugerem que a influência das mídias é mais expressiva na parcela da população com maior escolaridade. A massa da opinião pública parece menos dependente do discurso dos meios de comunicação.

Tomemos como exemplo a eventualidade de uma guerra contra o Irã: 75% dos norte-americanos acham que os Estados Unidos deveriam pôr fim às ameaças militares e privilegiar a busca de um acordo pela via diplomática. Pesquisas conduzidas por institutos ocidentais mostram que a opinião







pública dos Estados Unidos e a do Irã convergem também sobre certos aspectos da questão nuclear: a esmagadora maioria das populações dos dois países acha que a zona que se estende de Israel ao Irã deveria estar totalmente livre de artefatos nucleares, inclusive os que hoje estão nas mãos das tropas norte-americanas na região. Ora, para se encontrar esse tipo de opinião na mídia, é preciso procurar muito.

Quanto aos principais partidos políticos norte-americanos, nenhum defende este ponto-de-vista. Se o Irã e os Estados Unidos fossem autênticas democracias, no seio das quais a maioria realmente determinasse as políticas públicas, o impasse atual sobre a questão nuclear estaria sem dúvida resolvido.

Há outros casos parecidos. No que se refere, por exemplo, ao orçamento federal dos Estados Unidos, a maioria dos norte-americanos deseja uma redução das despesas militares e um aumento correspondente das despesas sociais, dos créditos depositados para as Nações Unidas, da ajuda humanitária e econômica internacional. Deseja também a anulação da redução de impostos que beneficia os mais ricos, decidida por Bush.

Em todos esses aspectos, a política da Casa Branca é contrária aos anseios da opinião pública. Mas as pesquisas de opinião que revelam essa persistente oposição pública raramente são publicadas pelas mídias. Resulta que não somente os cidadãos são descartados dos centros de decisão política, como também são mantidos na ignorância sobre o real estado da opinião pública.

Existe uma preocupação internacional com o abissal déficit duplo dos Estados Unidos: o déficit comercial e o déficit orçamentário. Estes somente existem em estreita relação com um terceiro: o déficit democrático, que aumentar sem cessar, não somente nos Estados Unidos, mas em todo o mundo ocidental.

Como você percebeu, há dois interlocutores no diálogo (entrevista) acima: o representante da revista Le Monde Diplomatique (Daniel Mermet) é o interlocutor 1 e o intelectual Noam Chomsky é o interlocutor 2.

Os diálogos estão muito presentes em narrativas e em textos teatrais. A marcação do diálogo, nesses casos, é feita pelo travessão (—).

E em concursos, professor, como esse conteúdo é avaliado? Não há muitas complicações, mas é preciso ficar atento ao seguinte fato:



Os textos são **predominantemente** de um tipo textual. Isso porque pode haver, em um mesmo texto, uma narração, uma descrição e uma argumentação. O que determina a **predominância** é a **função** do texto: se a função é argumentar (defender um ponto de vista) e, para isso, faz-se uso de uma narração, o texto será predominantemente argumentativo.



2. Definição dos Principais Gêneros Textuais

Se você concluiu o Ensino Médio após o ano 2000, certamente ouviu falar de **gêneros tex- tuais** nas aulas de Língua Portuguesa. A proposta de ensinar o nosso idioma pela abordagem dos gêneros textuais é relativamente nova, mas a teoria que caracteriza os gêneros é mais antiga (início do século XX).

Os gêneros textuais não são semelhantes aos tipos textuais. Os tipos textuais são estruturas linguísticas prototípicas, as quais possuem estabilidade interna. Os gêneros textuais partem das tipologias e estão mais ligados a situações concretas de comunicação. Por exemplo: um relato de viagem é um gênero textual que parte da tipologia narrativa (e descritiva). O relato de viagem é um gênero porque está vinculado a uma situação concreta de comunicação, o relato de uma viagem. Outro gênero narrativo é a crônica.

Cada gênero textual é identificado (e classificado) a partir de aspectos básicos, como assunto, finalidade, perfil dos participantes, estrutura, suporte e estilo (formal, informal, técnico etc.). Veja na lista a seguir alguns gêneros textuais:

biografia;
bula de remédio;
carta;
carta do/ao leitor;
conto; diário;
editorial;
e-mail;
fábula;
homilia;
notícia;
petição;
propaganda;
receita culinária;
recurso;
reportagem.



Em concursos públicos, os gêneros textuais mais recorrentes são os de grande circulação, como editoriais, artigos de opinião, notícias, reportagens, crônicas e contos. Veja as definições de cada um destes gêneros (os mais relevantes para concursos públicos):

- Editorial: nesse gênero, discute-se uma questão, apresentando o ponto de vista do jornal, da empresa jornalística ou do redator-chefe. É um gênero pertencente ao tipo textual dissertativo-argumentativo;
- Artigo de opinião: neste gênero, busca-se convencer o leitor em relação a uma determinada ideia. O autor do artigo de opinião não representa o ponto de vista do veículo que publica o texto. Esse também é um gênero pertencente ao tipo textual dissertativo-argumentativo. É frequente o uso da primeira pessoa do singular, marcando o posicionamento individual do articulista (aquele que escreve o artigo de opinião);
- Notícia: nesse gênero, relata-se concisamente e objetivamente os fatos da realidade.
 Na notícia, encontramos as seguintes informações: o que, quem, quando, onde, como e por quê;
- Reportagem: os livros didáticos de Língua Portuguesa caracterizam o gênero reportagem como um texto jornalístico que trata de fatos de interesse público. A abordagem desses fatos é mais aprofundada (e didática) em relação à abordagem observada no gênero notícia;
- Crônica: a crônica é um texto literário breve, com trama quase sempre pouco definida e motivos geralmente extraídos do cotidiano imediato. É um texto de natureza tipicamente narrativa;
- Conto: narrativa breve e concisa. No conto, há um só conflito, uma única ação (com espaço geralmente limitado a um ambiente). Além disso, há unidade de tempo e número restrito de personagens. O conflito é quase sempre resolvido após o clímax.

Veja bem, essas definições obviamente não contemplam todas as possibilidades de realização de cada um dos gêneros. Eu optei pelas definições simples e objetivas para facilitar o seu aprendizado, ok?











Ao longo da resolução das questões e dos comentários do gabarito, você vai ter contato com muitos exemplares de tipos e gêneros textuais.



RESUMO

Tipologias textuais

RAN CURSOS

Narração

Nessa tipologia, há presença de:

- · Eventos;
- Personagens;
- Narrador;
- Espaço;
- Tempo;
- Discurso:
 - direto;
 - indireto.

Descrição:

- Objetiva (descrição do objeto tal qual ele se apresenta);
- Subjetiva (impressões pessoais de quem descreve).

Dissertação expositiva: apresentação de ideias, fatos, fenômenos - não havendo defesa de ponto de vista.

Dissertação argumentativa: há defesa de um ponto de vista. Para essa defesa, o autor faz uso de argumentos (sustentados pela evidência das provas).

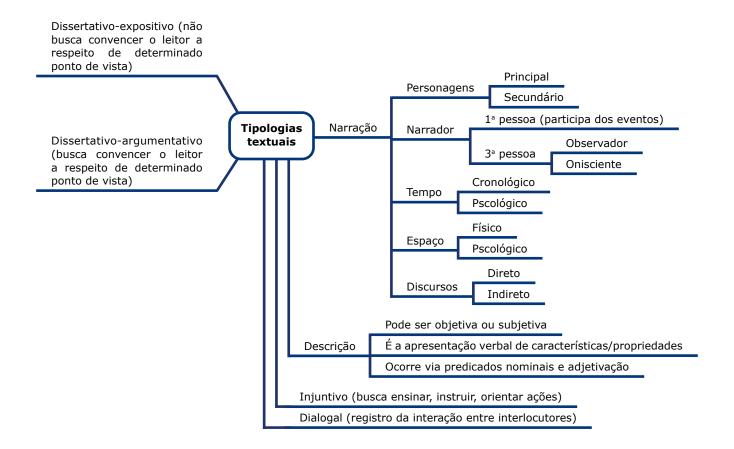
Instrucional ou injuntivo: dirige-se à segunda pessoa do discurso, instruindo ou orientando a realização de uma tarefa; faz uso de estruturas verbais no infinitivo ou no imperativo.

Dialogal: tipologia em que dois ou mais interlocutores interagem verbalmente. O diálogo pode ser espontâneo ou induzido.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Maria Monica Margarida Silva Pereira - 02150260395, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.



MAPA MENTAL







QUESTÕES DE CONCURSO

QUESTÃO **1**

(FGV/ANALISTA/AL-RO/2018)

"O policial guardou as anotações e a arma na gaveta da sala. Parou os olhos no cartão de ponto... [Falaria ou não com o delegado sobre o caso daquele furto?] Enfiou a caneta no bolso da camisa e dirigiu-se ao estacionamento".

Esse segmento narrativo mostra uma interrupção marcada por colchetes; esse tipo de interrupção é caracterizado por um(a):

- a) descrição de um ambiente externo.
- b) descrição de uma cena imaginária.
- c) flash-back.
- d) reflexão sobre a própria trama.
- e) reflexão sobre a estrutura narrativa.

QUESTÃO 2 (FGV/A

(FGV/ANALISTA/AL-RO/2018)

"A mulher aproximou-se da beira do cais e olhou em volta. O cenário da baía era lindíssimo, com suas pequenas ilhas cercadas de água azulada. Voltou para dentro do restaurante e chamou o marido".

Sobre a estruturação narrativa desse segmento a afirmativa adequada é:

- a) o primeiro período do texto não apresenta continuidade.
- b) o segundo período do texto mostra uma interrupção na narrativa.
- c) o segundo período do texto constitui o que se chama de flash-back.
- d) o último período está cronologicamente situado antes do primeiro.
- e) O segundo período do texto é classificado como argumentativo.

QUESTÃO 3 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) O texto abaixo em que o argumentador, na tentativa de convencer o leitor, apela para a intimidação por constrangimento é:

- a) Não deixe para amanhã o que pode fazer depois de amanhã.
- b) Não passe vergonha em público: use Corega em sua dentadura.
- c) Compre dois vidros de remédio e receba um de graça!



- d) Não urine na rua, pois isso pode levá-lo à prisão.
- e) Fique mais atraente usando perfumes Dior.

QUESTÃO 4 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018)

"De Roma, o correspondente da Folha de São Paulo informa que o Papa vai condenar publicamente os atentados terroristas da Espanha".

Essa é uma notícia de jornal; o elemento argumentativo que dá mais credibilidade à informação dada é:

- a) a proximidade do correspondente em relação à fonte da informação.
- b) o fato de a informação ter sido dada por um jornal de grande circulação.
- c) a circunstância de o jornal informante estar localizado na cidade de São Paulo.
- d) a condenação anunciada ter sido proferida pelo Papa.
- e) o tema da informação ser uma atividade amplamente condenada pela opinião pública.

Questão 5 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) O fragmento textual abaixo que não apresenta humanização do personagem animal é:

- a) Não chovia há muitos e muitos meses, de modo que os animais ficaram inquietos. Não se sabia se ia chover logo, ou se ainda ia demorar.
- b) Morreu a colibri. Morreu rápido, fácil, sem dores ou aflições. Morreu como um passarinho. Sua única tristeza, ao partir, parecia a certeza de que, como todos os colibris, o esposo morreria assim que ela abandonasse o mundo
- c) Em certo dia de data incerta, um galo velho e uma galinha nova encontraram-se no fundo de um quintal e, entre uma bicada e outra, trocaram impressões sobre como o mundo estava mudado
- d) O leão fugido do circo vinha correndo pela rua quando viu um senhor à sua frente. Aí caminhou pé ante pé, bateu delicadamente nas costas do senhor e disse, disfarçando a voz leonina o mais possível: "Cavalheiro, tenha cuidado e muita calma: acabei de ouvir dizer que um macaco fugiu do circo agora mesmo".
- e) Saiu o leão a fazer sua pesquisa estatística para verificar se ainda era o Rei das Selvas.









QUESTÃO 6 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) A afirmativa abaixo que é inadequada em relação às narrativas é:

- a) toda narrativa implica mudanças de situações ou estados.
- b) as narrativas implicam uma causalidade na intriga.
- c) todas as narrativas mostram personagens humanos ou humanizados.
- d) uma narrativa mostra sempre uma integração de ações.
- e) os relatos narrativos implicam sempre um narrador personagem.

Questão 7

(FGV/TÉCNICO/TJ-SC/2018)

O discurso da separação amorosa

Flávio Gikovate em 16/03/2015

Um dos sentimentos mais comuns depois de uma separação amorosa é a enorme curiosidade em relação ao destino do outro. Mesmo o parceiro que tomou a iniciativa fará de tudo para saber como o abandonado está passando. Esse interesse raras vezes resulta de uma genuína solidariedade. Decorre, na maioria dos casos, de uma situação ambivalente que lembra o mecanismo da gangorra. Por um lado, ver o sofrimento de uma pessoa tão íntima nos deixa tristes; por outro, satisfaz a vaidade. Num certo sentido, é gratificante saber que o ex-companheiro vive mal longe de nós e teve prejuízos com a separação. Esse aspecto menos nobre da personalidade humana, infelizmente, costuma predominar.

O texto 3 deve ser visto como argumentativo. Os argumentos apresentados pelo autor se fundamentam nos(na):

- a) opinião pessoal do autor;
- b) testemunhos de autoridade;
- c) experiência profissional de psicólogos;
- d) observação científica da natureza humana;
- e) depoimentos pessoais de pessoas separadas.



QUESTÃO 8

(FGV/ANALISTA/MPE-AL/2018)

OPORTUNISMO À DIREITA E À ESQUERDA

Numa democracia, é livre a expressão, estão garantidos o direito de reunião e de greve, entre outros, obedecidas leis e regras, lastreadas na Constituição. Em um regime de liberdades, há sempre o risco de excessos, a serem devidamente contidos e seus responsáveis, punidos, conforme estabelecido na legislação.

É o que precisa acontecer no rescaldo da greve dos caminhoneiros, concluídas as investigações, por exemplo, da ajuda ilegal de patrões ao movimento, interessados em se beneficiar do barateamento do combustível.

Sempre há, também, o oportunismo político-ideológico para se aproveitar da crise. Inclusive, neste ano de eleição, com o objetivo de obter apoio a candidatos. Não faltam, também, os arautos do quanto pior, melhor, para desgastar governantes e reforçar seus projetos de poder, por mais delirantes que sejam. Também aqui vale o que está delimitado pelo estado democrático de direito, defendido pelos diversos instrumentos institucionais de que conta o Estado – Polícia, Justiça, Ministério Público, Forças Armadas etc.

A greve atravessou vários sinais ao estrangular as vias de suprimento que mantêm o sistema produtivo funcionando, do qual depende a sobrevivência física da população. Isso não pode ser esquecido e serve de alerta para que as autoridades desenvolvam planos de contingência.

O Globo, 31/05/2018.

O texto, em sua organização, deve ser caracterizado como:

- a) narrativo, já que expõe uma série de fatos.
- b) argumentativo, pois defende uma tese.
- c) expositivo, já que informa fatos recentemente ocorridos.
- d) descritivo, porque fornece características e qualidades.
- e) poético, pois expõe uma realidade de forma sentimental.



QUESTÃO 9

(FGV/TÉCNICO/MPE-AL/2018)

NÃO FALTOU SÓ ESPINAFRE

A crise não trouxe apenas danos sociais e econômicos. Mostrou também danos morais.

Aconteceu num mercadinho de bairro em São Paulo. A dona, diligente, havia conseguido algumas verduras e avisou à clientela. Formaram-se uma pequena fila e uma grande discussão. Uma senhora havia arrematado todos os dez maços de espinafre. No caixa, outras freguesas perguntaram se ela tinha restaurante. Não tinha. Observaram que a verdura acabaria estragada. Ela explicou que ia cozinhar e congelar. Então, foram ao ponto: caramba, havia outras pessoas na fila, ela não poderia levar só o que consumiria de imediato?

"Não, estou pagando e cheguei primeiro", foi a resposta.

Compras exageradas nos supermercados, estoques domésticos, filas nervosas nos postos de combustível – teve muito comportamento na base de cada um por si.

Cabem nessa categoria as greves e manifestações oportunistas. Governo, cedendo, também vou buscar o meu – tal foi o comportamento de muita gente.

Carlos A. Sardenberg, in O Globo, 31/05/2018.

No segmento a seguir, a pergunta é feita em discurso indireto.

"No caixa, outras freguesas perguntaram se ela tinha restaurante."

Assinale a opção que apresenta a forma dessa pergunta em discurso direto.

- a) A senhora tinha restaurante?
- b) A senhora tinha tido restaurante?
- c) A senhora teria restaurante?
- d) A senhora teve restaurante?
- e) A senhora tem restaurante?

OUESTÃO 10

(FGV/ASSISTENTE/MPE-BA/2017)

REFEIÇÃO EM FAMÍLIA

Rosely Sayão

Os meios de comunicação, devidamente apoiados por informações científicas, dizem que alimentação é uma questão de saúde. Programas de TV ensinam a comer bem para manter o



corpo magro e saudável, livros oferecem cardápios de populações com alto índice de longevidade, alimentos ganham adjetivos como "funcionais". Temos dietas para cardíacos, para hipertensos, para gestantes, para obesos, para idosos.

Cada vez menos a família se reúne em torno da mesa para compartilhar a refeição e se encontrar, trocar ideias, saber uns dos outros. Será falta de tempo? Talvez as pessoas tenham escolhido outras prioridades: numa pesquisa recente sobre as refeições, 69% dos entrevistados no Brasil relataram o hábito de assistir à TV enquanto se alimentam.

[....]

O horário das refeições é o melhor pretexto para reunir a família porque ocorre com regularidade e de modo informal. E, nessa hora, os pais podem expressar e atualizar seus afetos pelos filhos de modo mais natural.

(adaptado)

Ainda que predominantemente dissertativo, o texto mostra elementos descritivos; o termo sublinhado abaixo que NÃO possui caráter objetivo, mas subjetivo, é:

- a) ...informações científicas;
- b) ...corpo magro;
- c) ...alto índice;
- d) ...pesquisa recente;
- e) ...modo mais **natural**.

QUESTÃO 11 (FCC/TÉCNICO/TRF-5ª/2017)

Numa visita ao Brasil, pouco depois de sair do Governo da Espanha, Felipe Gonzalez foi questionado sobre o que gostaria de ter feito e não conseguiu. Depois de pensar alguns minutos, disse lamentar que, apesar de avanços importantes em educação, os jovens ainda se formavam e queriam saber o que o Estado faria por eles.

Transpondo-se para o **discurso direto** a fala atribuída a Felipe Gonzalez, obtêm-se as seguintes formas verbais:

- a) Lamento formem queiram
- b) Lamento formem querem
- c) Lamentei formaram queriam





- d) Lamentou vão se formar irão querer
- e) Lamento tinham se formado quiseram

QUESTÃO 12 (FCC/AGENTE/ARTESP/2017)

Pode ser um saudosismo bobo, mas tenho saudades do tempo em que se ouvia o futebol pelo rádio. Às vezes, era apenas chiado; às vezes, o chiado se misturava com a narração; às vezes, a estação sumia; sem mais nem menos, voltava, e o jogo parecia tão disputado, mas tão emocionante, repleto de lances espetaculares, que tudo que queríamos no dia seguinte era assistir os melhores momentos na televisão. Hoje todos os jogos são transmitidos pela televisão. Isso é uma coisa esplêndida, mas sepultou a fantasia, a mágica.

Agora, que fique claro: em absoluto falo mal da tecnologia. Ao contrário, o avanço tecnológico, principalmente a chegada da internet, trouxe muita coisa boa pra muita gente. Lembro que ainda engatinhava no plano do Direito e, se quisesse ter acesso a uma boa jurisprudência, tinha que fazer assinatura. Hoje, está tudo aí, disponível, à farta, de graça. Somente quem viveu numa época em que não havia a internet tem condições de dimensionar o nível de transformação e de reprodução do conhecimento humano que ela representou...

Condizente com o gênero crônica, o texto consiste em:

- a) uma história fantasiosa inspirada em fatos reais, com linguagem cerimoniosa.
- b) um registro histórico de fatos de relevo internacional, com linguagem hermética.
- c) um relato subjetivo de experiências cotidianas, com linguagem coloquial.
- d) uma compilação de opiniões divergentes sobre tema polêmico, com linguagem afetada.
- e) uma descrição objetiva da realidade visando noticiar fatos inéditos, com linguagem formal.

Ouestão 13

(FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

As enchentes de minha infância

Rubem Braga

Sim, nossa casa era muito bonita, verde, com uma tamareira junto à varanda, mas eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio. Como a casa dos Martins, como a casa dos Leão, que depois foi dos Medeiros, depois de nossa tia, casa com varanda fresquinha dando para o rio.







Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente. As águas barrentas subiam primeiro até a altura da cerca dos fundos, depois às bananeiras, vinham subindo o quintal, entravam pelo porão. Mais de uma vez, no meio da noite, o volume do rio cresceu tanto que a família defronte teve medo.

Então vinham todos dormir em nossa casa. Isso para nós era uma festa, aquela faina de arrumar camas nas salas, aquela intimidade improvisada e alegre. Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite! E às vezes o rio atravessava a rua, entrava pelo nosso porão, e me lembro que nós, os meninos, torcíamos para ele subir mais e mais. Sim, éramos a favor da enchente, ficávamos tristes de manhãzinha quando, mal saltando da cama, íamos correndo para ver que o rio baixara um palmo – aquilo era uma traição, uma fraqueza do Itapemirim. Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita, anunciava águas nas cabeceiras, então dormíamos sonhando que a enchente ia outra vez crescer, queríamos sempre que aquela fosse a maior de todas as enchentes.

Há a presença do discurso indireto em:

- a) Eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio.
- b) Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente.
- c) Então vinham todos dormir em nossa casa.
- d) Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite!
- e) Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita.

QUESTÃO 14 (FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

BAKHTIN, em *Estética da Criação Verbal*, explica que: "O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua,

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO





Bruno Pilastre

mas, acima de tudo, por sua construção composicional. [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso".

Depreende-se do texto que, na caracterização de um gênero discursivo, deve-se considerar, principalmente:

- a) o emprego de recursos linguísticos específicos e a fixação dos enunciados orais e escritos.
- **b**) a ocorrência particular, específica, dependendo da esfera de comunicação a que pertencem os falantes.
- c) o modo de composição, o tema e os usos de linguagem relacionados às finalidades de cada campo de atividade humana.
- d) a irregularidade no emprego de enunciados orais e escritos em determinados campos de atividade verbal.
- e) os enunciados escritos que dão concretude à oralidade, dependendo da esfera de comunicação.

QUESTÃO 15

(FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

AguiÁfrica

Treze artistas contemporâneos da chamada África Subsaariana – que compreende países ao sul do Deserto do Saara, como Nigéria, Camarões, Congo e Angola – abordam em suas obras questões sobre imigração, xenofobia, sistemas de poder e tradições culturais. A mostra faz parte do projeto Art for the World, da curadora suíça Adelina von Fürstenberg, que aborda os direitos humanos em exposições de arte. Sesc Belenzinho. Rua padre Adelino, 1000, Belenzinho. Terça a sexta, 13h às 21h; sábado, domingo e feriados, 11h às 19h. Grátis. Até 28 de fevereiro de 2016.

Esse texto é:

- a) uma sinopse, que apresenta brevemente um evento cultural.
- b) um comentário, que visa à qualificação de um acontecimento paulistano.
- c) uma resenha, pois tem finalidade informativa e pertence à esfera cultural.
- d) um sumário, visto que relaciona os principais elementos do fato.
- e) um classificado, que anuncia um evento cultural, com finalidade publicitária.



Questão 16 (FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

A maioria dos países da América Latina, incluindo o Brasil, só começou a montar seu sistema escolar quando em muitas outras nações do mundo já existiam universidades bem estruturadas e de qualidade. Mesmo assim, era um privilégio para poucos. Apenas nos anos 1970 e 1980 começou na América Latina a discussão sobre a educação ser um direito de todos. Mas claramente ainda nos falta a percepção moderna de que esse é um fator estratégico para o avanço. Se buscamos uma sociedade ancorada no conhecimento, tudo, absolutamente tudo, deve se voltar para a escola.

Em relação aos modos de organização textual, esse texto apresenta, em sequência, a:

- a) descrição e a narração observadas na recuperação histórica de fatos, em formas verbais do pretérito; a argumentação, apoiada em argumentos de autoridade, em formas verbais do presente.
- b) descrição de acontecimentos do passado, por meio de relato histórico, em formas verbais do presente; a narração, responsável pela apreciação do autor, em formas verbais do pretérito.
- c) narração, em formas verbais do pretérito, fundamentada na descrição de acontecimentos históricos, situados no tempo presente.
- d) argumentação, no pretérito, sobre acontecimentos históricos; a descrição e a narração de argumentos e de pontos de vista, em formas verbais do presente.
- e) narração de fatos historicamente situados, em formas verbais do pretérito; a argumentação, observada nas opiniões emitidas em formas verbais do presente.

QUESTÃO 17 (FCC/TÉCNICO/TRT-6ª/2018)

- Você pode entrar no ramo, disse-lhe.

A frase acima está corretamente transposta para o discurso indireto em:

- a) Disse-lhe "você pudera entrar no ramo".
- b) Disse-lhe que você pode entrar no ramo.
- c) Disse-lhe que ele podia entrar no ramo.
- d) Disse-lhe: "ele pôde entrar no ramo".
- e) Disse-lhe: você poderá entrar no ramo.









QUESTÃO 18

(FCC/DEFENSOR/DPE-RS/2018)

eu disse: sou um nômada

tu disseste: tens a febre do deserto

eu disse: tenho uma vontade de ir

tu disseste: do deserto conheces as miragens

eu disse: e a lonjura que dentro de mim vai

tu disseste: em ti quero viajar

Os dois primeiros versos do poema encontram-se transpostos para o discurso indireto, com clareza e correção, em:

- a) Dizendo que sou um nômada, respondeu-lhe que tinha a febre do deserto.
- b) Eu lhe disse que era um nômada, ao que respondeu-me que tenho a febre do deserto.
- c) Ao dizer-te que sou um nômada, respondes-me que tens a febre do deserto.
- d) Quando te digo que sou um nômada, me respondeste que tenho a febre do deserto.
- e) Disse-lhe que era um nômada, e sua resposta foi que tinhas a febre do deserto.

QUESTÃO 19

(FCC/ASSISTENTE/DPE-AM/2018)

Limites da ciência

Os deuses parecem ter um prazer especial em desmoralizar quem faz profecias sobre os limites da ciência. Auguste Comte afirmou, em 1835, que nunca surgiria um meio para estudarmos a composição química das estrelas. Bem, o método existe e hoje sabemos do que elas são feitas. Sabemos até que nós somos feitos de poeira estelar.

É verdade que Comte não era cientista, mas filósofo. Só que cientistas não se saem muito melhor. Um dos maiores físicos de seu tempo, lorde Kelvin, escreveu em 1900: "Não há mais nada novo a ser descoberto na física; só o que resta fazer são medidas cada vez mais precisas". Vieram depois disso relatividade, mecânica quântica, modelo padrão etc.

Marcus du Sautoy conta essas histórias em The Great Unknown (O Grande Desconhecido). Ele sabe, portanto, que caminha em terreno perigoso quando se propõe a discutir os limites do conhecimento humano. Mas Du Sautoy, que é professor de matemática em Oxford e autor de vários livros de divulgação, tenta jogar em território razoavelmente seguro. Ele vai às fronteiras

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO







Bruno Pilastre

da ciência em que já temos informações suficientes para saber que há barreiras formidáveis a um conhecimento total.

A teoria do caos, por exemplo, assegura que nunca conseguiremos fazer previsões de longo prazo acerca de fenômenos como a meteorologia e engarrafamentos de trânsito. O problema é que alterações mínimas nas condições iniciais podem produzir alterações dramáticas depois de um tempo – e nós nunca temos conhecimento completo do presente.

Analogamente, ele mostra como o princípio da incerteza, a extensão do cosmo e a provável inexistência do tempo também limitam a possibilidade de conhecimento. Ao final, Du Sautoy retorna à sua especialidade e mergulha nas implicações dos teoremas da incompletude de Gödel, que criam embaraços para a própria matemática. É diversão certa para quem gosta de grandes questões.

Entre os objetivos do texto, estão:

- a) questionar a existência do tempo e censurar a teoria do caos.
- b) apresentar o livro de Du Sautoy e recomendar a sua leitura.
- c) conferir à filosofia status de ciência e opor-se à tese de Du Sautoy.
- d) reprovar o obscurantismo dos filósofos e elogiar a clareza dos cientistas.
- e) detalhar as correntes científicas atuais e anunciar seus limites.

QUESTÃO 20 (FCC/AGENTE/ARTESP/2017)

Aplicativos para celular e outros avanços tecnológicos têm transformado as formas de ir e vir da população e podem ser grandes aliados na melhoria da mobilidade urbana.

Segundo a União Internacional dos Transportes Públicos (UITP), simulações feitas nas capitais de países da União Europeia mostram que a combinação de transporte público de alta capacidade e o compartilhamento de carros e caronas poderia remover até 65 de cada 100 carros nos horários de pico.

O segundo parágrafo do texto apresenta uma mensagem com teor:

- a) ilustrativo, que relativiza a tese do primeiro parágrafo.
- b) informativo, que corrobora a tese do primeiro parágrafo.
- c) científico, que refuta a tese do primeiro parágrafo.
- d) controverso, que retifica a tese do primeiro parágrafo.
- e) apelativo, que questiona a tese do primeiro parágrafo.







QUESTÃO 21

(FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

As enchentes de minha infância

Rubem Braga

Sim, nossa casa era muito bonita, verde, com uma tamareira junto à varanda, mas eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio. Como a casa dos Martins, como a casa dos Leão, que depois foi dos Medeiros, depois de nossa tia, casa com varanda fresquinha dando para o rio.

Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente. As águas barrentas subiam primeiro até a altura da cerca dos fundos, depois às bananeiras, vinham subindo o quintal, entravam pelo porão. Mais de uma vez, no meio da noite, o volume do rio cresceu tanto que a família defronte teve medo.

Então vinham todos dormir em nossa casa. Isso para nós era uma festa, aquela faina de arrumar camas nas salas, aquela intimidade improvisada e alegre. Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite! E às vezes o rio atravessava a rua, entrava pelo nosso porão, e me lembro que nós, os meninos, torcíamos para ele subir mais e mais. Sim, éramos a favor da enchente, ficávamos tristes de manhãzinha quando, mal saltando da cama, íamos correndo para ver que o rio baixara um palmo – aquilo era uma traição, uma fraqueza do Itapemirim. Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita, anunciava águas nas cabeceiras, então dormíamos sonhando que a enchente ia outra vez crescer, queríamos sempre que aquela fosse a maior de todas as enchentes.

É correto afirmar sobre a crônica:

- a) A organização compositiva da narrativa se dá no momento presente, mas "de repente", algo surge, que faz com que o narrador se recorde de algo que ele viveu em seu passado. A partir do "estalo", que é captado pelo narrador a partir de um detalhe, a narrativa toma outro rumo e incursiona em algum momento do passado.
- b) Após cercar-se dos acontecimentos diários, o narrador dá-lhes um toque próprio, incluindo em seu texto elementos como ficção, fantasia e criticismo. A crônica toma uma forma realista que se plasma com essa matéria mesclada do cotidiano, aspirando à comunicação humana e fazendo da solidariedade social um valor básico.







- c) Prepondera uma atmosfera restauradora de painéis temporais pretéritos, dispostos na recomposição de elementos relacionados à própria experiência de vida do autor. O narrador evoca fatos, pessoas, objetos e espaços e os resgata à momentaneidade do presente.
- d) Depois de falar de negócios, família, política e da vida de todo o dia. O narrador volta ao tempo presente e exalta os cantos pitorescos de sua terra, fatos e valores substanciais que darão contornos, através do manejo da linguagem, a um quadro de imagens nostálgicas.
- e) O narrador ridiculariza e ironiza o fato, tema da crônica, e, sendo, sorrateiramente, corrosivo e impiedoso, mas sob um tom que não perde o humor, fixa um olhar investigativo sobre a confluência de dois planos temporais primordiais que assinalam a recordação contemplativa.

QUESTÃO 22

(FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou: Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

- Como não acaba? Parei um instante na rua, perplexa.
- Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

- E agora que é que eu faço? - perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.



- Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo-nos para a escola.

- Acabou-se o docinho. E agora?
- Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

- Olha só o que me aconteceu! disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!
- Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

Ainda que se saiba da liberdade com que Clarice Lispector lidava com esse gênero, pode-se assegurar que "Medo da eternidade" é uma crônica na medida em que se trata:



- a) de uma dissertação filosófica sobre uma questão fundamental da vida humana, ainda que a escritora acabe se valendo de sua experiência pessoal para ilustrar a tese que se dispõe a defender.
- **b)** de uma visão subjetiva, pessoal, de um acontecimento do cotidiano imediato, muito embora vivenciado na infância, que acaba dando margem à reflexão sobre uma questão capaz de interessar a todos.
- c) de um texto poético, mesmo que em prosa, em que os acontecimentos vividos no passado ganham uma tonalidade lírica e, em lugar de serem explicitamente narrados, são dados a conhecer de modo alusivo e sugestivo.
- d) da rememoração de um episódio ocorrido na infância e que é narrado tal como foi vivido, sem deixar transparecer as crenças e convicções do adulto que rememora.
- e) de um texto alegórico, em que a história narrada oculta um sentido que vai muito além dela, servindo apenas como veículo da expressão de ideias abstratas que os acontecimentos permitem concretizar.

QUESTÃO 23 (FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

"O locutor pode indicar diferentes pontos de vista em uma asserção, atribuindo sua responsabilidade a outro enunciador. Para isso, pode utilizar-se da negação, de marcadores de pressuposição, do emprego de verbos que indiquem mudança ou permanência de estado, de certos operadores argumentativos, do futuro do pretérito com valor de metáfora temporal."

Essa definição de KOCH, BENTES e CAVALCANTE (2008) corresponde ao conceito de:

- a) polifonia.
- b) intertextualidade temática.
- c) intertextualidade tipológica.
- d) intertextualidade explícita.
- e) intertextualidade implícita.

QUESTÃO 24 (FCC/TÉCNICO/TST/2017)

Com base em descobertas feitas na Grã-Bretanha, Chile, Hungria, Israel e Holanda, uma equipe de treze pessoas liderada por John Goldthorpe, sociólogo de Oxford altamente respeitado, con-







cluiu que, na hierarquia da cultura, não se pode mais estabelecer prontamente a distinção entre a elite cultural e aqueles que estão abaixo dela a partir dos antigos signos: frequência regular a óperas e concertos; entusiasmo, em qualquer momento dado, por aquilo que é visto como "grande arte"; hábito de torcer o nariz para "tudo que é comum, como uma canção popular ou um programa de TV voltado para o grande público". Isso não significa que não se possam encontrar pessoas consideradas (até por elas mesmas) integrantes da elite cultural, amantes da verdadeira arte, mais informadas que seus pares nem tão cultos assim quanto ao significado de cultura, quanto àquilo em que ela consiste, ao que é tido como o que é desejável ou indesejável para um homem ou uma mulher de cultura.

Ao contrário das elites culturais de outrora, eles não são conhecedores no estrito senso da palavra, pessoas que encaram com desprezo as preferências do homem comum ou a falta de gosto dos filisteus. Em vez disso, seria mais adequado descrevê-los – usando o termo cunhado por Richard A. Peterson, da Universidade Vanderbilt – como "onívoros": em seu repertório de consumo cultural, há lugar tanto para a ópera quanto para o heavy metal ou o punk, para a "grande arte" e para os programas populares de televisão. Um pedaço disto, um bocado daquilo, hoje isto, amanhã algo mais.

Em outras palavras, nenhum produto da cultura me é estranho; com nenhum deles me identifico cem por cento, totalmente, e decerto não em troca de me negar outros prazeres. Sinto-me em casa em qualquer lugar, embora não haja um lugar que eu possa chamar de lar (talvez exatamente por isso). Não é tanto o confronto de um gosto (refinado) contra outro (vulgar), mas do onívoro contra o unívoro, da disposição para consumir tudo contra a seletividade excessiva. A elite cultural está viva e alerta; é mais ativa e ávida hoje do que jamais foi. Porém, está preocupada demais em seguir os sucessos e outros eventos festejados que se relacionam à cultura para ter tempo de formular cânones de fé ou a eles converter outras pessoas.

O autor organiza sua argumentação por meio:

a) do uso do discurso direto; por exemplo, ao ilustrar seu ponto de vista dando voz a pesquisadores de instituições de prestígio.







- b) da correlação entre causa e efeito; por exemplo, ao apresentar as escolhas da elite cultural no passado e o impacto dessas escolhas na cultura atual.
- c) da combinação de afirmações categóricas; por exemplo, ao remeter a uma verdade universal guando cita a obra de Richard A. Peterson.
- d) da negação de pontos de vista de acadêmicos; por exemplo, ao questionar o resultado do estudo conduzido por John Goldthorpe.
- e) do estabelecimento de contrastes; por exemplo, ao opor produções artísticas mais ou menos afinadas com o gosto da elite cultural tradicional.

QUESTÃO 25

(IDECAN/TÉCNICO/DETRAN-RO/2014)

Depois dos táxis, as 'caronas'

No princípio era o táxi. Dezenas de aplicativos de celular para chamar amarelinhos proliferaram no ano passado, seduzindo passageiros e incomodando cooperativas. Agora, a nova onda de soluções móveis para o trânsito tenta abolir taxistas por completo em busca de objetivo mais ambicioso: convencer motoristas a aderirem, de vez, às caronas.

Um dos modelos é inspirado em *softwares* que fazem sucesso – e barulho – em São Francisco e Nova York, a exemplo de *Uber* e *Lyft*. A primeira experiência do tipo no Brasil atende pelo nome de *Zaznu* – gíria em hebraico equivalente ao nosso "partiu?" – e começou pelo Rio, mês passado.

Por meio do *app*, donos de *smartphones* solicitam e oferecem caronas a desconhecidos. Tudo começa com o passageiro, que aciona o programa para pedir uma carona. Com base na localização e no perfil da pessoa, motoristas cadastrados que estiverem nas redondezas decidem se topam ou não pegá-lo. Quando a carona é aceita, os dois conversam por telefone para combinar o ponto de encontro.

Para garantir a segurança dos passageiros, o *Zaznu* diz entrevistar os motoristas cadastrados, além de checar antecedentes criminais. Já os passageiros precisam registrar um cartão de crédito para pagamentos "voluntários".

É justamente por não ser gratuito que o aplicativo já faz barulho. Tão logo surgiu, taxistas abriram a página no *Facebook "Zaznu*, a farsa da carona solidária", que denuncia "o crime que é







oferecer serviço de transporte em carro particular", como explicou o criador do grupo, Allan de Oliveira. O sindicato da categoria no Rio concorda.

 É irregular, iremos à Justiça. Mas temos certeza de que a prefeitura vai detê-lo – disse o diretor José de Castro.

Procurada por duas semanas, a Secretaria Municipal de Transportes do Rio não se manifestou. Em sua defesa, Yuri Faber, fundador do *Zaznu*, alegou que o aplicativo não constitui um serviço pago de transportes porque seus termos de uso classificam o pagamento como "doação opcional". A sugestão de preço equivale a 80% do preço que seria cobrado por um táxi no mesmo trajeto. A *Zaznu* fica com um quinto do valor, o resto vai para o motorista.

O passageiro tem todo o direito de decidir se paga, e quanto paga. O app só sugere um valor
 justificou.

(O Globo, 20/04/2014.)

De acordo com as estruturas textuais e seu principal objetivo, é correto afirmar que o texto é predominantemente:

- a) científico.
- b) instrutivo.
- c) dissertativo.
- **d)** informativo.
- e) argumentativo.

OUESTÃO **26**

(IDECAN/PROFESSOR/SEARH-RN/2016)

Arte e natureza

A natureza é uma grande musa. É por ela, e por meio dela, que sentimos a força criadora do entusiasmo – energia maior da inspiração que nos permite registrar, com prazer, a experiência da beleza refletida na harmonia das formas e no delicado equilíbrio das cores naturais. Para os antigos gregos, o entusiasmo (*em + theos*) nascia do encontro com odaimon, um gênio bondoso que seria o nosso guia pela vida inteira. Essa experiência nos permite também ter uma simpatia especial com o natural. E desperta a nossa criança interior, que estaria ansiosa para continuar brincando.







Esse é o momento em que o fotógrafo de natureza pega sua câmera, pois escuta a voz interior da inspiração falar: "Vá, exercite suas asas, faça o registro, descubra sua luz e espalhe sua voz pelos quatro cantos do mundo!" O desejo começará a fazer as pazes com o coração para que todos possam aprender, apreciar e amar a natureza. Conjugar o natural com o artístico, fazer da imagem um ornamento, um texto atraente – eis as primeiras condições de uma estética do natural.

O belo natural é a matriz primeira do belo artístico. Essa é a expressão mimética mais convincente da beleza ideal como tanto defendia Kant. É por isso que a arte ecológica tanto nos seduz, porque estimula o olhar na ampliação desse grande mistério que é ser. O artista é o que intui melhor esse sentimento e busca compulsivamente exprimi-lo por meio do seu trabalho. O artista ecológico vive dessa temperatura e é por meio da natureza que ele fala, ou melhor, é por ela que ele aprende a falar com sua própria voz. E o momento da criação surge quando, levados por aquela força inspiradora, a intuição e a experiência racional se abraçam numa feliz alguimia. Fiat lux! É o instante em que esse encontro torna-se obra, registro e documentação. Se o artista foi tocado pela musa, desse momento em diante será sempre favorecido por esse impulso. Essa força não é apenas a expressão passageira de uma vontade, mas uma busca pela vida toda na direção de algo ansioso por se tornar imagem. Esse algo é a obra de arte cuja função não vai ser apenas a de agradar, mas a de transmitir a mensagem daquela conivência. Quando o homem está inspirado, nada o detém. Se o sofrimento e toda sorte de obstáculos o atingem, ele cria na dor; e esse sacrifício (sacro-ofício), ao término da obra, se tornaria um exemplo de persistência e de nobreza de espírito. Se está feliz, ele expressa sua felicidade no trabalho. Nesse instante, por exemplo, o fotógrafo da natureza, no sozinho da sua alma, poderá dizer: "Translúcida inspiração, eu a vejo em brilho com seu sorriso pintado em azul. Deixe-me por um momento desenhar seu vulto na alquimia luminosa da minha lente!"

Podemos concluir que o brilho de uma obra de arte nunca se apaga, isto é, ela nunca termina de dizer. No sentido de que, enquanto houver espectador para avaliar, apreciar, cuidar, guardar e restaurar, haverá obra e, assim, ela estará sempre acima do tempo. Desse tempo que destrói, desfigura e mata. O quadro "Guernica", do pintor espanhol Pablo Picasso, por exemplo, devolve







ao avaliador uma mensagem tão poderosa que aquela obra provocará surpresa e admiração enquanto existir um olhar que a contemple e avalie.

E é esse olhar que faz da obra do tempo histórico uma surpreendente permanência, a despeito da perda do efêmero e do fugidio. No final, o artista, o espectador, a obra e o tempo se congratulam. É essa junção de forças que mantém vivo todo trabalho artístico. Ainda bem que a natureza sabe escolher com paciência seus artesãos. Isto é, aqueles que vão dizê-la com suas próprias vozes, como o fotógrafo, o escultor, o desenhista, o músico e o pintor.

(Alfeu Trancoso – Ambientalista e professor de Filosofia da PUC/Minas.)

O texto deve ser incluído, por suas marcas predominantes, entre o seguinte modo de organização discursiva:

- a) narrativo.
- b) descritivo.
- c) expositivo.
- d) argumentativo.

Questão 27

(IDECAN/AGENTE/PREFEITURA DE RIO NOVO DO SUL/2015)

Como cuidar de seu dinheiro em 2015

Gustavo Cerbasi.

Em 2015, cuidarei bem do meu dinheiro. Organizarei bem os números e as verbas. Esses números mudarão bastante ao longo do ano. Um monstro chamado inflação ronda o país. Só que, agora, ele usa um manto da invisibilidade, que ganhou de seu criador, o governo. Quando morder meu bolso, eu nem saberei de onde terá vindo o ataque, não terei tempo de me defender. Por isso, deixarei boas gorduras no orçamento para atirar a ele, quando aparecer. Essas gorduras serão chamadas de verba para lazer e reservas de emergência.

Em 2015, não farei apostas. Já há gente demais apostando em imóveis, ações e outros investimentos especulativos. Farei escolhas certeiras. Deixarei a maior parte de meu investimento na renda fixa. Ela está com uma generosidade única no mundo. Enquanto isso, estudo o desespero de especuladores que aguardarão a improvável recuperação dos imóveis, da Petrobras,





Bruno Pilastre

da credibilidade dos mercados. Quando esses especuladores jogarem a toalha, usarei parte de minhas reservas para fazer investimentos bons e baratos. Mas não na Petrobras.

Muita gente fala que, com a inflação e a recessão, pode perder o emprego ou os clientes. Faltará renda, faltarão consumidores. O ano de 2015 será, mais uma vez, ruim para quem vende. Será um ano bom para quem pensa em comprar. Estarei atento aos bons negócios para quem tem dinheiro na mão. Se a renda fixa paga bem, a compra à vista tende a me dar descontos maiores. É por esse mesmo motivo que, em 2015, evitarei as dívidas. Os juros estão altos e isso me convida a poupar, e não a alugar dinheiro dos bancos. Dívidas de longo prazo são corrigidas pela inflação, também em alta. Por isso, aproveitarei os ganhos extras de fim de ano para liquidar dívidas e me policiar para não contrair novas.

No ano que começa, também não quero fazer papel de otário e deixar nas mãos do governo mais impostos do que preciso. Não sonegarei. Mas aproveitarei o fim do ano para organizar meus papéis e comprovantes, planejar a declaração de Imposto de Renda de março e tentar a maior restituição que puder, ou o mínimo pagamento necessário. Listarei meus gastos com dependentes, educação e saúde, doarei para instituições que fazem o bem, aplicarei num PGBL o que for necessário para o máximo benefício. Entregarei minha declaração quanto antes, no início de março. Quero ver minha restituição na conta mais cedo, já que 2015 será um ano bom para quem tiver dinheiro na mão.

Para quem lamenta, recomendo cuidado com o monstro e com o governo. Para quem está atento às oportunidades, desejo boas compras.

(Disponível em: http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/gustavo-cerbasi/noticia/2015/01/como-cuidar-de-b-seu-dinheirob-em-2015.html Acesso em: 06/02/2015.)

De acordo com a tipologia textual, o objetivo principal do autor é:

- a) narrar.
- b) instruir.
- c) descrever.
- d) argumentar.



QUESTÃO 28

(IDECAN/ADVOGADO/HC-UFPE/2014)

Liberdade de imprensa e liberdade de opinião

Há muita dificuldade conceitual, especialmente no Judiciário, para entender o papel dos grupos de mídia e de conceitos como liberdade de imprensa, liberdade de opinião e direito à informação.

Tratam como se fossem conceitos similares.

Direito à informação e liberdade de expressão são direitos dos cidadãos, cláusulas pétreas da Constituição.

Liberdade de imprensa é um direito acessório das empresas jornalísticas. Por acessório significa que só se justifica se utilizado para o cumprimento correto da importantíssima missão constitucional que lhe foi conferida.

No Brasil, no entanto, o conceito de liberdade de imprensa tornou-se extraordinariamente elástico, fugindo completamente dos princípios que o originaram. E há enorme resistência do Judiciário em discutir o tema. É tabu.

Os grupos de mídia trabalham com jornalismo, entretenimento e *marketing*. E têm interesses comerciais próprios de uma empresa privada.

Jogaram todas as atividades de mídia debaixo da proteção da liberdade de imprensa, mesmo as não jornalísticas, tornando-as imunes a qualquer forma de controle seja de costumes seja da mera classificação indicativa.

Anos atrás, uma procuradora da República intimou a Rede Globo devido a conceitos incorretos sobre educação inclusiva propagados em uma novela. Foi alvo de artigos desmoralizadores do colunista Arthur Xexéo – "acusando-a" de pretender interferir no roteiro, ferindo a liberdade de expressão.

A ação proposta contra o apresentador Gugu, por ocasião da falsa reportagem sobre o PCC, rendeu reportagem desmoralizadora da revista Veja contra os proponentes da ação, em nome da liberdade de expressão.

A mera tentativa do Ministério da Justiça de definir uma classificação etária indicativa para programas de televisão foi torpedeada pela rede Globo, sob a acusação de interferência na liberdade de expressão.









Em todos os casos, a Justiça derrubou as ações em nome da liberdade de imprensa.

Quando o conceito de liberdade de imprensa foi desenvolvido – no bojo da criação do modelo de democracia norte-americano – o pilar central era o da mídia descentralizada, exprimindo a posição de grupos diversificados, permitindo que dessa atoarda nascessem consensos e representações.

As rádios comunitárias eram a expressão mais autêntica desse papel democratizante da mídia, assim como as mídias regionais.

Hoje as rádios comunitárias são criminalizadas. E as concessões públicas tornaram-se moeda de troca com grupos políticos, com coronéis eletrônicos, que a tratam como propriedade privada. É inacreditável a naturalidade com que se aceita o aluguel de horários para grupos religiosos, ou a venda das concessões para outros grupos, como se fossem propriedade privada e não um ativo público.

Tudo isso decorre da enorme concentração do setor, responsável por inúmeras distorções. Houve perda de representatividade da mídia regional, esmagamento das diferenças culturais, ideológicas.

Daí o movimento, em muitos países, por um marco regulatório que de maneira alguma interfira na liberdade de expressão. Mas que permita a desconcentração de mercado, promovendo o florescimento de novos grupos de mídia que tragam a diversificação e a pluralidade para o setor.

Enfim, instituir a verdadeira economia de mercado no setor.

(Luis Nassif. Disponível em: http://jornalggn.com.br/noticia/liberdade-de-imprensa-e-liberdade-de-opiniao.)

Acerca das características textuais e semânticas, o texto configura-se como sendo:

- a) narrativo.
- b) instrutivo.
- c) descritivo.
- d) explicativo.
- e) argumentativo.

QUESTÃO 29 (IDECAN/PESQUISADOR/INMETRO/2015)

A partir da década de 70, tendo como marco histórico a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e diante dos problemas oriundos da degradação ambiental, iniciou-se no mun-







do uma crescente consciência de que seria necessária uma forma diferenciada do ser humano se relacionar com a natureza, e de gerar e distribuir riquezas.

Por outro lado, em paralelo a este movimento chamado "verde", a desigualdade social foi nas últimas décadas expandindo numa velocidade vertiginosa e com ela crescendo a exclusão social e a violência.

Em decorrência destes dois fatores deparamo-nos, na década de 90, com um novo fenômeno social, qual seja a proliferação do 3º setor: a esfera pública não-estatal. Somado a isto, ganharam força os movimentos da qualidade empresarial e dos consumidores. De agente passivo de consumo, o consumidor passa a ser agente de transformação social, por meio do exercício do seu poder de compra, uso e descarte de produtos, de sua capacidade de poder privilegiar empresas que tinham valores outros que não somente o lucro na sua visão de negócios. Assim, sociedade civil e empresas passam a estabelecer parcerias na busca de soluções, diante da convicção de que o Estado sozinho não é capaz de solucionar a todos os problemas e a responder a tantas demandas.

É diante desta conjuntura que nasce o movimento da responsabilidade social. Movimento este que vem crescendo e ganhando apoio em todo o mundo, e que propõe uma aliança estratégica entre 1°, 2° e 3° setores na busca da inclusão social, da promoção da cidadania, da preservação ambiental e da sustentabilidade planetária, na qual todos os setores têm responsabilidades compartilhadas e cada um é convidado a exercer aquilo que lhe é mais peculiar, mais característico. E, para que essa aliança seja possível, a ética e a transparência são princípios fundamentais no modo de fazer negócios e de relacionar-se com todas as partes interessadas. À sociedade civil organizada cabe papel fundamental pelo seu poder ideológico – valores, conhecimento, inventividade e capacidades de mobilização e transformação.

A responsabilidade social conclama todos os setores da sociedade a assumirem a responsabilidade pelos impactos que suas decisões geram na sociedade e meio ambiente. Nesse sentido, os setores produtivos e empresariais ganham um papel particularmente importante, pelo impacto que geram na sociedade e seu poder econômico e sua capacidade de formular estratégias e concretizar ações.







Essa nova postura, de compartilhamento de responsabilidades, não implica, entretanto, em menor responsabilidade dos governos, ao contrário, fortalece o papel inerente ao governo de grande formulador de políticas públicas de grande alcance, visando o bem comum e a equidade social, aumentando sua responsabilidade em bem gerenciar a sua máquina, os recursos públicos e naturais na sua prestação de contas à sociedade. Além disso, pode e deve ser o grande fomentador, articulador e facilitador desse novo modelo que se configura de fazer negócios.

http://www.inmetro.gov.br/qualidade/responsabilidade_social/contextualizacao.asp.

De acordo com a predominância de certos elementos textuais, pode-se afirmar eu o texto apresentado é um exemplo de:

- a) injunção.
- b) narração.
- c) descrição.
- d) dissertação.
- e) conversação.

Questão 30

(IDECAN/AUXILIAR/CRA-MA/2014)

Pregos

Foi de repente. Dois quadros que tenho na parede da sala despencaram juntos. Ninguém os havia tocado, nenhuma ventania naquele dia, nenhuma obra no prédio, nenhuma rachadura. Simplesmente caíram, depois de terem permanecido seis anos inertes. Não consegui admitir essa gratuidade, figuei procurando uma razão para a queda, haveria de ter uma.

Poucos dias depois, numa dessas coincidências que não se explicam, estava lendo um livro do italiano Alessandro Baricco, chamado Novecentos, em que ele descrevia exatamente a mesma situação. "No silêncio mais absoluto, com tudo imóvel ao seu redor, nem sequer uma mosca se movendo, eles, zás. Não há uma causa. Por que precisamente neste instante? Não se sabe. Zás. O que ocorre a um prego para que decida que já não pode mais?"

Alessandro Baricco não procura desvendar esse mistério, apenas diz que assim é. Um belo dia a gente se olha no espelho e descobre que está velho. A gente acorda de manhã e descobre







que não ama mais uma pessoa. Um avião passa no céu e a gente descobre que não pode ficar parado onde está nem mais um minuto. Zás. Nossos pregos já não nos seguram.

Nascemos, ficamos em pé, crescemos e a partir daí começamos a sustentar nossas inquietações, nossos desejos inconfessos, algum sofrimento silencioso e a enormidade da nossa paciência. Nossos pregos são feitos de material maciço, mas nunca se sabe quanto peso eles podem aguentar. O quanto podemos conosco? Uma boa definição para felicidade: ser leve para si mesmo.

Sobre os meus quadros: foram recolocados na parede. Estão novamente fixos no mesmo lugar. Até que eles, ou eu, sejamos definitivamente vencidos pelo cansaço.

Disponível em: http://www.dihitt.com/barra/pregos-de-martha-medeiros.

Acerca do gênero textual, é correto afirmar que "Pregos" trata-se de um(a):

- a) conto
- b) crônica.
- c) descrição.
- d) dissertação.
- e) argumentação.

QUESTÃO 31

(IDECAN/AUXILIAR/COLÉGIO PEDRO II/2014)

A complicada arte de ver

Ela entrou, deitou-se no divã e disse: "Acho que estou ficando louca". Eu fiquei em silêncio aguardando que ela me revelasse os sinais da sua loucura. "Um dos meus prazeres é cozinhar. Vou para a cozinha, corto as cebolas, os tomates, os pimentões – é uma alegria! Entretanto, faz uns dias, eu fui para a cozinha para fazer aquilo que já fizera centenas de vezes: cortar cebolas. Ato banal sem surpresas. Mas, cortada a cebola, eu olhei para ela e tive um susto. Percebi que nunca havia visto uma cebola. Aqueles anéis perfeitamente ajustados, a luz se refletindo neles: tive a impressão de estar vendo a rosácea de um vitral de catedral gótica. De repente, a cebola, de objeto a ser comido, se transformou em obra de arte para ser vista! E o pior é que o mesmo aconteceu quando cortei os tomates, os pimentões... Agora, tudo o que vejo me causa espanto."





Bruno Pilastre

Ela se calou, esperando o meu diagnóstico. Eu me levantei, fui à estante de livros e de lá retirei as "Odes Elementales", de Pablo Neruda. Procurei a "Ode à Cebola" e lhe disse: "Essa perturbação ocular que a acometeu é comum entre os poetas. Veja o que Neruda disse de uma cebola igual àquela que lhe causou assombro: 'Rosa de água com escamas de cristal'. Não, você não está louca. Você ganhou olhos de poeta... Os poetas ensinam a ver".

William Blake sabia disso e afirmou: "A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê". Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo.

http://www.releituras.com/i_airon_rubemalves.asp. Acesso em: 05/2014.

"O autor narra os acontecimentos a partir de um ponto de vista, o foco nar	rativo. Deste modo,
é correto afirmar que, no texto, observa-se o foco narrativo em	, sendo a visão
dos fatos"	

Assinale a alternativa que completa correta e sequencialmente a afirmação anterior.

- a) terceira pessoa / neutra
- b) terceira pessoa / objetiva
- c) primeira pessoa / objetiva
- d) terceira pessoa / subjetiva
- e) primeira pessoa / subjetiva

QUESTÃO 32 (IDECAN/ADMINISTRADOR/AGU/2014)

[...] Pesquisas mostraram baixo *stress* em advogados defendendo causas difíceis, o qual virava alto *stress* diante do trânsito engarrafado. Policiais de Los Angeles tomam facas de criminosos, perseguem bêbados na estrada e terminam o dia na delegacia fazendo seu relatório. Supressa! O *stress* só aparece na delegacia, absolutamente segura. A lógica é cristalina. O advogado passou anos se preparando para lidar como *stress* dos tribunais, mas não os imponderáveis do trânsito. O mesmo ocorre com o policial. Tomar facas é sua profissão. Escrever um relatório que pode ser criticado por seus superiores é terreno pantanoso.





Bruno Pilastre

Em segundo lugar, stress não é necessariamente uma coisa ruim. Pode ser boa. O ato de criação pode ser estressante. Tarefas desafiadoras podem ser estressantes e boas. Portanto, evitar o stress pode significar distanciar-se de realizações. Entrar nas universidades de primeira linha é dificílimo. Mas é nelas que se concentram as melhores cabeças e de onde saem as melhores ideias e inovações. É por isso que ouvimos falar tanto de Harvard ou Stanford. [...]

Cláudio de Moura Castro – Veja, 23 de agosto de 2011.

De acordo com o tipo textual apreser	ntado, uma	é construída utilizando para
isso, como recurso,	·	

Assinale a alternativa que completa correta e sequencialmente a afirmativa anterior.

- a) exposição / exemplificação
- b) argumentação / exemplificação
- c) exposição / citação de autoridade
- d) dissertação / contra-argumentação
- e) argumentação / citação de autoridade

Questão 33

(IDECAN/AGENTE/AGU/2014)

50 anos depois

[...] No cinquentenário da República, ninguém questionava a quartelada que derrubou o Império em 1889. Nos 50 anos do Estado Novo, poucos deram atenção ao período que transformou a economia e a sociedade brasileiras. Pois hoje, dia 31 de março de 2014, 50 anos depois do golpe militar, o Brasil é tomado de debates inflamados e de um surto incomum de memória histórica. [...]

Houve avanços em quase todas essas áreas. Estabilizamos a moeda, distribuímos renda, pusemos as crianças na escola. As conquistas não são poucas, vieram aos poucos e estão longe de terminadas. Todas elas são fruto do ambiente livre, em que diferentes ideias podem ser debatidas e testadas. Todas são fruto, numa palavra, da democracia.

Eis a principal diferença entre os dois Brasis, separados por 50 anos: em 1964 havia, à direita e à esquerda, ceticismo em relação à democracia; hoje, não mais. Se há pensamento autoritário no país, ele é minoritário. Nossas instituições democráticas deram prova de vitalidade ao promover o *impeachment* de um presidente, a condenação de corruptos poderosos no caso do







mensalão e ao manter ampla liberdade de opinião e de expressão. A cada eleição, o brasileiro gosta mais da democracia.

Nada disso significa, porém, que possamos considerá-la uma conquista perene e consolidada. Democracias jovens, como Venezuela, Argentina ou Rússia, estão aí para mostrar como o espectro do autoritarismo pode abalar os regimes de liberdade. A luta pela democracia e pelas liberdades individuais precisa ser constante, consistente e sem margem para hesitação.

Helio Gurovitz. Época, 31 de março de 2014.

De acordo com a estrutura e os recursos utilizados no texto na construção das ideias, é correto afirmar que se trata de um texto, predominantemente,

- a) apelativo.
- b) instrutivo.
- c) expositivo.
- d) informativo.
- e) argumentativo.

Questão 34

(INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/TRT 1º REGIÃO/2018)

A indústria do espírito

Jordi Soler - 23 DEZ 2017 - 21:00

O filósofo Daniel Dennett propõe uma fórmula para alcançar a felicidade: "Procure algo mais importante que você e dedique sua vida a isso".

Essa fórmula vai na contracorrente do que propõe a indústria do espírito no século XXI, que nos diz que não há felicidade maior do que essa que sai de dentro de si mesmo, o que pode ser verdade no caso de um monge tibetano, mas não para quem é o objeto da indústria do espírito, o atribulado cidadão comum do Ocidente que costuma encontrar a felicidade do lado de fora, em outra pessoa, no seu entorno familiar e social, em seu trabalho, em um passatempo, etc. [...]

A indústria do espírito, uma das operações mercantis mais bem-sucedidas de nosso tempo, cresceu exponencialmente nos últimos anos, é só ver a quantidade de instrutores e pupilos de *mindfulness* e de ioga que existem ao nosso redor. *Mindfulness* e ioga em sua versão pop para o Ocidente, não precisamente as antigas disciplinas praticadas pelos mestres orientais,





Bruno Pilastre

mas um produto prático e de rápida aprendizagem que conserva sua estética, seu *merchandising* e suas toxinas culturais. [...]

Frente ao argumento de que a humanidade, finalmente, tomou consciência de sua vida interior, por que demoramos tanto em alcançar esse degrau evolutivo?, proporia que, mais exatamente, a burguesia ocidental é o objetivo de uma grande operação mercantil que tem mais a ver com a economia do que com o espírito, a saúde e a felicidade da espécie humana. [...]

A indústria do espírito é um produto das sociedades industrializadas em que as pessoas já têm muito bem resolvidas as necessidades básicas, da moradia à comida até o Netflix e o Spotify. Uma vez instalada no angustiante vazio produzido pelas necessidades resolvidas, a pessoa se movimenta para participar de um grupo que lhe procure outra necessidade.

Esse crescente coletivo de pessoas que cavam em si mesmas buscando a felicidade já conseguiu instalar um novo narcisismo, um egocentrismo *new age*, um egoísmo raivosamente autorreferencial que, pelo caminho, veio alterar o famoso equilíbrio latino de *mens sana in corpore sano*, desviando-o descaradamente para o corpo. [...]

Esse inovador egocentrismo *new* age encaixa divinamente nessa compulsão contemporânea de cultivar o físico, não importa a idade, de se antepor o *corpore* à *mens*. Ao longo da história da humanidade o objetivo havia sido tornar-se mais inteligente à medida que se envelhecia; os idosos eram sábios, esse era seu valor, mas agora vemos sua claudicação: os idosos já não querem ser sábios, preferem estar robustos e musculosos, e deixam a sabedoria nas mãos do primeiro iluminado que se preste a dar cursos. [...]

Parece que o requisito para se salvar no século XXI é inscrever-se em um curso, pagar a alguém que nos diga o que fazer com nós mesmos e os passos que se deve seguir para viver cada instante com plena consciência. Seria saudável não perder de vista que o objetivo principal dessas sessões pagas não é tanto salvar a si mesmo, mas manter estável a economia do espírito que, sem seus milhões de subscritores, regressaria ao nível que tinha no século XX, aquela época dourada do hedonismo suicida, em que o *mindfulness* era patrimônio dos monges, a ioga era praticada por quatro gatos pingados e o espírito era cultivado lendo livros em gratificante solidão.

Sobre tipologia e gêneros textuais, assinale a alternativa correta.





Bruno Pilastre

- a) O texto "A indústria do espírito" apresenta, majoritariamente, a tipologia narrativa, a qual tipicamente emprega verbos no pretérito, como é possível notar neste excerto: "A indústria do espírito, uma das operações mercantis mais bem-sucedidas de nosso tempo, cresceu exponencialmente nos últimos anos [...]".
- b) Não há um número definido de tipologias textuais, uma vez que elas surgem e desaparecem conforme as necessidades sociodiscursivas de determinada comunidade.
- c) O segundo parágrafo do texto "Aindústria do espírito" é composto por períodos simples, típicos da tipologia injuntiva.
- d) A maneira com que o texto "A indústria do espírito" se inicia, utilizando uma citação, é comum no gênero textual carta aberta.
- e) O texto "A indústria do espírito" é um exemplar do gênero textual artigo de opinião.

QUESTÃO 35 (INSTITUTO AOCP/ANALISTA/TRT-1ª REGIÃO/2018)

[...] Saiu da casa da cartomante aos tropeços e parou no beco escurecido pelo crepúsculo — crepúsculo que é hora de ninguém. Mas ela de olhos ofuscados como se o último final da tarde fosse mancha de sangue e ouro quase negro. Tanta riqueza de atmosfera a recebeu e o primeiro esgar da noite que, sim, sim, era funda e faustosa. Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras — desde Moisés se sabe que a palavra é divina. Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou: seus olhos faiscavam como o sol que morria. Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora é já, chegou a minha vez! E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a — e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho.

Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era







nada, pensou ela, apenas um empurrão. Batera com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta. E da cabeça um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico. O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça não teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito. [...]

A Hora da Estrela. Clarice Lispector.

De acordo com o texto, assinale a alternativa correta.

- a) O narrador, em primeira pessoa, descreve o momento em que a personagem vai à casa de uma vidente e descobre estar grávida.
- b) Trata-se de um texto predominantemente dissertativo, em que se expõe o relato de uma tragédia ocorrida com Macabéa.
- c) A mudança na vida de Macabéa, citada em "[...] pois sua vida já estava mudada.", refere-se à viagem empreendida por ela, que se realizara após encontrar o carro que estava à sua espera.
- d) O excerto demonstra a fragilidade social da personagem que, ironicamente, teve um momento de esperança antes de ser atropelada.
- e) A narrativa descreve uma cena trivial de final de tarde, em que Macabéa presencia o atropelamento e a morte de um cavalo.

Questão 36

(INSTITUTO AOCP/ANALISTA/TRT-1ª REGIÃO/2018)

Os medos que o poder transforma em mercadoria política e comercial

Zygmunt Bauman

O medo faz parte da condição humana. Poderíamos até conseguir eliminar uma por uma a maioria das ameaças que geram medo (era justamente para isto que servia, segundo Freud, a civilização como uma organização das coisas humanas: para limitar ou para eliminar totalmente as ameaças devidas à casualidade da Natureza, à fraqueza física e à inimizade do próximo): mas, pelo menos até agora, as nossas capacidades estão bem longe de apagar a "mãe de todos os medos", o "medo dos medos", aquele medo ancestral que decorre da consciência da nossa mortalidade e da impossibilidade de fugir da morte.

Embora hoje vivamos imersos em uma "cultura do medo", a nossa consciência de que a morte é inevitável é o principal motivo pelo qual existe a cultura, primeira fonte e motor de cada e toda





Bruno Pilastre

cultura. Pode-se até conceber a cultura como esforço constante, perenemente incompleto e, em princípio, interminável para tornar vivível uma vida mortal. Ou pode-se dar mais um passo: é a nossa consciência de ser mortais e, portanto, o nosso perene medo de morrer que nos tornam humanos e que tornam humano o nosso modo de ser-no-mundo.

A cultura é o sedimento da tentativa incessante de tornar possível viver com a consciência da mortalidade. E se, por puro acaso, nos tornássemos imortais, como às vezes (estupidamente) sonhamos, a cultura pararia de repente [...].

Foi precisamente a consciência de ter que morrer, da inevitável brevidade do tempo, da possibilidade de que os projetos fiquem incompletos que impulsionou os homens a agir e a imaginação humana a alçar voo. Foi essa consciência que tornou necessária a criação cultural e que transformou os seres humanos em criaturas culturais. Desde o seu início e ao longo de toda a sua longa história, o motor da cultura foi a necessidade de preencher o abismo que separa o transitório do eterno, o finito do infinito, a vida mortal da imortal; o impulso para construir uma ponte para passar de um lado para outro do precipício; o instinto de permitir que nós, mortais, tenhamos incidência sobre a eternidade, deixando nela um sinal imortal da nossa passagem, embora fugaz.

Tudo isso, naturalmente, não significa que as fontes do medo, o lugar que ele ocupa na existência e o ponto focal das reações que ele evoca sejam imutáveis. Ao contrário, todo tipo de sociedade e toda época histórica têm os seus próprios medos, específicos desse tempo e dessa sociedade. Se é incauto divertir-se com a possibilidade de um mundo alternativo "sem medo", em vez disso, descrever com precisão os traços distintivos do medo na nossa época e na nossa sociedade é condição indispensável para a clareza dos fins e para o realismo das propostas. [...]

http://www.ihu.unisinos.br/563878-os-medos-que-o -poder-transforma-em-mercadoria-politica-e-comercial-artigo-dezygmunt-bauman

Em relação ao texto, assinale a alternativa correta.

- a) Uma das propriedades linguísticas que caracterizam o texto como argumentativo é a predominância de formas verbais no pretérito.
- b) Os verbos e pronomes em primeira pessoa do plural, presentes em "Poderíamos até conseguir eliminar uma por uma a maioria das ameaças que geram medo [...]" e "[...] é a nossa cons-







ciência de ser mortais e, portanto, o nosso perene medo [...]" são fortes marcas do tipo textual injuntivo, predominante no texto.

- c) O tipo argumentativo é o eixo da construção do texto, tendo em vista que o autor defende uma tese por meio de relações lógicas de argumentação. Uma dessas relações é a de condição, presente no excerto "E se, por puro acaso, nos tornássemos imortais, como às vezes (estupidamente) sonhamos, a cultura pararia de repente [...]".
- d) Não é possível classificar o tipo textual predominante no texto, uma vez que os tipos textuais constituem uma lista irrestrita na cultura linguística. Ao contrário disso, os gêneros textuais compõem uma lista restrita, o que possibilita que se classifique o texto como um artigo de opinião.
- e) O amplo uso de figuras de linguagem, especialmente de metáforas, no texto, é uma pista de que o tipo narrativo é o eixo da construção textual, enriquecendo as formas de expressão do autor a partir do uso de uma linguagem denotativa.

Ouestão 37

(INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CÂMARA DE MARINGÁ/2017)

Oh! Minas Gerais

O irresistível sotaque dos mineiros me encanta.

Sei que deveria ir mais a Minas Gerais do que vou, umas duas, três vezes ao ano. Pra rever meus parentes, meus amigos, pra não perder o sotaque.

Sotaque que, acho eu, fui perdendo ao longo dos anos, desde aquele 1973, quando abandonei Belo Horizonte pra ir morar a mais de dez mil quilômetros de lá.

Senti isso quando, outro dia, pousei no aeroporto de Uberlândia e fui direto na lanchonete comer um pão de queijo que, fora de brincadeira, é mesmo o mais gostoso do mundo.

- Cê qué qui eu isquento um tiquinho procê?

Foi assim que a mocinha me recebeu, quase de braços abertos, como se fosse uma amiga íntima de longo tempo.

Sei não, mas eu acho que o sotaque mineiro aumentou – e muito – desde que parti. Quando peguei o primeiro avião com destino à felicidade, todos chamavam o centro de Belo Horizonte de cidade. O trólebus subia a Rua da Bahia, as pessoas tomavam Guarapan, andavam de Opala, ouviam Fagner cantando Manera Fru Fru, Manera, chamavam acidente de trombada e a polícia de Radio Patrulha.







Como pode, meu filho mais velho, que nasceu tão longe de Beagá, e, que hoje mora lá, me ligar e perguntar:

- E ai pai, tudo jóia, tudo massa?

A repórter Helena de Grammont, quando ainda trabalhava no Show da Vida, voltou encantada de lá e veio logo me perguntar se o sotaque mineiro era mesmo assim ou se estavam brincando com ela. Helena estava no carro da Globo, procurando um endereço perto de Belo Horizonte, quando perguntou para um guarda de trânsito se ele poderia ajudá-la. A resposta veio de imediato.

- Cê ségui essa istrada toda vida e quando acabá o piche, cê quebra pra lá e continua siguino toda vida!

Já virou folclore esse negócio de mineiro engolir parte das palavras. Debaixo da cama é badacama, conforme for é confórfô, quilo de carne é kidicarne, muito magro é magrilin, atrás da porta é trádaporta, ponto de ônibus é pôndions, litro de leite é lidileiti, massa de tomate é mastumati e tira isso daí é tirisdaí.

Isso é verdade. Um garoto que mora em São Paulo foi a Minas Gerais e voltou com essa: Lá deve ser muito mais fácil aprender o português porque as palavras são muito mais curtas.

Mineiro quando para num sinal de trânsito, se está vermelho, ele pensa: Péra. Se pisca o amarelo: Prestenção. Quando vem o verde: Podií.

Mas não é só esse sotaque delicioso que o mineiro carrega dentro dele. Carrega também um jeitinho de ser.

A Gabi, amiga nossa mineira, que mora em São Paulo há anos, toda vez que vem, aqui em casa, chega com um balaio de casos de Minas Gerais.

Da última vez que foi a Minas, ela viu na mesa de café da tia Teresa uma capinha de crochê, cobrindo a embalagem do adoçante. Achou aquilo uma graça e comentou com a tia prendada. Pra quê? Tem dias que Teresa não dorme, preocupada querendo saber qual é a marca do adoçante que a Gabi usa, pra ela fazer uma capinha igual, já que ela gostou tanto. Chega a ligar interurbano pra São Paulo:

- Num isquéci de mi falá a marca do seu adoçante não, preu fazê a capinha de crocrê procê... Coisa de mineiro.



Bastou ela contar essa história que a Catia, outra amiga mineira – e praticante – que estava aqui em casa também, contar a história de um doce de banana divino que comeu na casa da mãe, dona Ita, a última vez que foi lá. Depois de todos elogiarem aquele doce que merecia ser comido de joelhos, ela revelou o segredo:

- Cês criditam que eu vi um cacho de banana madurin, bonzin ainda, no lixo do vizinho, e pensei: Genti, num podêmo dispidiçá não!

Mais de quarenta anos depois de ter deixado minha terra querida, o jeito mineiro de ser me encanta e cada vez mais.

Quer saber o que é ser mineiro? No final dos anos 80, quando o meu primeiro casamento se acabou, minha mãe, que era uma mineira cem por cento, queria saber se eu já "tinha outra", como se diz lá em Minas Gerais. Um dia, cedo ainda, ela me telefonou e, ao invés de perguntar assim, na lata, se eu já tinha um novo amor, usou seu modo bem mineiro de ser:

 - Eu tava pensâno em comprá um jogo de cama procê, mas tô aqui sem sabê. Sua cama nova é di casal ou di soltero?

Oh! Minas Gerais. Alberto Villas.

Em relação à tipologia textual, no texto Oh! Minas Gerais, há o predomínio do tipo:

- a) argumentativo, visto que o autor busca convencer o seu leitor sobre o quão irresistível é o sotaque mineiro.
- b) descritivo, pois o autor descreve, por meio de exemplos, o sotaque mineiro.
- c) instrutivo, visto que o autor incentiva o uso do sotaque mineiro.
- d) narrativo, uma vez que o autor narra suas memórias sobre o falar mineiro.
- e) expositivo, pois o autor declara toda sua admiração sobre o sotaque dos mineiros.

QUESTÃO 38

(INSTITUTO AOCP/PROFESSOR/IFBA/2016)

O desafio de usar a tecnologia a favor do ensino

Não basta usar computador e tablet em sala de aula.

Professores devem estar capacitados para auxiliar e orientar alunos

Não restam dúvidas sobre a intensa presença da tecnologia no dia a dia dos jovens – uma geração que já nasceu conectada com o mundo virtual – e os impactos que esse novo perfil de aluno traz ao ambiente escolar. Esse contexto lança o desafio para escolas e professores





Bruno Pilastre

sobre como usar os novos recursos tecnológicos a favor do ensino. Lutar contra a presença deles não é mais visto como uma opção.

"Estamos no século 21, não tem como dar aula como se dava há 10 anos", diz Glaucia Brito, professora do departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e especialista em Tecnologia na Educação. Para ela, a escola está atrasada. Os jovens são outros e os professores precisam se transformar para seguir essa mudança.

O uso da tecnologia pode ser proveitoso no estudo interativo de conteúdos, tornando-os mais atraentes e fazendo com que o aluno adote uma postura mais participativa. No Colégio Dom Bosco, em Curitiba, tablets e netbooks são fornecidos aos alunos desde o 6º ano do ensino fundamental. "A ideia é tentar falar a mesma linguagem [dos alunos]. Não adianta ser diferente em casa. Trabalhamos o uso responsável", explica o professor de Física e coordenador de Tecnologias, Raphael Corrêa.

A escola trabalha de duas maneiras: recorre a objetos educacionais digitais, como vídeos, animações, imagens e infográficos, para dar suporte às aulas, e estimula a pesquisa dos alunos na internet, com a orientação do professor sobre como encontrar a informação desejada de forma segura e a partir de fontes confiáveis. Entretanto, não são só benefícios que os dispositivos móveis trazem. O colégio controla o uso quando a aula não necessita dos aparelhos e bloqueia o acesso às redes sociais, os principais vilões quando o assunto é distração.

"Tem professor que reclama que os alunos não prestam atenção, ficam só no celular. Mas, na minha época, por exemplo, nos distraíamos com gibi. A questão é como está a aula do professor", avalia Glaucia, que defende ser possível dar uma aula de qualidade e atraente mesmo sem usar aparatos modernos.

Envolvimento

No Colégio Sion, a tecnologia é mais usada pelos professores, embora os alunos também usufruam em determinados momentos. Para a coordenadora do ensino médio, Cinthia Reneaux, é preciso fazer com que o estudante participe do processo, saiba contar o que aprendeu. "Para não ficar muito no virtual, fazemos muitos seminários, debates e pesquisas. Tentamos resgatar o diálogo, a conversa e discussão entre eles", explica Cinthia, citando o formato semicircular na disposição das carteiras nas salas para facilitar o método.







http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-desafio-de-usar-a-tecnologia-a-favor-do-ensino-almosyp83vcnzak-775day3bi

Os textos, de acordo com a sua intencionalidade, estrutura e formato, podem ser classificados de acordo com sua tipologia. Com relação ao texto "O desafio de usar a tecnologia a favor do ensino", é correto afirmar que ele pode ser classificado como:

- a) epistolar.
- b) narrativo.
- c) informativo.
- d) injuntivo.
- e) descritivo.

QUESTÃO 39

(INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/CASAN/2016)

"Estamos Enlouquecendo Nossas Crianças! Estímulos Demais... Concentração de Menos"
31 Maio 2015 em Bem-Estar, filhos

Vivemos tempos frenéticos. A cada década que passa o modo de vida de 10 anos atrás parece ficar mais distante: 10 anos viraram 30, e logo teremos a sensação de ter se passado 50 anos a cada 5. E o mundo infantil foi atingido em cheio por essas mudanças: já não se educa (ou brinca, alimenta, veste, entretêm, cuida, consola, protege, ampara e satisfaz) crianças como antigamente!

O iPad, por exemplo, já é companheiro imprescindível nas refeições de milhares de crianças. Em muitas casas a(s) TV(s) fica(m) ligada(s) o tempo todo na programação infantil – naqueles canais cujo volume aumenta consideravelmente durante os comerciais – mesmo quando elas estão comendo com o iPad à mesa.

Muitas e muitas crianças têm atividades extracurriculares pelo menos três vezes por semana, algumas somam mais de 50 horas semanais de atividades, entre escola, cursos, esportes e reforços escolares.

Existe em quase todas as casas uma profusão de brinquedos, aparelhos, recursos e pessoas disponíveis o tempo todo para garantir que a criança "aprenda coisas" e não "morra de tédio". As pré- escolas têm o mesmo método de ensino dos cursos pré-vestibulares.





Bruno Pilastre

Tudo está sendo feito para que, no final, possamos ocupar, aproveitar, espremer, sugar, potencializar, otimizar e, finalmente, capitalizar todo o tempo disponível para impor às nossas crianças uma preparação praticamente militar, visando seu "sucesso". O ar nas casas onde <u>essa</u> preocupação é latente chega a ser denso, tamanha a pressão que as crianças sofrem por desenvolver uma boa competitividade. *Porém*, o excesso de estímulos sonoros, visuais, físicos e informativos impedem que a criança organize seus pensamentos e atitudes, de verdade: fica tudo muito confuso e nebuloso, e as próprias informações se misturam fazendo com que a criança mal saiba descrever o que acabou de ouvir, ver ou fazer.

Além disso, aptidões que devem ser estimuladas estão sendo deixadas de lado: Crianças não sabem conversar. Não olham nos olhos de seus interlocutores. Não conseguem focar em uma brincadeira ou atividade de cada vez (na verdade a maioria sequer sabe brincar sem a orientação de um adulto!). Não conseguem ler um livro, por menor que seja. Não aceitam regras. Não sabem o que é autoridade. Pior e principalmente: não sabem esperar.

Todas essas qualidades são fundamentais na construção de um ser humano íntegro, independente e pleno, e devem ser aprendidas em casa, em suas rotinas.

Precisamos pausar. Parar e olhar em volta. Colocar a mão na consciência, tirá-la um pouco da carteira, do telefone e do volante: estamos enlouquecendo nossas crianças, e as estamos impedindo de entender e saber lidar com seus tempos, seus desejos, suas qualidades e talentos. Estamos roubando o tempo precioso que nossos filhos tanto precisam para processar a quantidade enorme de informações e estímulos que nós e o mundo estamos lhes dando.

Calma, gente. Muita calma. Não corramos para cima da criança com um iPad na mão a cada vez que ela reclama ou achamos que ela está sofrendo de "tédio". Não obriguemos a babá a ter um repertório mágico, que nem mesmo palhaços profissionais têm, para manter a criança entretida o tempo todo. O "tédio" nada mais é que a oportunidade de estarmos em contato conosco, de estimular o pensamento, a fantasia e a concentração.

Sugiro que leiamos todos, pais ou não, "O Ócio Criativo" de Domenico di Masi, para que entendamos a importância do uso consciente do nosso tempo.

E já que resvalamos o assunto para a leitura: nossas crianças não lêem mais. Muitos livros infantis estão disponíveis para tablets e iPads, cuja resposta é imediata ao menor estímulo e descaracteriza a principal função do livro: parar para ler, para fazer a mente respirar, aprender







a juntar uma palavra com outra, paulatinamente formando frases e sentenças, e, finalmente, concluir um raciocínio ou uma estória.

Cerquem suas crianças de livros e leiam com elas, por amor. Deixem que se esparramem em almofadas e facam sua imaginação voar!

http://www.saudecuriosa.com.br/estamos-enlouquecendo-nossas-criancas-estimulos-demais-concentracao-de--menos/

Qual é o gênero textual que mais se adequa ao texto "Estamos Enlouquecendo Nossas Crianças! Estímulos Demais... Concentração de Menos"?

- a) Relatório Científico.
- b) Artigo de opinião.
- c) Debate.
- d) Charge.
- e) Carta.

QUESTÃO 40

(INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CASAN/2016)

Campinas tem alerta após 10 casos de microcefalia

Por Inaê Miranda – publicado em 05/12/2015

O número de casos de microcefalia registrados em Campinas chegou a dez, segundo informou na última sexta-feira (4) a diretora do Departamento de Vigilância em Saúde (Devisa), Brigina Kemp. Todos os bebês nasceram em Campinas, mas três deles são de mães moradoras de Sumaré.

Uma criança nasceu no mês de outubro, a segunda no dia 3 de novembro e as outras oito nasceram nos últimos dias — do final de novembro até ontem. A média anual da doença até 2014 era de um registro, o que torna os casos recentes uma preocupação para os Serviços de Saúde da cidade. O município apura a relação dos casos com o zika vírus.

No último sábado, o Ministério da Saúde confirmou a relação entre o zika vírus e o surto de microcefalia na região Nordeste do País. Até esta data, foram notificados 1.248 casos suspeitos, identificados em 311 municípios de 14 unidades da federação. Até então, São Paulo não figurava nesta lista e os únicos dois casos registrados ocorreram em Sumaré e São José do







Rio Preto. Segundo a Secretaria Municipal de Saúde, o vírus pode ter ocorrido na cidade sem que as autoridades tenham conhecimento.

Segundo Brigina, Campinas está contabilizando os casos dos três residentes de Sumaré porque os bebês nasceram na cidade. "A gente notifica, avisando que é de outro município e esse município também é informado. As investigações iniciais ocorrem aqui e, na hora que a criança tem alta, a investigação tem continuidade na cidade onde ela reside", explicou.

Ela informou que as crianças nasceram nas redes pública e privada, sendo que a maior parte foi na Maternidade de Campinas. "Quase todos", disse. Uma das mães é moradora de rua e usuária de crack. "Mas todos os dez permanecem sob investigação para o zika. Não confirmamos nenhum até agora, mas também não descartamos."

A diretora do Devisa acrescentou que as mães estão recebendo toda a assistência necessária. "Se alguma mãe não tem condição de fazer a tomografia, nós estamos fazendo."

Campinas tinha um caso de microcefalia por ano, entre 2010 a 2014, causada por infecção congênita. Sendo que em 2011 foram registrados quatro casos de microcefalia por infecção congênita. "Mas a gente acredita que esse era um número subnotificado. Agora todos estão bem sensibilizados para fazer as notificações", disse.

Segundo Brigina, esse aumento da notificação pode estar relacionado com o alerta que foi dado pelo Ministério da Saúde.

Múltiplas causas

A microcefalia não é uma doença nova. Trata-se de uma malformação congênita, em que o cérebro não se desenvolve de maneira adequada. "É quando você mede a cabeça e vê que está menor do que deveria ser para a idade gestacional em que o bebê nasceu", explicou Brigina.

A especialista esclarece que a microcefalia pode ser efeito de uma série de fatores de diferentes origens. "Microcefalia não significa zika vírus. É importante dizer isso para as pessoas não relacionarem imediatamente esses 10 casos de Campinas ao vírus", diz.

As causas, segundo ela, em geral são o uso de drogas, medicamentos, cigarro, tabagismo, bebida, traumatismo, falta de irrigação adequada da cabeça do bebê durante a gestação, contato com radiação, fatores genéticos e uma série de vírus ou outros agentes infecciosos, chamados de infecção congênita.







Segundo Brigina, o que tem causado a microcefalia nas crianças é o que está em questão. "As notificações chegaram para a gente e agora vamos investigar." De acordo com ela, a investigação consiste num exame de tomografia sem contraste, exames no sangue, na urina e no líquor, que é um líquido do sistema nervoso da coluna.

As tomografias estão sendo feitas em Campinas, mas os exames estão sendo conduzidos pelo Instituto Adolfo Lutz, na Capital. "Vai para o Lutz porque toda doença sob vigilância e de importância para saúde pública a gente tem que fazer num laboratório de referência de saúde pública."

Vírus

Segundo as secretarias estadual e municipal de Saúde, o vírus zika não está circulando em São Paulo. Brigina, entretanto, não descarta que ele tenha entrado no Estado e se mantém despercebido. "Só posso dizer que tem uma possibilidade. E porque digo que tem uma possibilidade? Porque o vírus circulou amplamente no Norte e Nordeste, tem um percentual de casos que não apresentam sintomas, e porque é transmitido pelo mosquito Aedes aegypti."

Desde junho, Campinas organizou cinco unidades sentinelas na tentativa de detecção precoce do zika vírus. "A gente se organizou para tentar detectar, mas isso não me dá garantia de dizer que não teve. As pessoas circulam e viajam muito hoje em dia pelo País."

http://correio.rac.com.br/_conteudo/2015/12/campinas_e_rm-c/402739-campinas-tem-alerta-apos-dez-casos-de-microcefalia.html

Qual é a tipologia do texto "Campinas tem alerta após 10 casos de microcefalia"?

- a) Texto narrativo.
- b) Texto dissertativo.
- c) Texto descritivo.
- d) Texto informativo.
- e) Texto injuntivo.

QUESTÃO 41 (IADES/ASSISTENTE/APEX BRASIL/2018)

Há vários países que possuem economias dinâmicas e diversificadas, que apresentam uma participação percentual significativa na corrente mundial de comércio e que desenvolveram





Bruno Pilastre

parques industriais e um universo empresarial diversificado e pujante. No entanto, muitos não sabem que vários desses países não possuem grandes mercados internos e que, para crescer e ampliar os negócios, suas empresas buscaram o caminho do comércio exterior.

O Brasil possui um grande mercado interno, o que, sem dúvida, representou uma oportunidade e uma situação cômoda para muitas empresas, que preferiram priorizar o mercado doméstico e não chegaram a se interessar seriamente pelas exportações. Entretanto, mesmo nesse cenário, cada vez mais, os empresários brasileiros começam a considerar as exportações como uma decisão estratégica importante para as respectivas empresas e para o desenvolvimento dos próprios negócios.

Perceberam que, ao exportar, a empresa adquire um diferencial de qualidade e competência, pois precisa adequar seus produtos aos padrões do mercado externo, precisa gerenciar condições que não ocorriam anteriormente e obtém ganhos de competitividade. A empresa que passa a exportar de forma sustentável, geralmente, obtém melhoria da sua imagem com fornecedores, bancos e clientes, e isso se reflete, também, em suas operações no mercado interno. Outra vantagem bastante perceptível é a melhoria da qualidade do produto. Esta também tende a aumentar, pois a empresa tem de adaptá-lo às exigências do mercado ao qual se destina, o que a obriga a aperfeiçoá-lo.

Com relação à tipologia textual, assinale a alternativa correta.

- a) O texto é predominantemente argumentativo, visto que defende uma ideia acerca do comércio exterior de alguns países.
- b) O texto é predominantemente narrativo, pois narra fatos ocorridos em alguns países do mundo, quanto ao comércio destes.
- c) O texto é predominantemente informativo, uma vez que busca transmitir informações a respeito do comércio exterior e da respectiva relevância para a economia mundial.
- d) O texto é predominantemente descritivo, o que se verifica pelo emprego de um número expressivo de substantivos e adjetivos, cuja função no texto é caracterizar o comércio exterior.
- e) O texto apresenta características de mais de um tipo textual, com trechos argumentativos (como o primeiro parágrafo) e trechos descritivos (como o segundo parágrafo).







QUESTÃO 42 (IADES/ANALISTA/APEX BRASIL/2018)

Apesar do pessimismo generalizado em relação à guerra comercial entre os Estados Unidos da América (EUA) e a China, as barreiras impostas de um lado a outro contribuíram para aumentar as exportações brasileiras para os dois países em alguns setores.

Um levantamento feito pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) mostra que, de janeiro a julho deste ano, aumentaram as vendas para esses países de produtos como siderúrgicos, proteína animal e soja. Os setores atribuem o crescimento das exportações, em parte, à imposição de barreiras comerciais entre americanos e chineses.

Em retaliação às sobretaxas impostas pelos americanos, a China também aumentou as tarifas de importação de produtos dos EUA, o que trouxe um efeito colateral positivo para a venda de produtos brasileiros para aquele mercado. Com isso, de janeiro a julho, houve alta de 18% na venda de soja para a China, o que já é visto como um sinal de que o Brasil pode ocupar o espaço dos EUA no fornecimento do grão ao país asiático. A venda de carne de porco aumentou em 199% para a China nesse período.

Já a exportação de siderúrgicos subiu 38% no período para os EUA, passando de US\$ 1,3 bilhão para US\$ 1,8 bilhão. Em volume, as vendas crescem 14,2% no ano, acima do patamar de alta permitido pelos americanos para este ano. Em maio, os EUA estabeleceram tarifas de 25% para a importação de aço de países como a China e os da União Europeia. O Brasil ficou fora da sobretaxa, mas foi estabelecida uma cota anual com base na média das vendas do produto brasileiro nos últimos três anos, o que, na prática, permite uma alta de cerca de 7% sobre 2017. Com relação à tipologia textual, assinale a alternativa certa.

- a) O primeiro parágrafo do texto poderia ser considerado como a introdução de um texto argumentativo, em que se apresenta uma ideia que será defendida: o aumento das exportações brasileiras para os Estados Unidos da América (EUA) e a China.
- b) O terceiro parágrafo do texto é predominantemente narrativo, visto que narra fatos que se sucederam ao longo do tempo nos EUA e na China.
- c) O quarto parágrafo do texto descreve objetivamente a exportação de siderúrgicos, pelo que pode ser considerado como essencialmente descritivo.
- d) O texto mescla características de texto argumentativo e de texto descritivo.
- e) O texto é predominantemente informativo.



QUESTÃO 43

(VUNESP/AGENTE/PC-SP/2018)

Frei Caneca e a Virgem Maria

No dia 13 de janeiro de 1825, um condenado caminhava com passos firmes na direção da forca, no centro do Recife. Era o frei Joaquim do Amor Divino Caneca, o lendário Frei Caneca, lutador incansável pela independência do Brasil. Ele tinha participado da revolta da Confederação do Equador, sufocada pelo governo de Pernambuco. Vestia o hábito da Irmandade da Madre de Deus. Sob o olhar curioso da multidão, foi submetido ao degradante ritual da desautoração*, perdendo os direitos eclesiásticos, para que pudesse enfrentar o suplício da forca.

Impassível e altivo, deixou que os monges despissem suas vestes sagradas. Permaneceu firme quando recebeu na tonsura** o golpe simbólico da excomunhão. O carrasco já se preparava para o gesto fatal, quando recuou, com o rosto pálido, dizendo que a Virgem Maria estava junto ao condenado. Veio então o ajudante do carrasco, que também se recusou a executar Frei Caneca, diante da visão da Virgem Maria. Aí foram buscar dois escravos. E esses, mesmo duramente açoitados, negaram-se a participar da execução. O juiz mandou trazer dois presos da cadeia pública e lhes ofereceu a liberdade em troca da execução de Frei Caneca. E eles igualmente se negaram, alegando a visão da Virgem Maria.

Mas era preciso matar Frei Caneca de qualquer jeito, como exemplo para desencorajar futuros conspiradores. O juiz então ordenou que ele fosse fuzilado. Percebendo que os soldados tremiam com as armas na mão, Frei Caneca procurou exortá-los:

– Vamos, meus amigos. Não me façam sofrer muito. Virgem Maria há de compreender os vossos temores. Tenham fé, ela já os perdoou.

E os tiros provocaram um arrepio na multidão silenciosa.

Eloy Terra. 500 anos: Crônicas pitorescas da história do Brasil.

*Desautoração: privação da dignidade do cargo, como medida punitiva.

**Tonsura: corte redondo dos cabelos no topo da cabeça dos clérigos.

Considerando-se as características do texto, é correto afirmar que se trata do tipo:

- a) dissertativo, com discussão de ideias.
- b) dissertativo, com pontos de vista de personagens.
- c) narrativo, com apresentação de uma tese.
- d) descritivo, com caracterização de ambiente.
- e) narrativo, com exposição de fatos.







Questão 44

(FUMARC/ADVOGADO/PREFEITURA DE MATOZINHOS/2016)

O grande paradoxo das redes sociais virtuais

Por Vinicius Pereira Colares em 12/02/2016 na edição 889

Existe uma contradição inerente ao uso de mídias digitais. Essa afirmação comprova-se, principalmente, quando a ligamos ao *smartphones*. Ninguém usaria o celular por tanto tempo se não acreditasse de verdade nos benefícios dele. Poupar tempo, ser mais produtivo e ter acesso à informação em qualquer lugar são alguns dos aspectos positivos citados, geralmente.

Ao mesmo tempo, é cada vez mais comum ouvir relatos, quando estes são sinceros, de donos de *smartphones* que se sentem frustrados com o tempo empreendido nas redes sociais ou em outros aplicativos inúteis. Na tentativa de 4 controlar sua rotina (e imagem), o indivíduo, em sua contemporaneidade, é cada vez mais vulnerável.

Desde 2007, com o lançamento do primeiro aparelho celular com um sistema operacional próprio totalmente *touch-screen* (o primeiro iPhone da Apple), os hábitos mudaram. E mudam-se os hábitos, sabe-se, mudam-se as pessoas.

A psicóloga e socióloga do MIT (Massachusetts Institute of Technology), *Sherry Turkle*, analisou a possibilidade de um novo tipo de comunicação estar surgindo com as novas tecnologias. As amizades nesse cenário, por exemplo, mudaram. Hoje "a arte da amizade", diz Turkle, virou a arte de saber dividir a atenção de alguém constantemente – com o *smartphone*, por exemplo. Quem nunca passou por uma situação parecida, de encontrar-se falando consigo mesmo, que atire a primeira pedra.

É a possibilidade de repensar um ato que faz com que, normalmente, um indivíduo não repita um erro. Para alcançar esse tipo de reflexão, porém, é preciso estar sozinho. Não é uma regra, mas é sozinho que o sujeito consegue ponderar sua existência individual e, respectivamente, perceber a independência daqueles que o cercam. As relações através das redes sociais impossibilitam, de certa forma, que tudo isso aconteça.

O termo *fight over text* – que significa mais ou menos "briga por mensagem de texto" – é extremamente ilustrativo para pensar esse aspecto. Um exemplo usado por Turkle: Adam teve uma discussão séria com sua namorada. Ou melhor, teve uma *fight over text*. Em uma situação onde ele seria tomado por um surto de pânico, Adam resolve mandar – e esse é o exemplo que a







autora dá – uma foto de seu próprio pé (risos?) para a namorada. Isso alivia a situação e tudo acaba bem.

Essa possibilidade de esconder vulnerabilidades explica, de certa forma, o crescimento de aplicativos como o Snapchat (e suas mensagens "fantasmas") e o Instagram. Nessas redes sociais, o Adam de Turkle é sempre o Adam que quer ser. Não é por um acaso que o Facetime, aplicativo da Apple onde os envolvidos conversam por vídeo, não deu tão certo quanto o esperado. 5

As mídias digitais e as redes sociais estão movimentando uma quantidade cada vez maior de pesquisas em torno de suas problemáticas. Termos como Fomo (*Fear Of Missing Out* – algo equivalente a "medo de perder algo") estão tentando explicar o que está por trás do desenvolvimento de aplicativos e dispositivos.

Em Stanford, por exemplo, foi criado o Persuasive Technology Lab (Laboratório de Tecnologia da Persuasão). São estudados nesse centro, por exemplo, os mecanismos que causam essa espécie de "dependência" por parte do usuário das redes sociais. Os resultados desses estudos acabam gerando mais aplicativos de *persistent routine* (rotina persistente, quase um pleonasmo) ou *behavioral loop* (comportamento repetitivo), que integram-se à nossa rotina e, na maioria dos casos, não são produtivos – e sim, distrativos.

O Instagram talvez venha a ser o melhor exemplo, definido como um produto habit-forming (ou criador de hábito). É comum conhecer pessoas que, ao acordar, assumem abrir o aplicativo antes mesmo de sair da cama. Isso se torna, em curto e médio prazo, o equivalente a despertar toda manhã e puxar a alavanca de uma máquina de apostas em um cassino.

Essa incapacidade de controlar os próprios hábitos implica geralmente na falta de capacidade de controlar as próprias emoções. E são esses indivíduos que tentam, com o uso das redes sociais, apropriar-se de uma imagem idealizada e controlar (ou contrariar) os atos do próximo. Existem maneiras de tentar mudar isso. Deixar o *smartphone* longe da mesa enquanto faz uma refeição ou sair de casa sem o celular no bolso, por exemplo. Mas a melhor e mais valiosa dica é de Sherry Turkle: leia (ou releia) Walden, de Henry David Thoreau.

O texto anterior caracteriza-se:

- a) como um texto jornalístico, o que o torna acessível a qualquer leitor.
- b) como uma prescrição, por convencer os leitores sobre a dependência das redes sociais.







- c) pela informalidade, característica típica dos textos da internet.
- d) por ser uma narrativa em que o autor apresenta uma pesquisa.

Ouestão 45

AN CURSOS

(FUMARC/ANALISTA/PC-MG/2013)

Manual de Policiamento Comunitário

Apresentação: Nancy Cardia

O policiamento comunitário, hoje em dia, encontra-se amplamente disseminado nos países economicamente mais desenvolvidos. Sem dúvida isso é uma conquista desses países, pois essa é a forma de policiamento que mais se aproxima das aspirações da população: ter uma polícia que trabalhe próxima da comunidade e na qual ela possa crer e confiar.

Acreditar e confiar na polícia são considerados elementos essenciais para que a polícia possa ter legitimidade para aplicar as leis, isto é, para a polícia ser percebida pela população como tendo um direito legítimo de restringir comportamentos, retirar a liberdade de cidadãos e, em casos extremos, até mesmo a vida.

Ter legitimidade para aplicar as leis significa poder contar com o apoio e a colaboração da população para exercer seu papel. Isso difere da falta de reação da população às ações da polícia, quer por apatia ou por medo, ou ainda, da reação daqueles que delínguem. Em qualquer um desses casos a reação da população já sugere que há um déficit de confiança na polícia. Nos países economicamente mais desenvolvidos, a adoção do policiamento comunitário decorreu da constatação de que os modelos de policiamento em vigência não eram mais eficazes diante dos novos padrões de violência urbana que emergiram no fim dos anos 1960 e meados dos anos 1970. Ao longo desse período, cresceram, em muitos desses países, tanto diferentes formas de violência criminal como também manifestações coletivas (pacíficas ou não) por melhor acesso a direitos. O desempenho das polícias em coibir a violência criminal ou ao conter (ou reprimir) as manifestações coletivas adquiriu grande visibilidade e saliência, resultando em muitas críticas. Em decorrência disso, houve, em vários países, forte deterioração da imagem das forças policiais junto à população.

Uma pior imagem tem impacto na credibilidade da população na polícia. A falta ou baixa credibilidade afeta o desempenho da polícia no esclarecimento de delitos e, até mesmo, no registro







de ocorrências. De maneira geral, quando não há confiança, a população hesita em relatar à polícia que foi vítima de violência ou, até mesmo, de fornecer informações que poderiam auxiliar a polícia a esclarecer muitos delitos.

O policiamento comunitário foi adotado nesses países como uma forma de melhorar o relacionamento entre a polícia e a sociedade. Para isso, procurou reconstruir a credibilidade e a confiança do público na polícia e, desse modo, melhorar o desempenho dela na contenção da violência urbana.

A adoção desse tipo de policiamento não só exige empenho das autoridades e da comunidade, mas, sobretudo, mudança na cultura policial: requer retreinamento dos envolvidos, alteração na estrutura de poder de tomada de decisão com maior autonomia para os policiais que estão nas ruas; alteração nas rotinas de administração de recursos humanos, com a fixação de policiais a territórios; mudanças nas práticas de controle interno e externo e de desempenho, entre outros. Essas mudanças, por sua vez, exigem também que a decisão de implementar o policiamento comunitário seja uma política de governo, entendendo-se que tal decisão irá atravessar diferentes administrações: o policiamento comunitário leva anos para ser totalmente integrado pelas forças policiais.

No Brasil, ocorreram, ao longo dos últimos 18 anos, várias tentativas de implementar o policiamento comunitário. Quase todas as experiências foram, nos diferentes Estados, lideradas pela Polícia Militar: a) em 1991, a Polícia Militar de São Paulo promoveu um Seminário Internacional sobre o Policiamento Comunitário, abordando os obstáculos para esse tipo de policiamento; b) em 1997, ainda em São Paulo, projetos piloto foram implantados em algumas áreas da capital; c) nessa mesma época, no Espírito Santo e em algumas cidades do interior do Estado, também houve experimentos com policiamento comunitário; o mesmo se deu na cidade do Rio de Janeiro, nos morros do Pavão e Pavãozinho, com a experiência do GEPAE.

Apesar de não ter havido uma avaliação dessas experiências, os relatos dos envolvidos, tanto de policiais como da população, revelam satisfação com o processo e com os resultados e insatisfação com o término das mesmas.

Ao longo desses últimos anos, a violência urbana continuou a crescer e passou a atingir cidades que antes pareciam menos vulneráveis – aquelas de médio e pequeno porte. Nesse perí-







odo, a população continuou a cobrar das autoridades uma melhora na eficiência das polícias. Essa melhora não depende só das autoridades, depende também da crença que a população tem na polícia: crença que as pessoas podem ajudar a polícia com informações e que essas serão usadas para identificar e punir responsáveis por delitos e não para colocar em risco a vida daqueles que tentaram ajudar a polícia a cumprir seu papel.

Sem a colaboração do público, a polícia não pode melhorar seu desempenho e essa colaboração exige confiança. A experiência tem demonstrado que o policiamento comunitário é um caminho seguro para se reconstruir a confiança e credibilidade do público na polícia. [...]

O tipo textual predominante é DISSERTATIVO. Marque a alternativa que **NÃO** justifica essa afirmativa.

- a) Observa-se progressão de fatos e sequência narrativa.
- b) Parte da argumentação estrutura-se na relação causa e consequência.
- c) Há afirmações consistentes, sustentadas pelos exemplos apresentados.
- d) Indicações de fatos passados estão relacionadas como elementos comparativos.

QUESTÃO 46

(FUMARC/ESCRIVÃO/PC-MG/2011)

A educação e a construção da cidadania

Ulisses F. Araújo

Em seu sentido tradicional, a cidadania expressa um conjunto de direitos e de deveres que permite aos cidadãos e cidadãs o direito de participar da vida política e da vida pública, podendo votar e serem votados, participando ativamente na elaboração das leis e do exercício de funções públicas, por exemplo. Hoje, no entanto, o significado da cidadania assume contornos mais amplos, que extrapolam o sentido de apenas atender às necessidades políticas e sociais, e assume como objetivo a busca por condições que garantam uma vida digna às pessoas.

Entender a cidadania a partir da redução do ser humano às suas relações sociais e políticas não é coerente com a multidimensionalidade que nos caracteriza e com a complexidade das relações que cada um e todas as pessoas estabelecem com o mundo à sua volta. Deve-se buscar compreender a cidadania também sob outras perspectivas, por exemplo, considerando a importância que o desenvolvimento de condições físicas, psíquicas, cognitivas, ideológicas,







científicas e culturais exerce na conquista de uma vida digna e saudável para todas as pessoas.

Tal tarefa, complexa por natureza, pressupõe a educação de todos (crianças, jovens e adultos), a partir de princípios coerentes com esses objetivos, e com a intenção explícita de promover a cidadania pautada na democracia, na justiça, na igualdade, na equidade e na participação ativa de todos os membros da sociedade nas decisões sobre seus rumos. Dessa maneira, pensar em uma educação para a cidadania torna-se um elemento essencial para a construção da democracia social.

Entendemos que tal forma de educação deve visar, também, ao desenvolvimento de competências para lidar com: a diversidade e o conflito de ideias, as influências da cultura e os sentimentos e emoções presentes nas relações do sujeito consigo mesmo e com o mundo à sua volta.

Uma questão a ser apontada é que atualmente as crianças e os adolescentes vão à escola para aprender as ciências, a língua, a matemática, a história, a física, a geografia, as artes, e apenas isso. Não existe o objetivo explícito de formação ética e moral das futuras gerações. Entendemos que a escola, enquanto instituição pública criada pela sociedade para educar as futuras gerações, deve se preocupar também com a construção da cidadania, nos moldes que atualmente a entendemos. Se os pressupostos atuais da cidadania têm como base a garantia de uma vida digna e a participação na vida política e pública para todos os seres humanos e não apenas para uma pequena parcela da população, essa escola deve ser democrática, inclusiva e de qualidade, para todas as crianças e adolescentes. Para isso, deve promover, na teoria e na prática, as condições mínimas para que tais objetivos sejam alcançados na sociedade. Mas como os valores são apropriados pelos sujeitos? Adotamos a premissa de que os valores não são nem ensinados, nem nascem com as pessoas. Eles são construídos na experiência significativa que as pessoas estabelecem com o mundo. Essa construção depende diretamente da ação do sujeito, dos valores implícitos nos conteúdos com que interage no dia-a-dia e da qualidade das relações interpessoais estabelecidas entre o sujeito e a fonte dos valores.

http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015509.pdf

Quanto ao tipo textual escolhido pelo autor, pode-se afirmar que foi utilizada a sequência:



- a) narrativa, pelas marcas de temporalidade.
- b) injuntiva, pela presença de verbos no imperativo.
- c) argumentativa, caracterizada pela progressão lógica de ideias.
- d) explicativa, pela identificação de fenômenos e exposição de conceitos.

Questão 47

(QUADRIX/ASSISTENTE/CRP-2ª REGIÃO/2018)

Dia nacional da luta antimanicomial é tema de evento de psicologia na Universidade Federal de Roraima (UFRR)

O curso de psicologia da UFRR realizará, no auditório Alexandre Borges, o seminário "Outros manicômios, outras resistências", em alusão ao Dia nacional da luta antimanicomial, celebrado no dia 18 de maio.

O evento será uma parceria da disciplina com o Departamento de Políticas de Saúde Mental do estado e contará com mesas redondas, capacitações e intervenções culturais.

Os interessados em participar das atividades poderão fazer as inscrições na página do evento. A participação será gratuita, com exceção do minicurso, que custará R\$ 15.

De acordo com a organização, as palestras serão voltadas a estudantes, psicólogos, profissionais envolvidos com o cuidado de pessoas em sofrimento psíquico e interessados.

"A ideia é fomentar o debate acerca das formas manicomiais ainda presentes no cotidiano do estado e ampliar o enfrentamento para além dos serviços de saúde mental", destaca a comissão organizadora.

Durante o evento, serão debatidas a situação de imigrantes venezuelanos em Roraima e as repercussões 22 psicossociais desse assunto.

Também serão debatidas possibilidades de intervenção clínica dos imigrantes que tenham sido expostos 25 a situações extremas, como guerras, genocídios e tortura, além daqueles que apresentam sintomas severos de estresse psicológico e outros sintomas.

Internet: <gl.globo.com> (com adaptações).

Quanto à organização, à finalidade e ao conteúdo do texto, assinale a alternativa correta.

a) O texto é dissertativo-argumentativo, apresentando argumentos favoráveis e contrários à presença de instituições manicomiais no Brasil.







- b) É um texto eminentemente instrucional, o que se mostra pela presença de verbos quase que exclusivamente no imperativo.
- c) O texto é majoritariamente literário e, por isso, marcado pelo lirismo e pela sonoridade bem delineada.
- d) O texto é primordialmente informativo, apresentando, por meio de linguagem clara e objetiva, dados relacionados a um evento acadêmico.
- e) O texto é exclusivamente panfletário, já que faz apologia às internações manicomiais.

OUESTÃO 48

(QUADRIX/ADVOGADO/CONTER/2017)

Radiologia: o que há de novo

A radiologia, assim como diversas outras áreas da medicina, evolui ano a ano, mês a mês, pesquisa após pesquisa.

Por meio da Ressonância Magnética Funcional (FMRI), investigadores identificaram anormalidades nos cérebros de crianças com déficit de atenção / hiperatividade (TDAH), que podem servir como um biomarcador para a desordem, de acordo com um estudo divulgado durante o RSNA (Radiological Society of North America), em Chicago (EUA).

O TDAH é uma das doenças mais comuns na infância. De acordo com o Instituto Nacional de Saúde Mental, não há um único teste capaz de diagnosticar uma criança com o transtorno. "Diagnosticar o TDAH é muito difícil por causa de sua grande variedade de sintomas comportamentais", disse o pesquisador Li Xiaobo, Ph.D., professor assistente de radiologia no Albert Einstein College of Medicine, em Nova York.

"Estabelecer um biomarcador de imagem confiável do TDAH seria uma grande contribuição para o campo", completa.

Os pesquisadores submeteram 18 crianças com o transtorno (faixa etária de 9 a 15 anos) ao FMRI. Para cada participante, a ressonância produziu um mapa de ativação cerebral que revelou quais regiões do cérebro se tornaram ativadas enquanto a criança realizava determinada tarefa. Os pesquisadores então compararam os mapas cerebrais da ativação nos dois grupos. Em comparação ao grupo de controle normal, as crianças com TDAH mostraram atividade funcional anormal em várias regiões do cérebro envolvidas no processamento de informações e atenção visual. Os pesquisadores também descobriram que a comunicação entre regiões do





Bruno Pilastre

cérebro, durante o processamento visual, foi interrompida nas crianças com ADHD. "O que isso nos diz é que as crianças com TDAH utilizam diferentes vias de funcionamento do cérebro para processar as informações", disse Li.

Outra descoberta surpreendente é a de que a restrição de calorias melhora a função cardíaca em pacientes obesos e diabéticos.

A dieta de baixa caloria elimina a dependência de insulina e melhora a função cardíaca de pacientes obesos com diabetes tipo 2, segundo um estudo apresentado durante o Radiological Society of North America (RSNA). "É impressionante ver como uma intervenção relativamente simples de uma dieta baixa em calorias efetivamente cura a diabetes *mellitus* tipo 2", disse o principal autor do estudo, Sebastiaan Hammer, MD, Ph.D., do Departamento de Radiologia da Leiden University Medical Center, na Holanda.

Usando ressonância magnética cardíaca, os pesquisadores analisaram a função cardíaca e a gordura pericárdica em 15 pacientes, incluindo sete homens e oito mulheres com diabetes tipo 2, antes e após quatro meses de uma dieta composta de 500 calorias diárias. Mudanças no índice de massa corporal (IMC) também foram avaliadas.

Os resultados mostraram que a restrição calórica resultou em uma redução no IMC de 35,3 para 27,5 em quatro meses. A gordura do pericárdio diminuiu de 39 mililitros (ml) para 31 ml. Hammer salientou que estes resultados sublinham a importância de incluir estratégias de imagem nesses tipos de regimes terapêuticos.

Sobre o texto como um todo, pode-se afirmar corretamente que é:

- a) literário, o que se pode notar pelo excesso de figuras de linguagem utilizadas, especialmente a metáfora e a metonímia, além de muitas hipérboles.
- b) impessoal e direto; a clareza na transmissão de informações e a objetividade na maneira de escrever são características comuns nesse tipo de texto, que tem como principal função apresentar resultados de estudos científicos.
- c) uma resenha de texto científico, embora apresente muitas marcas de pessoalidade e subjetividade, o que é incomum nesse tipo textual.
- d) um texto injuntivo, pois apresenta o imperativo como principal modo na construção das orações e, além disso, estabelece, ao longo de todo o texto, marcas de diálogo com o leitor.







e) claramente, um texto instrucional, tanto que apresenta, com detalhamento, o passo a passo do diagnóstico de TDAH e de Diabetes associado a obesidade.

QUESTÃO 49 (COPS-UEL/AGENTE/SEAP-PR/2013)

Resolução do Conselho Nacional de Trânsito (Contran) publicada ontem instituiu, na prática, a tolerância zero de álcool no trânsito em todo o país. Agora, mesmo que o motorista parado nas blitze da lei seca tenha bebido menos de um copo de cerveja terá de pagar multa por infringir a lei – que aumentou para R\$ 1.915,40 no?m de 2012. A resolução 432 do Contran foi publicada no *Diário Oficial da União*. Ela regulamentou as mudanças aprovadas pelo Congresso Nacional, que foram sancionadas pela presidenta Dilma Rousseff em 20 de dezembro, e passaram, por exemplo, a aceitar testemunhos de embriaguez como prova de que o motorista cometeu infração.

Uma das principais mudanças foi estabelecer como infração dirigir sob "qualquer influência" de álcool.

Mas, como há certos níveis de imprecisão nos aparelhos de bafômetro, faltavam regras para definir como caracterizar qualquer limite. A decisão do Contran, após uma série de estudos, foi determinar que o motorista terá cometido infração se tiver 0,01 miligrama de álcool para cada litro de ar expelido dos pulmões na hora de fazer o teste. Mas definiu, na regulamentação, que o limite de referência será de 0,05 miligramas – por causa dessas diferenças dos aparelhos, em uma espécie de "margem de erro" aceitável. Assim, se o bafômetro apresentar o número "0,05" no visor, o motorista já terá de pagar multa de R\$ 1.915,40.

Outra determinação é que, no caso de o motorista fazer exame de sangue, não será admitido nenhum nível de álcool no sangue. "Sabemos que os acidentes não são reduzidos por decreto, mas é preciso dar um basta à violência no trânsito", disse ontem o ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro, durante evento em Brasília para detalhar as mudanças na legislação. "O grande objetivo é mudar a postura da sociedade em relação ao risco do uso do álcool ao volante", explicou.

**RIBEIRO, B.; VALLE, C. do; MENDES, V. Começa a valer tolerância zero de álcool no trânsito. O Estado de S. Paulo.

**São Paulo, 30 jan. 2013. Cidades. C8.

Sobre o texto, trata-se de:







- a) uma reportagem, de caráter investigativo, apresentando as origens do fato, suas razões e efeitos.
- b) um editorial, de caráter argumentativo, cuja principal característica é opinar acerca de determinadas ideias.
- c) uma entrevista, de caráter opinativo, cuja intenção é emitir opiniões e apresentar ideias acerca dos fatos.
- d) uma notícia, de caráter informativo, cuja contemporaneidade em relação ao acontecimento é uma de suas características essenciais.
- e) uma carta do leitor, de caráter argumentativo, cuja principal intenção é convencer o interlocutor sobre determinada ideia.

QUESTÃO 50 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013)

Um dispositivo apelidado de "botão do pânico" deverá ser a nova arma de mulheres do Espírito Santo contra ex-parceiros agressores. O Estado tem a maior taxa de assassinatos de mulheres do país – o dobro da média nacional.

Com cerca de cinco centímetros e um chip interno igual aos de celulares, o aparelho poderá ser levado na bolsa para, quando acionado, enviar uma mensagem à polícia e à Justiça alertando, por exemplo, a aproximação de um potencial agressor.

Caberá à própria mulher apertar o botão em situações que considerar de perigo. A mensagem dará à polícia, pelo sistema GPS, as coordenadas de onde ela está.

Não há aparelho semelhante em outros Estados.

O botão será lançado em 4 de março pelo Tribunal de Justiça capixaba, que mantém uma coordenadoria específica para tratar de casos de violência doméstica.

O público-alvo são as mulheres já protegidas por medidas judiciais, previstas na Lei Maria da Penha, como as que determinam que o homem saia do lar ou mantenha uma distância mínima delas.

Nos últimos cinco anos, a Justiça do Estado concedeu 13,6 mil medidas protetivas a mulheres que se queixaram de agressões ou ameaças.

Segundo o Mapa da Violência 2012, estudo feito em todo o país a partir de dados de homicídios computados pelo SUS (Sistema Único de Saúde), o Espírito Santo é o Estado com a maior





Bruno Pilastre

taxa de assassinatos de mulheres: 9,8 casos para cada 100 mil mulheres. A média no Brasil é de 4,6 homicídios por 100 mil.

"A Lei Maria da Penha é boa, mas costumo dizer que por um pequeno cochilo do legislador faltou (prever) a fiscalização (do cumprimento) das medidas protetivas", afirmou a juíza Hermínia Azoury, responsável pela coordenadoria de violência doméstica.

"O juiz determina ao agressor: você não pode chegar a menos de 500 metros da mulher. Mas o juiz vai fiscalizar? Ou o promotor vai? É inviável, tem que ter um mecanismo", diz a juíza.

O aparelho é fabricado na China e, segundo o TJ, cada unidade custará até R\$ 80,00 para ser

importada.

TUROLLO JR., R. No ES, mulher ameaçada terá "botão de pânico" contra ex. Folha de S. Paulo. São Paulo, 23 fev. 2013. Cotidiano 2. p.3.

Com relação ao texto, trata-se de:

- a) uma notícia de caráter informativo com trechos opinativos.
- b) um editorial com predomínio do caráter argumentativo.
- c) uma reportagem com predomínio do caráter opinativo.
- d) uma notícia com reflexões próprias de um relato pessoal.
- e) uma reportagem com predomínio do caráter informativo.





GABARITO

1. d

GRAN CURSOS

- . b
- . b
- . a
- . a
- . e
- . a
- . b
- . e
- . e
- 11. a
- **12.** c
- 13. e
- . c
- 15. a 16. e
- . c
- 18. b
- 19. b
- . b . c
- . b
- 23. a
- . e
- . d
- . c
- . d

- . e
- 29. d
- . b
- . e
- . b
- . e
- . e
- . d
- . c
- . d
- . c
- . b
- . d
- . c
- . a
- . e
- . a
- . a
- . c . d
- . b
- . d
- . a



GABARITO COMENTADO

QUESTÃO 1

(FGV/ANALISTA/AL-RO/2018)

"O policial guardou as anotações e a arma na gaveta da sala. Parou os olhos no cartão de ponto... [Falaria ou não com o delegado sobre o caso daquele furto?] Enfiou a caneta no bolso da camisa e dirigiu-se ao estacionamento".

Esse segmento narrativo mostra uma interrupção marcada por colchetes; esse tipo de interrupção é caracterizado por um(a):

- a) descrição de um ambiente externo.
- b) descrição de uma cena imaginária.
- c) flash-back.
- d) reflexão sobre a própria trama.
- e) reflexão sobre a estrutura narrativa.

Letra d.

A interrupção é um exemplar de discurso indireto livre. Nele, faz-se uma reflexão sobre a própria trama, não sendo clara a identificação do autor do pensamento (se o narrador ou se o policial).

Questão 2 (FGV/A

(FGV/ANALISTA/AL-RO/2018)

"A mulher aproximou-se da beira do cais e olhou em volta. O cenário da baía era lindíssimo, com suas pequenas ilhas cercadas de água azulada. Voltou para dentro do restaurante e chamou o marido".

Sobre a estruturação narrativa desse segmento a afirmativa adequada é:

- a) o primeiro período do texto não apresenta continuidade.
- b) o segundo período do texto mostra uma interrupção na narrativa.
- c) o segundo período do texto constitui o que se chama de flash-back.
- d) o último período está cronologicamente situado antes do primeiro.
- e) O segundo período do texto é classificado como argumentativo.



Letra b.

Vamos à divisão dos períodos:

- [1°] A mulher aproximou-se da beira do cais e olhou em volta.
- [2°] O cenário da baía era lindíssimo, com suas pequenas ilhas cercadas de água azulada.
- [3°] Voltou para dentro do restaurante e chamou o marido".

O terceiro período é uma descrição do ambiente em que a narrativa se passa. Sendo uma descrição, torna-se uma interrupção à sequência narrativa.

QUESTÃO 3 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) O texto abaixo em que o argumentador, na tentativa de convencer o leitor, apela para a intimidação por constrangimento é:

- a) Não deixe para amanhã o que pode fazer depois de amanhã.
- b) Não passe vergonha em público: use Corega em sua dentadura.
- c) Compre dois vidros de remédio e receba um de graça!
- d) Não urine na rua, pois isso pode levá-lo à prisão.
- e) Figue mais atraente usando perfumes Dior.

Letra b.

A intimidação por constrangimento está presente na alternativa (b). Isso porque há a "ameaça" a uma possível situação de vergonha (constrangimento): a queda da dentadura.

QUESTÃO 4 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018)

"De Roma, o correspondente da Folha de São Paulo informa que o Papa vai condenar publicamente os atentados terroristas da Espanha".

Essa é uma notícia de jornal; o elemento argumentativo que dá mais credibilidade à informação dada é:

- a) a proximidade do correspondente em relação à fonte da informação.
- b) o fato de a informação ter sido dada por um jornal de grande circulação.
- c) a circunstância de o jornal informante estar localizado na cidade de São Paulo.
- d) a condenação anunciada ter sido proferida pelo Papa.
- e) o tema da informação ser uma atividade amplamente condenada pela opinião pública.







Letra a.

A ordem das palavras no trecho revela que o deslocamento do adjunto "De Roma" para a posição inicial se deve à valorização dessa informação (o correspondente estar próximo à fonte de informação, na cidade de Roma).

QUESTÃO 5 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) O fragmento textual abaixo que não apresenta humanização do personagem animal é:

- a) Não chovia há muitos e muitos meses, de modo que os animais ficaram inquietos. Não se sabia se ia chover logo, ou se ainda ia demorar.
- b) Morreu a colibri. Morreu rápido, fácil, sem dores ou aflições. Morreu como um passarinho. Sua única tristeza, ao partir, parecia a certeza de que, como todos os colibris, o esposo morreria assim que ela abandonasse o mundo
- c) Em certo dia de data incerta, um galo velho e uma galinha nova encontraram-se no fundo de um quintal e, entre uma bicada e outra, trocaram impressões sobre como o mundo estava mudado
- d) O leão fugido do circo vinha correndo pela rua quando viu um senhor à sua frente. Aí caminhou pé ante pé, bateu delicadamente nas costas do senhor e disse, disfarçando a voz leonina o mais possível: "Cavalheiro, tenha cuidado e muita calma: acabei de ouvir dizer que um macaco fugiu do circo agora mesmo".
- e) Saiu o leão a fazer sua pesquisa estatística para verificar se ainda era o Rei das Selvas.

Letra a.

A humanização está presente na inserção de psicologia, de emoções ou de atitudes não presentes na cognição/no comportamento animal. Isso está presente em (b), (c), (d) e (e):

- b) Sua única tristeza
- c) trocaram impressões
- d) bateu delicadamente nas costas do senhor e disse
- e) fazer sua pesquisa estatística









QUESTÃO 6 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) A afirmativa abaixo que é inadequada em relação às narrativas é:

- a) toda narrativa implica mudanças de situações ou estados.
- b) as narrativas implicam uma causalidade na intriga.
- c) todas as narrativas mostram personagens humanos ou humanizados.
- d) uma narrativa mostra sempre uma integração de ações.
- e) os relatos narrativos implicam sempre um narrador personagem.

Letra e.

Em narrativas, NÃO há obrigatoriedade de o narrador ser personagem. Como sabemos, há o narrador em terceira pessoa (observador ou onisciente).

Questão 7

(FGV/TÉCNICO/TJ-SC/2018)

O discurso da separação amorosa

Flávio Gikovate em 16/03/2015

Um dos sentimentos mais comuns depois de uma separação amorosa é a enorme curiosidade em relação ao destino do outro. Mesmo o parceiro que tomou a iniciativa fará de tudo para saber como o abandonado está passando. Esse interesse raras vezes resulta de uma genuína solidariedade. Decorre, na maioria dos casos, de uma situação ambivalente que lembra o mecanismo da gangorra. Por um lado, ver o sofrimento de uma pessoa tão íntima nos deixa tristes; por outro, satisfaz a vaidade. Num certo sentido, é gratificante saber que o ex-companheiro vive mal longe de nós e teve prejuízos com a separação. Esse aspecto menos nobre da personalidade humana, infelizmente, costuma predominar.

O texto 3 deve ser visto como argumentativo. Os argumentos apresentados pelo autor se fundamentam nos(na):

- a) opinião pessoal do autor;
- b) testemunhos de autoridade;
- c) experiência profissional de psicólogos;



- d) observação científica da natureza humana;
- e) depoimentos pessoais de pessoas separadas.

Letra a.

Toda a estrutura argumentativa baseia-se na opinião pessoal do autor. Trata-se, assim, de uma sequência de posicionamentos pessoais (subjetivos) acerta de um tema (separação amorosa). Essa sequência de posicionamentos pessoais é destinada ao convencimento do leitor.

QUESTÃO 8

(FGV/ANALISTA/MPE-AL/2018)

OPORTUNISMO À DIREITA E À ESQUERDA

Numa democracia, é livre a expressão, estão garantidos o direito de reunião e de greve, entre outros, obedecidas leis e regras, lastreadas na Constituição. Em um regime de liberdades, há sempre o risco de excessos, a serem devidamente contidos e seus responsáveis, punidos, conforme estabelecido na legislação.

É o que precisa acontecer no rescaldo da greve dos caminhoneiros, concluídas as investigações, por exemplo, da ajuda ilegal de patrões ao movimento, interessados em se beneficiar do barateamento do combustível.

Sempre há, também, o oportunismo político-ideológico para se aproveitar da crise. Inclusive, neste ano de eleição, com o objetivo de obter apoio a candidatos. Não faltam, também, os arautos do quanto pior, melhor, para desgastar governantes e reforçar seus projetos de poder, por mais delirantes que sejam. Também aqui vale o que está delimitado pelo estado democrático de direito, defendido pelos diversos instrumentos institucionais de que conta o Estado – Polícia, Justiça, Ministério Público, Forças Armadas etc.

A greve atravessou vários sinais ao estrangular as vias de suprimento que mantêm o sistema produtivo funcionando, do qual depende a sobrevivência física da população. Isso não pode ser esquecido e serve de alerta para que as autoridades desenvolvam planos de contingência.

O Globo, 31/05/2018.

O texto, em sua organização, deve ser caracterizado como:

- a) narrativo, já que expõe uma série de fatos.
- b) argumentativo, pois defende uma tese.
- c) expositivo, já que informa fatos recentemente ocorridos.



- d) descritivo, porque fornece características e qualidades.
- e) poético, pois expõe uma realidade de forma sentimental.

Letra b.

No texto, o autor posiciona-se sobre um tema (greve dos caminhoneiros) e faz uso de argumentos de modo a convencer o leitor. A sequenciação dos argumentos, por sua vez, é feita via encadeamento lógico – e esse encadeamento lógico visa a defesa de uma tese.

QUESTÃO 9

(FGV/TÉCNICO/MPE-AL/2018)

NÃO FALTOU SÓ ESPINAFRE

A crise não trouxe apenas danos sociais e econômicos. Mostrou também danos morais.

Aconteceu num mercadinho de bairro em São Paulo. A dona, diligente, havia conseguido algumas verduras e avisou à clientela. Formaram-se uma pequena fila e uma grande discussão. Uma senhora havia arrematado todos os dez maços de espinafre. No caixa, outras freguesas perguntaram se ela tinha restaurante. Não tinha. Observaram que a verdura acabaria estragada. Ela explicou que ia cozinhar e congelar. Então, foram ao ponto: caramba, havia outras pessoas na fila, ela não poderia levar só o que consumiria de imediato?

"Não, estou pagando e cheguei primeiro", foi a resposta.

Compras exageradas nos supermercados, estoques domésticos, filas nervosas nos postos de combustível – teve muito comportamento na base de cada um por si.

Cabem nessa categoria as greves e manifestações oportunistas. Governo, cedendo, também vou buscar o meu – tal foi o comportamento de muita gente.

Carlos A. Sardenberg, in O Globo, 31/05/2018.

No segmento a seguir, a pergunta é feita em discurso indireto.

"No caixa, outras freguesas perguntaram se ela tinha restaurante."

Assinale a opção que apresenta a forma dessa pergunta em discurso direto.

- a) A senhora tinha restaurante?
- b) A senhora tinha tido restaurante?
- c) A senhora teria restaurante?
- d) A senhora teve restaurante?
- e) A senhora tem restaurante?



Letra e.

No discurso indireto, a forma verbal está no pretérito imperfeito do indicativo. No discurso direto, a forma verbal deve estar no presente do indicativo.

QUESTÃO 10

(FGV/ASSISTENTE/MPE-BA/2017)

REFEIÇÃO EM FAMÍLIA

Rosely Sayão

Os meios de comunicação, devidamente apoiados por informações científicas, dizem que alimentação é uma questão de saúde. Programas de TV ensinam a comer bem para manter o corpo magro e saudável, livros oferecem cardápios de populações com alto índice de longevidade, alimentos ganham adjetivos como "funcionais". Temos dietas para cardíacos, para hipertensos, para gestantes, para obesos, para idosos.

Cada vez menos a família se reúne em torno da mesa para compartilhar a refeição e se encontrar, trocar ideias, saber uns dos outros. Será falta de tempo? Talvez as pessoas tenham escolhido outras prioridades: numa pesquisa recente sobre as refeições, 69% dos entrevistados no Brasil relataram o hábito de assistir à TV enquanto se alimentam.

[....]

O horário das refeições é o melhor pretexto para reunir a família porque ocorre com regularidade e de modo informal. E, nessa hora, os pais podem expressar e atualizar seus afetos pelos filhos de modo mais natural.

(adaptado)

Ainda que predominantemente dissertativo, o texto mostra elementos descritivos; o termo sublinhado abaixo que NÃO possui caráter objetivo, mas subjetivo, é:

- a) ...informações científicas;
- b) ...corpo magro;
- c) ...alto índice;
- d) ...pesquisa recente;
- e) ...modo mais natural.



Letra e.

O subjetivismo de "modo mais natural" está presente na escolha da palavra "natural", a qual expressa o ponto de vista do autor para o que seja "feito de maneira espontânea, não planejado ou estudado".

QUESTÃO 11 (FCC/TÉCNICO/TRF-5ª/2017)

Numa visita ao Brasil, pouco depois de sair do Governo da Espanha, Felipe Gonzalez foi questionado sobre o que gostaria de ter feito e não conseguiu. Depois de pensar alguns minutos, disse lamentar que, apesar de avanços importantes em educação, os jovens ainda se formavam e queriam saber o que o Estado faria por eles.

Transpondo-se para o **discurso direto** a fala atribuída a Felipe Gonzalez, obtêm-se as seguintes formas verbais:

- a) Lamento formem queiram
- b) Lamento formem querem
- c) Lamentei formaram queriam
- d) Lamentou vão se formar irão querer
- e) Lamento tinham se formado quiseram

Letra a.

Para transpor para o discurso direto, temos que "atualizar" a fala da personagem:

Depois de pensar alguns minutos, disse:

- lamento que, apesar de avanços importantes em educação, os jovens ainda se formem e queiram saber o que o Estado faria por eles.

A opção correta, então, é a (a).

QUESTÃO 12 (FCC/AGENTE/ARTESP/2017)

Pode ser um saudosismo bobo, mas tenho saudades do tempo em que se ouvia o futebol pelo rádio. Às vezes, era apenas chiado; às vezes, o chiado se misturava com a narração; às vezes, a estação sumia; sem mais nem menos, voltava, e o jogo parecia tão disputado, mas tão emo-







cionante, repleto de lances espetaculares, que tudo que queríamos no dia seguinte era assistir os melhores momentos na televisão. Hoje todos os jogos são transmitidos pela televisão. Isso é uma coisa esplêndida, mas sepultou a fantasia, a mágica.

Agora, que fique claro: em absoluto falo mal da tecnologia. Ao contrário, o avanço tecnológico, principalmente a chegada da internet, trouxe muita coisa boa pra muita gente. Lembro que ainda engatinhava no plano do Direito e, se quisesse ter acesso a uma boa jurisprudência, tinha que fazer assinatura. Hoje, está tudo aí, disponível, à farta, de graça. Somente quem viveu numa época em que não havia a internet tem condições de dimensionar o nível de transformação e de reprodução do conhecimento humano que ela representou...

Condizente com o gênero crônica, o texto consiste em:

- a) uma história fantasiosa inspirada em fatos reais, com linguagem cerimoniosa.
- b) um registro histórico de fatos de relevo internacional, com linguagem hermética.
- c) um relato subjetivo de experiências cotidianas, com linguagem coloquial.
- d) uma compilação de opiniões divergentes sobre tema polêmico, com linguagem afetada.
- e) uma descrição objetiva da realidade visando noticiar fatos inéditos, com linguagem formal.

Letra c.

A crônica é caracterizada por um relato (narrativo) referente a experiências cotidianas. Esse gênero possui uma linguagem mais coloquial, exatamente como informado pela opção (c).

OUESTÃO 13

(FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

As enchentes de minha infância

Rubem Braga

Sim, nossa casa era muito bonita, verde, com uma tamareira junto à varanda, mas eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio. Como a casa dos Martins, como a casa dos Leão, que depois foi dos Medeiros, depois de nossa tia, casa com varanda fresquinha dando para o rio.

Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente. As águas barrentas subiam primeiro até a altura da cerca dos fundos, depois às







bananeiras, vinham subindo o quintal, entravam pelo porão. Mais de uma vez, no meio da noite, o volume do rio cresceu tanto que a família defronte teve medo.

Então vinham todos dormir em nossa casa. Isso para nós era uma festa, aquela faina de arrumar camas nas salas, aquela intimidade improvisada e alegre. Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite! E às vezes o rio atravessava a rua, entrava pelo nosso porão, e me lembro que nós, os meninos, torcíamos para ele subir mais e mais. Sim, éramos a favor da enchente, ficávamos tristes de manhãzinha quando, mal saltando da cama, íamos correndo para ver que o rio baixara um palmo – aquilo era uma traição, uma fraqueza do Itapemirim. Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita, anunciava águas nas cabeceiras, então dormíamos sonhando que a enchente ia outra vez crescer, queríamos sempre que aquela fosse a maior de todas as enchentes.

Há a presença do discurso indireto em:

- a) Eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio.
- b) Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente.
- c) Então vinham todos dormir em nossa casa.
- d) Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite!
- e) Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita.

Letra e.

O discurso indireto é gramaticalmente marcado pela estrutura de subordinação (subordinada substantiva) e discursivamente pelo intermédio da fala de outrem pelo narrador.

É isso o que ocorre em (e): o narrador traz, por meio de sua fala, a fala de outro enunciador (o "alguém a cavalo"). A estrutura subordinativa é a que segue o verbo *dicendi* "dizia".







Questão 14

(FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

BAKHTIN, em *Estética da Criação Verbal*, explica que: "O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso".

Depreende-se do texto que, na caracterização de um gênero discursivo, deve-se considerar, principalmente:

- a) o emprego de recursos linguísticos específicos e a fixação dos enunciados orais e escritos.
- **b**) a ocorrência particular, específica, dependendo da esfera de comunicação a que pertencem os falantes.
- c) o modo de composição, o tema e os usos de linguagem relacionados às finalidades de cada campo de atividade humana.
- d) a irregularidade no emprego de enunciados orais e escritos em determinados campos de atividade verbal.
- e) os enunciados escritos que dão concretude à oralidade, dependendo da esfera de comunicação.

Letra c.

O final do penúltimo período do texto e o último período do texto são claros quanto à necessidade de se identificar o modo de composição, o tema e os usos de linguagem relacionados às finalidades de cada campo da atividade humana.



QUESTÃO 15

(FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

AquiÁfrica

Treze artistas contemporâneos da chamada África Subsaariana – que compreende países ao sul do Deserto do Saara, como Nigéria, Camarões, Congo e Angola – abordam em suas obras questões sobre imigração, xenofobia, sistemas de poder e tradições culturais. A mostra faz parte do projeto Art for the World, da curadora suíça Adelina von Fürstenberg, que aborda os direitos humanos em exposições de arte. Sesc Belenzinho. Rua padre Adelino, 1000, Belenzinho. Terça a sexta, 13h às 21h; sábado, domingo e feriados, 11h às 19h. Grátis. Até 28 de fevereiro de 2016.

Esse texto é:

- a) uma sinopse, que apresenta brevemente um evento cultural.
- b) um comentário, que visa à qualificação de um acontecimento paulistano.
- c) uma resenha, pois tem finalidade informativa e pertence à esfera cultural.
- d) um sumário, visto que relaciona os principais elementos do fato.
- e) um classificado, que anuncia um evento cultural, com finalidade publicitária.

Letra a.

A sinopse é um relato breve sobre algo – no caso do texto, uma exposição. Não há, no texto em análise, manifestação do ponto de vista do autor do texto (por isso não pode ser um comentário ou uma resenha). Também não é um sumário ou um classificado, porque: (i) não é um resumo e (ii) não possui finalidade publicitária.

Questão 16

(FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

A maioria dos países da América Latina, incluindo o Brasil, só começou a montar seu sistema escolar quando em muitas outras nações do mundo já existiam universidades bem estruturadas e de qualidade. Mesmo assim, era um privilégio para poucos. Apenas nos anos 1970 e 1980 começou na América Latina a discussão sobre a educação ser um direito de todos. Mas claramente ainda nos falta a percepção moderna de que esse é um fator estratégico para o







avanço. Se buscamos uma sociedade ancorada no conhecimento, tudo, absolutamente tudo, deve se voltar para a escola.

Em relação aos modos de organização textual, esse texto apresenta, em sequência, a:

- a) descrição e a narração observadas na recuperação histórica de fatos, em formas verbais do pretérito; a argumentação, apoiada em argumentos de autoridade, em formas verbais do presente.
- b) descrição de acontecimentos do passado, por meio de relato histórico, em formas verbais do presente; a narração, responsável pela apreciação do autor, em formas verbais do pretérito.
- c) narração, em formas verbais do pretérito, fundamentada na descrição de acontecimentos históricos, situados no tempo presente.
- d) argumentação, no pretérito, sobre acontecimentos históricos; a descrição e a narração de argumentos e de pontos de vista, em formas verbais do presente.
- e) narração de fatos historicamente situados, em formas verbais do pretérito; a argumentação, observada nas opiniões emitidas em formas verbais do presente.

Letra e.

As alternativas (a), (b), (c) e (d) estão erradas porque não há descrição. A narração ocorre nos três primeiros períodos. Nos dois últimos períodos há a argumentação.

Questão 17 (FCC/TÉCNICO/TRT-6ª/2018)

- Você pode entrar no ramo, disse-lhe.

A frase acima está corretamente transposta para o discurso indireto em:

- a) Disse-lhe "você pudera entrar no ramo".
- b) Disse-lhe que você pode entrar no ramo.
- c) Disse-lhe que ele podia entrar no ramo.
- d) Disse-lhe: "ele pôde entrar no ramo".
- e) Disse-lhe: você poderá entrar no ramo.

Letra c.

Lembre-se: no discurso indireto, a fala da personagem é mediada pelo "narrador". Nesse caso, como eu disse em nossa aula, há uma alteração na perspectiva temporal: a forma verbal "pode"









passa a figurar no passado: "podia". Além disso, o discurso indireto é marcado pela subordinação. Assim, a forma adequada na transposição do discurso indireto será: "Disse-lhe que ele podia entrar no ramo."

Questão 18

(FCC/DEFENSOR/DPE-RS/2018)

eu disse: sou um nômada

tu disseste: tens a febre do deserto eu disse: tenho uma vontade de ir

tu disseste: do deserto conheces as miragens

eu disse: e a lonjura que dentro de mim vai

tu disseste: em ti quero viajar

Os dois primeiros versos do poema encontram-se transpostos para o discurso indireto, com clareza e correção, em:

- a) Dizendo que sou um nômada, respondeu-lhe que tinha a febre do deserto.
- b) Eu lhe disse que era um nômada, ao que respondeu-me que tenho a febre do deserto.
- c) Ao dizer-te que sou um nômada, respondes-me que tens a febre do deserto.
- d) Quando te digo que sou um nômada, me respondeste que tenho a febre do deserto.
- e) Disse-lhe que era um nômada, e sua resposta foi que tinhas a febre do deserto.

Letra b.

Para transpor o trecho para o discurso indireto, as formas devem ser "mediadas" pelo enunciador. Nessa transposição, também é preciso verificar a equivalência de sentido. Cada uma das alternativas incorretas ((a), (c), (d) e (e)) possui alguma falha, restando apenas a alternativa (b).

QUESTÃO 19

(FCC/ASSISTENTE/DPE-AM/2018)

Limites da ciência

Os deuses parecem ter um prazer especial em desmoralizar quem faz profecias sobre os limites da ciência. Auguste Comte afirmou, em 1835, que nunca surgiria um meio para estudarmos





Bruno Pilastre

a composição química das estrelas. Bem, o método existe e hoje sabemos do que elas são feitas. Sabemos até que nós somos feitos de poeira estelar.

É verdade que Comte não era cientista, mas filósofo. Só que cientistas não se saem muito melhor. Um dos maiores físicos de seu tempo, lorde Kelvin, escreveu em 1900: "Não há mais nada novo a ser descoberto na física; só o que resta fazer são medidas cada vez mais precisas". Vieram depois disso relatividade, mecânica quântica, modelo padrão etc.

Marcus du Sautoy conta essas histórias em The Great Unknown (O Grande Desconhecido). Ele sabe, portanto, que caminha em terreno perigoso quando se propõe a discutir os limites do conhecimento humano. Mas Du Sautoy, que é professor de matemática em Oxford e autor de vários livros de divulgação, tenta jogar em território razoavelmente seguro. Ele vai às fronteiras da ciência em que já temos informações suficientes para saber que há barreiras formidáveis a um conhecimento total.

A teoria do caos, por exemplo, assegura que nunca conseguiremos fazer previsões de longo prazo acerca de fenômenos como a meteorologia e engarrafamentos de trânsito. O problema é que alterações mínimas nas condições iniciais podem produzir alterações dramáticas depois de um tempo – e nós nunca temos conhecimento completo do presente.

Analogamente, ele mostra como o princípio da incerteza, a extensão do cosmo e a provável inexistência do tempo também limitam a possibilidade de conhecimento. Ao final, Du Sautoy retorna à sua especialidade e mergulha nas implicações dos teoremas da incompletude de Gödel, que criam embaraços para a própria matemática. É diversão certa para quem gosta de grandes questões.

Entre os objetivos do texto, estão:

- a) questionar a existência do tempo e censurar a teoria do caos.
- b) apresentar o livro de Du Sautoy e recomendar a sua leitura.
- c) conferir à filosofia status de ciência e opor-se à tese de Du Sautoy.
- d) reprovar o obscurantismo dos filósofos e elogiar a clareza dos cientistas.
- e) detalhar as correntes científicas atuais e anunciar seus limites.

Letra b.

O texto funciona como uma resenha crítica, a qual busca apresentar o livro "O Grande Desconhecido" e recomendá-lo ao leitor (como se diz ao final: "É diversão certa para quem gosta de grandes questões.").



QUESTÃO 20 (FCC/AGENTE/ARTESP/2017)

Aplicativos para celular e outros avanços tecnológicos têm transformado as formas de ir e vir da população e podem ser grandes aliados na melhoria da mobilidade urbana.

Segundo a União Internacional dos Transportes Públicos (UITP), simulações feitas nas capitais de países da União Europeia mostram que a combinação de transporte público de alta capacidade e o compartilhamento de carros e caronas poderia remover até 65 de cada 100 carros nos horários de pico.

O segundo parágrafo do texto apresenta uma mensagem com teor:

- a) ilustrativo, que relativiza a tese do primeiro parágrafo.
- b) informativo, que corrobora a tese do primeiro parágrafo.
- c) científico, que refuta a tese do primeiro parágrafo.
- d) controverso, que retifica a tese do primeiro parágrafo.
- e) apelativo, que questiona a tese do primeiro parágrafo.

Letra b.

O segundo parágrafo é claramente informativo, trazendo informações da União Internacional dos Transportes Públicos. Essa informação é utilizada para corroborar a tese do primeiro parágrafo.

Ouestão 21

(FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

As enchentes de minha infância

Rubem Braga

Sim, nossa casa era muito bonita, verde, com uma tamareira junto à varanda, mas eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio. Como a casa dos Martins, como a casa dos Leão, que depois foi dos Medeiros, depois de nossa tia, casa com varanda fresquinha dando para o rio.

Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente. As águas barrentas subiam primeiro até a altura da cerca dos fundos, depois às bananeiras, vinham subindo o quintal, entravam pelo porão. Mais de uma vez, no meio da noite, o volume do rio cresceu tanto que a família defronte teve medo.





Bruno Pilastre

Então vinham todos dormir em nossa casa. Isso para nós era uma festa, aquela faina de arrumar camas nas salas, aquela intimidade improvisada e alegre. Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite! E às vezes o rio atravessava a rua, entrava pelo nosso porão, e me lembro que nós, os meninos, torcíamos para ele subir mais e mais. Sim, éramos a favor da enchente, ficávamos tristes de manhãzinha quando, mal saltando da cama, íamos correndo para ver que o rio baixara um palmo – aquilo era uma traição, uma fraqueza do Itapemirim. Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita, anunciava águas nas cabeceiras, então dormíamos sonhando que a enchente ia outra vez crescer, queríamos sempre que aquela fosse a maior de todas as enchentes.

É correto afirmar sobre a crônica:

- a) A organização compositiva da narrativa se dá no momento presente, mas "de repente", algo surge, que faz com que o narrador se recorde de algo que ele viveu em seu passado. A partir do "estalo", que é captado pelo narrador a partir de um detalhe, a narrativa toma outro rumo e incursiona em algum momento do passado.
- b) Após cercar-se dos acontecimentos diários, o narrador dá-lhes um toque próprio, incluindo em seu texto elementos como ficção, fantasia e criticismo. A crônica toma uma forma realista que se plasma com essa matéria mesclada do cotidiano, aspirando à comunicação humana e fazendo da solidariedade social um valor básico.
- c) Prepondera uma atmosfera restauradora de painéis temporais pretéritos, dispostos na recomposição de elementos relacionados à própria experiência de vida do autor. O narrador evoca fatos, pessoas, objetos e espaços e os resgata à momentaneidade do presente.
- d) Depois de falar de negócios, família, política e da vida de todo o dia. O narrador volta ao tempo presente e exalta os cantos pitorescos de sua terra, fatos e valores substanciais que darão contornos, através do manejo da linguagem, a um quadro de imagens nostálgicas.
- e) O narrador ridiculariza e ironiza o fato, tema da crônica, e, sendo, sorrateiramente, corrosivo e impiedoso, mas sob um tom que não perde o humor, fixa um olhar investigativo sobre a confluência de dois planos temporais primordiais que assinalam a recordação contemplativa.

Letra c.

Como vimos em nossa aula, a crônica é episódica e voltada para a momentaneidade do presente, como afirmado corretamente na alternativa (c).





QUESTÃO 22

(FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou: Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

- Como não acaba? Parei um instante na rua, perplexa.
- Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

- E agora que é que eu faço? perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.
- Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.

Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo-nos para a escola.

- Acabou-se o docinho. E agora?
- Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala





Bruno Pilastre

eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

- Olha só o que me aconteceu! disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!
- Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não figue triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

Ainda que se saiba da liberdade com que Clarice Lispector lidava com esse gênero, pode-se assegurar que "Medo da eternidade" é uma crônica na medida em que se trata:

- a) de uma dissertação filosófica sobre uma questão fundamental da vida humana, ainda que a escritora acabe se valendo de sua experiência pessoal para ilustrar a tese que se dispõe a defender.
- b) de uma visão subjetiva, pessoal, de um acontecimento do cotidiano imediato, muito embora vivenciado na infância, que acaba dando margem à reflexão sobre uma questão capaz de interessar a todos.
- c) de um texto poético, mesmo que em prosa, em que os acontecimentos vividos no passado ganham uma tonalidade lírica e, em lugar de serem explicitamente narrados, são dados a conhecer de modo alusivo e sugestivo.
- d) da rememoração de um episódio ocorrido na infância e que é narrado tal como foi vivido, sem deixar transparecer as crenças e convicções do adulto que rememora.







e) de um texto alegórico, em que a história narrada oculta um sentido que vai muito além dela, servindo apenas como veículo da expressão de ideias abstratas que os acontecimentos permitem concretizar.

Letra b.

Mais uma questão sobre o gênero crônica. Na alternativa (b), a correta, vemos que se descreve a crônica como um texto centrado em situação episódica, a qual está voltada para a momentaneidade do presente. Além disso, o texto de Clarisse compartilha outra característica da crônica: apresenta uma reflexão subjetiva acerca da situação episódica.

QUESTÃO 23 (FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

"O locutor pode indicar diferentes pontos de vista em uma asserção, atribuindo sua responsabilidade a outro enunciador. Para isso, pode utilizar-se da negação, de marcadores de pressuposição, do emprego de verbos que indiquem mudança ou permanência de estado, de certos operadores argumentativos, do futuro do pretérito com valor de metáfora temporal."

Essa definição de KOCH, BENTES e CAVALCANTE (2008) corresponde ao conceito de:

- a) polifonia.
- b) intertextualidade temática.
- c) intertextualidade tipológica.
- d) intertextualidade explícita.
- e) intertextualidade implícita.

Letra a.

No âmbito dos estudos linguísticos, há diferença entre intertextualidade e polifonia. A diferença básica é a noção de que na intertextualidade há diálogos entre **textos**; na polifonia, há diálogo entre **perspectivas de mundo** (manifestas pelos personagens, por exemplo).







Questão 24 (FCC/TÉCNICO/TST/2017)

Com base em descobertas feitas na Grã-Bretanha, Chile, Hungria, Israel e Holanda, uma equipe de treze pessoas liderada por John Goldthorpe, sociólogo de Oxford altamente respeitado, concluiu que, na hierarquia da cultura, não se pode mais estabelecer prontamente a distinção entre a elite cultural e aqueles que estão abaixo dela a partir dos antigos signos: frequência regular a óperas e concertos; entusiasmo, em qualquer momento dado, por aquilo que é visto como "grande arte"; hábito de torcer o nariz para "tudo que é comum, como uma canção popular ou um programa de TV voltado para o grande público". Isso não significa que não se possam encontrar pessoas consideradas (até por elas mesmas) integrantes da elite cultural, amantes da verdadeira arte, mais informadas que seus pares nem tão cultos assim quanto ao significado de cultura, quanto àquilo em que ela consiste, ao que é tido como o que é desejável ou indesejável para um homem ou uma mulher de cultura.

Ao contrário das elites culturais de outrora, eles não são conhecedores no estrito senso da palavra, pessoas que encaram com desprezo as preferências do homem comum ou a falta de gosto dos filisteus. Em vez disso, seria mais adequado descrevê-los – usando o termo cunhado por Richard A. Peterson, da Universidade Vanderbilt – como "onívoros": em seu repertório de consumo cultural, há lugar tanto para a ópera quanto para o heavy metal ou o punk, para a "grande arte" e para os programas populares de televisão. Um pedaço disto, um bocado daquilo, hoje isto, amanhã algo mais.

Em outras palavras, nenhum produto da cultura me é estranho; com nenhum deles me identifico cem por cento, totalmente, e decerto não em troca de me negar outros prazeres. Sinto-me em casa em qualquer lugar, embora não haja um lugar que eu possa chamar de lar (talvez exatamente por isso). Não é tanto o confronto de um gosto (refinado) contra outro (vulgar), mas do onívoro contra o unívoro, da disposição para consumir tudo contra a seletividade excessiva. A elite cultural está viva e alerta; é mais ativa e ávida hoje do que jamais foi. Porém, está preocupada demais em seguir os sucessos e outros eventos festejados que se relacionam à cultura para ter tempo de formular cânones de fé ou a eles converter outras pessoas.

O autor organiza sua argumentação por meio:







- a) do uso do discurso direto; por exemplo, ao ilustrar seu ponto de vista dando voz a pesquisadores de instituições de prestígio.
- b) da correlação entre causa e efeito; por exemplo, ao apresentar as escolhas da elite cultural no passado e o impacto dessas escolhas na cultura atual.
- c) da combinação de afirmações categóricas; por exemplo, ao remeter a uma verdade universal quando cita a obra de Richard A. Peterson.
- d) da negação de pontos de vista de acadêmicos; por exemplo, ao questionar o resultado do estudo conduzido por John Goldthorpe.
- e) do estabelecimento de contrastes; por exemplo, ao opor produções artísticas mais ou menos afinadas com o gosto da elite cultural tradicional.

Letra e.

O estabelecimento de contrastes é marcado linguisticamente por formas como "Ao contrário" e "Em vez disso", presentes no segundo parágrafo do texto.

Questão 25

(IDECAN/TÉCNICO/DETRAN-RO/2014)

Depois dos táxis, as 'caronas'

No princípio era o táxi. Dezenas de aplicativos de celular para chamar amarelinhos proliferaram no ano passado, seduzindo passageiros e incomodando cooperativas. Agora, a nova onda de soluções móveis para o trânsito tenta abolir taxistas por completo em busca de objetivo mais ambicioso: convencer motoristas a aderirem, de vez, às caronas.

Um dos modelos é inspirado em *softwares* que fazem sucesso – e barulho – em São Francisco e Nova York, a exemplo de *Uber* e *Lyft*. A primeira experiência do tipo no Brasil atende pelo nome de *Zaznu* – gíria em hebraico equivalente ao nosso "partiu?" – e começou pelo Rio, mês passado.

Por meio do *app*, donos de *smartphones* solicitam e oferecem caronas a desconhecidos. Tudo começa com o passageiro, que aciona o programa para pedir uma carona. Com base na localização e no perfil da pessoa, motoristas cadastrados que estiverem nas redondezas decidem se topam ou não pegá-lo. Quando a carona é aceita, os dois conversam por telefone para combinar o ponto de encontro.







Para garantir a segurança dos passageiros, o *Zaznu* diz entrevistar os motoristas cadastrados, além de checar antecedentes criminais. Já os passageiros precisam registrar um cartão de crédito para pagamentos "voluntários".

É justamente por não ser gratuito que o aplicativo já faz barulho. Tão logo surgiu, taxistas abriram a página no *Facebook "Zaznu*, a farsa da carona solidária", que denuncia "o crime que é oferecer serviço de transporte em carro particular", como explicou o criador do grupo, Allan de Oliveira. O sindicato da categoria no Rio concorda.

 É irregular, iremos à Justiça. Mas temos certeza de que a prefeitura vai detê-lo – disse o diretor José de Castro.

Procurada por duas semanas, a Secretaria Municipal de Transportes do Rio não se manifestou. Em sua defesa, Yuri Faber, fundador do *Zaznu*, alegou que o aplicativo não constitui um serviço pago de transportes porque seus termos de uso classificam o pagamento como "doação opcional". A sugestão de preço equivale a 80% do preço que seria cobrado por um táxi no mesmo trajeto. A *Zaznu* fica com um quinto do valor, o resto vai para o motorista.

O passageiro tem todo o direito de decidir se paga, e quanto paga. O app só sugere um valor
 justificou.

(O Globo, 20/04/2014.)

De acordo com as estruturas textuais e seu principal objetivo, é correto afirmar que o texto é predominantemente:

- a) científico.
- b) instrutivo.
- c) dissertativo.
- d) informativo.
- e) argumentativo.

Letra d.

Na resolução desse item, é importante observar o valor da palavra **predominantemente**. Todo o texto possui o objetivo de informar o leitor acerca de um tema da atualidade. No entanto, caso a palavra **predominantemente** não estivesse presente, seria possível classificá-lo como







dissertativo, se se considerasse a tipologia **dissertativo-expositiva** – e, nesse caso, a exposição seria sobre um fato concreto da atualidade.

QUESTÃO 26

(IDECAN/PROFESSOR/SEARH-RN/2016)

Arte e natureza

A natureza é uma grande musa. É por ela, e por meio dela, que sentimos a força criadora do entusiasmo – energia maior da inspiração que nos permite registrar, com prazer, a experiência da beleza refletida na harmonia das formas e no delicado equilíbrio das cores naturais. Para os antigos gregos, o entusiasmo (*em + theos*) nascia do encontro com odaimon, um gênio bondoso que seria o nosso guia pela vida inteira. Essa experiência nos permite também ter uma simpatia especial com o natural. E desperta a nossa criança interior, que estaria ansiosa para continuar brincando.

Esse é o momento em que o fotógrafo de natureza pega sua câmera, pois escuta a voz interior da inspiração falar: "Vá, exercite suas asas, faça o registro, descubra sua luz e espalhe sua voz pelos quatro cantos do mundo!" O desejo começará a fazer as pazes com o coração para que todos possam aprender, apreciar e amar a natureza. Conjugar o natural com o artístico, fazer da imagem um ornamento, um texto atraente – eis as primeiras condições de uma estética do natural.

O belo natural é a matriz primeira do belo artístico. Essa é a expressão mimética mais convincente da beleza ideal como tanto defendia *Kant*. É por isso que a arte ecológica tanto nos seduz, porque estimula o olhar na ampliação desse grande mistério que é ser. O artista é o que intui melhor esse sentimento e busca compulsivamente exprimi-lo por meio do seu trabalho. O artista ecológico vive dessa temperatura e é por meio da natureza que ele fala, ou melhor, é por ela que ele aprende a falar com sua própria voz. E o momento da criação surge quando, levados por aquela força inspiradora, a intuição e a experiência racional se abraçam numa feliz alquimia. *Fiat lux*! É o instante em que esse encontro torna-se obra, registro e documentação. Se o artista foi tocado pela musa, desse momento em diante será sempre favorecido por esse impulso. Essa força não é apenas a expressão passageira de uma vontade, mas uma busca





Bruno Pilastre

pela vida toda na direção de algo ansioso por se tornar imagem. Esse algo é a obra de arte cuja função não vai ser apenas a de agradar, mas a de transmitir a mensagem daquela conivência. Quando o homem está inspirado, nada o detém. Se o sofrimento e toda sorte de obstáculos o atingem, ele cria na dor; e esse sacrifício (sacro-ofício), ao término da obra, se tornaria um exemplo de persistência e de nobreza de espírito. Se está feliz, ele expressa sua felicidade no trabalho. Nesse instante, por exemplo, o fotógrafo da natureza, no sozinho da sua alma, poderá dizer: "Translúcida inspiração, eu a vejo em brilho com seu sorriso pintado em azul. Deixe-me por um momento desenhar seu vulto na alquimia luminosa da minha lente!"

Podemos concluir que o brilho de uma obra de arte nunca se apaga, isto é, ela nunca termina de dizer. No sentido de que, enquanto houver espectador para avaliar, apreciar, cuidar, guardar e restaurar, haverá obra e, assim, ela estará sempre acima do tempo. Desse tempo que destrói, desfigura e mata. O quadro "Guernica", do pintor espanhol Pablo Picasso, por exemplo, devolve ao avaliador uma mensagem tão poderosa que aquela obra provocará surpresa e admiração enquanto existir um olhar que a contemple e avalie.

E é esse olhar que faz da obra do tempo histórico uma surpreendente permanência, a despeito da perda do efêmero e do fugidio. No final, o artista, o espectador, a obra e o tempo se congratulam. É essa junção de forças que mantém vivo todo trabalho artístico. Ainda bem que a natureza sabe escolher com paciência seus artesãos. Isto é, aqueles que vão dizê-la com suas próprias vozes, como o fotógrafo, o escultor, o desenhista, o músico e o pintor.

(Alfeu Trancoso – Ambientalista e professor de Filosofia da PUC/Minas.)

O texto deve ser incluído, por suas marcas predominantes, entre o seguinte modo de organização discursiva:

- a) narrativo.
- b) descritivo.
- c) expositivo.
- d) argumentativo.







Letra c.

Novamente, a palavra **predominante** está presente. Ainda que haja traços de argumentação, a principal função do texto (e, por consequência, seu modo de organização predominante) é expositiva.

Questão 27

(IDECAN/AGENTE/PREFEITURA DE RIO NOVO DO SUL/2015)

Como cuidar de seu dinheiro em 2015

Gustavo Cerbasi.

Em 2015, cuidarei bem do meu dinheiro. Organizarei bem os números e as verbas. Esses números mudarão bastante ao longo do ano. Um monstro chamado inflação ronda o país. Só que, agora, ele usa um manto da invisibilidade, que ganhou de seu criador, o governo. Quando morder meu bolso, eu nem saberei de onde terá vindo o ataque, não terei tempo de me defender. Por isso, deixarei boas gorduras no orçamento para atirar a ele, quando aparecer. Essas gorduras serão chamadas de verba para lazer e reservas de emergência.

Em 2015, não farei apostas. Já há gente demais apostando em imóveis, ações e outros investimentos especulativos. Farei escolhas certeiras. Deixarei a maior parte de meu investimento na renda fixa. Ela está com uma generosidade única no mundo. Enquanto isso, estudo o desespero de especuladores que aguardarão a improvável recuperação dos imóveis, da Petrobras, da credibilidade dos mercados. Quando esses especuladores jogarem a toalha, usarei parte de minhas reservas para fazer investimentos bons e baratos. Mas não na Petrobras.

Muita gente fala que, com a inflação e a recessão, pode perder o emprego ou os clientes. Faltará renda, faltarão consumidores. O ano de 2015 será, mais uma vez, ruim para quem vende. Será um ano bom para quem pensa em comprar. Estarei atento aos bons negócios para quem tem dinheiro na mão. Se a renda fixa paga bem, a compra à vista tende a me dar descontos maiores. É por esse mesmo motivo que, em 2015, evitarei as dívidas. Os juros estão altos e isso me convida a poupar, e não a alugar dinheiro dos bancos. Dívidas de longo prazo são corrigidas pela inflação, também em alta. Por isso, aproveitarei os ganhos extras de fim de ano para liquidar dívidas e me policiar para não contrair novas.







No ano que começa, também não quero fazer papel de otário e deixar nas mãos do governo mais impostos do que preciso. Não sonegarei. Mas aproveitarei o fim do ano para organizar meus papéis e comprovantes, planejar a declaração de Imposto de Renda de março e tentar a maior restituição que puder, ou o mínimo pagamento necessário. Listarei meus gastos com dependentes, educação e saúde, doarei para instituições que fazem o bem, aplicarei num PGBL o que for necessário para o máximo benefício. Entregarei minha declaração quanto antes, no início de março. Quero ver minha restituição na conta mais cedo, já que 2015 será um ano bom para quem tiver dinheiro na mão.

Para quem lamenta, recomendo cuidado com o monstro e com o governo. Para quem está atento às oportunidades, desejo boas compras.

(Disponível em: http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/gustavo-cerbasi/noticia/2015/01/como-cuidar-de-b-seu-dinheirob-em-2015.html Acesso em: 06/02/2015.)

De acordo com a tipologia textual, o objetivo principal do autor é:

- a) narrar.
- b) instruir.
- c) descrever.
- d) argumentar.

Letra d.

Em seu texto, o autor busca convencer o leitor sobre seus posicionamentos (relacionados à área de finanças pessoais). O texto, redigido em primeira pessoa, tem esse principal objetivo: argumentar.

Questão 28

(IDECAN/ADVOGADO/HC-UFPE/2014)

Liberdade de imprensa e liberdade de opinião

Há muita dificuldade conceitual, especialmente no Judiciário, para entender o papel dos grupos de mídia e de conceitos como liberdade de imprensa, liberdade de opinião e direito à informação.

Tratam como se fossem conceitos similares.







Direito à informação e liberdade de expressão são direitos dos cidadãos, cláusulas pétreas da Constituição.

Liberdade de imprensa é um direito acessório das empresas jornalísticas. Por acessório significa que só se justifica se utilizado para o cumprimento correto da importantíssima missão constitucional que lhe foi conferida.

No Brasil, no entanto, o conceito de liberdade de imprensa tornou-se extraordinariamente elástico, fugindo completamente dos princípios que o originaram. E há enorme resistência do Judiciário em discutir o tema. É tabu.

Os grupos de mídia trabalham com jornalismo, entretenimento e *marketing*. E têm interesses comerciais próprios de uma empresa privada.

Jogaram todas as atividades de mídia debaixo da proteção da liberdade de imprensa, mesmo as não jornalísticas, tornando-as imunes a qualquer forma de controle seja de costumes seja da mera classificação indicativa.

Anos atrás, uma procuradora da República intimou a Rede Globo devido a conceitos incorretos sobre educação inclusiva propagados em uma novela. Foi alvo de artigos desmoralizadores do colunista Arthur Xexéo – "acusando-a" de pretender interferir no roteiro, ferindo a liberdade de expressão.

A ação proposta contra o apresentador Gugu, por ocasião da falsa reportagem sobre o PCC, rendeu reportagem desmoralizadora da revista Veja contra os proponentes da ação, em nome da liberdade de expressão.

A mera tentativa do Ministério da Justiça de definir uma classificação etária indicativa para programas de televisão foi torpedeada pela rede Globo, sob a acusação de interferência na liberdade de expressão.

Em todos os casos, a Justiça derrubou as ações em nome da liberdade de imprensa.

Quando o conceito de liberdade de imprensa foi desenvolvido – no bojo da criação do modelo de democracia norte-americano – o pilar central era o da mídia descentralizada, exprimindo a posição de grupos diversificados, permitindo que dessa atoarda nascessem consensos e representações.

As rádios comunitárias eram a expressão mais autêntica desse papel democratizante da mídia, assim como as mídias regionais.





Bruno Pilastre

Hoje as rádios comunitárias são criminalizadas. E as concessões públicas tornaram-se moeda de troca com grupos políticos, com coronéis eletrônicos, que a tratam como propriedade privada. É inacreditável a naturalidade com que se aceita o aluguel de horários para grupos religiosos, ou a venda das concessões para outros grupos, como se fossem propriedade privada e não um ativo público.

Tudo isso decorre da enorme concentração do setor, responsável por inúmeras distorções. Houve perda de representatividade da mídia regional, esmagamento das diferenças culturais, ideológicas.

Daí o movimento, em muitos países, por um marco regulatório que de maneira alguma interfira na liberdade de expressão. Mas que permita a desconcentração de mercado, promovendo o florescimento de novos grupos de mídia que tragam a diversificação e a pluralidade para o setor.

Enfim, instituir a verdadeira economia de mercado no setor.

(Luis Nassif. Disponível em: http://jornalggn.com.br/noticia/liberdade-de-imprensa-e-liberdade-de-opiniao.)

Acerca das características textuais e semânticas, o texto configura-se como sendo:

- a) narrativo.
- b) instrutivo.
- c) descritivo.
- d) explicativo.
- e) argumentativo.

Letra e.

O texto em análise possui todas as características de argumentação: faz uso de argumentos lógicos com o objetivo de convencer o leitor sobre um determinado ponto de vista.

QUESTÃO 29 (IDECAN/PESQUISADOR/INMETRO/2015)

A partir da década de 70, tendo como marco histórico a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e diante dos problemas oriundos da degradação ambiental, iniciou-se no mundo uma crescente consciência de que seria necessária uma forma diferenciada do ser humano se relacionar com a natureza, e de gerar e distribuir riquezas.







Por outro lado, em paralelo a este movimento chamado "verde", a desigualdade social foi nas últimas décadas expandindo numa velocidade vertiginosa e com ela crescendo a exclusão social e a violência.

Em decorrência destes dois fatores deparamo-nos, na década de 90, com um novo fenômeno social, qual seja a proliferação do 3º setor: a esfera pública não-estatal. Somado a isto, ganharam força os movimentos da qualidade empresarial e dos consumidores. De agente passivo de consumo, o consumidor passa a ser agente de transformação social, por meio do exercício do seu poder de compra, uso e descarte de produtos, de sua capacidade de poder privilegiar empresas que tinham valores outros que não somente o lucro na sua visão de negócios. Assim, sociedade civil e empresas passam a estabelecer parcerias na busca de soluções, diante da convicção de que o Estado sozinho não é capaz de solucionar a todos os problemas e a responder a tantas demandas.

É diante desta conjuntura que nasce o movimento da responsabilidade social. Movimento este que vem crescendo e ganhando apoio em todo o mundo, e que propõe uma aliança estratégica entre 1°, 2° e 3° setores na busca da inclusão social, da promoção da cidadania, da preservação ambiental e da sustentabilidade planetária, na qual todos os setores têm responsabilidades compartilhadas e cada um é convidado a exercer aquilo que lhe é mais peculiar, mais característico. E, para que essa aliança seja possível, a ética e a transparência são princípios fundamentais no modo de fazer negócios e de relacionar-se com todas as partes interessadas. À sociedade civil organizada cabe papel fundamental pelo seu poder ideológico – valores, conhecimento, inventividade e capacidades de mobilização e transformação.

A responsabilidade social conclama todos os setores da sociedade a assumirem a responsabilidade pelos impactos que suas decisões geram na sociedade e meio ambiente. Nesse sentido, os setores produtivos e empresariais ganham um papel particularmente importante, pelo impacto que geram na sociedade e seu poder econômico e sua capacidade de formular estratégias e concretizar ações.

Essa nova postura, de compartilhamento de responsabilidades, não implica, entretanto, em menor responsabilidade dos governos, ao contrário, fortalece o papel inerente ao governo de grande formulador de políticas públicas de grande alcance, visando o bem comum e a equida-







de social, aumentando sua responsabilidade em bem gerenciar a sua máquina, os recursos públicos e naturais na sua prestação de contas à sociedade. Além disso, pode e deve ser o grande fomentador, articulador e facilitador desse novo modelo que se configura de fazer negócios.

http://www.inmetro.gov.br/qualidade/responsabilidade_social/contextualizacao.asp.

De acordo com a predominância de certos elementos textuais, pode-se afirmar eu o texto apresentado é um exemplo de:

- a) injunção.
- b) narração.
- c) descrição.
- d) dissertação.
- e) conversação.

Letra d.

Para o examinador, dissertação equivale à tipologia dissertativo-argumentativa. O texto, como podemos observar, é argumentativo, pois faz uso de argumentos para convencer o leitor. Esses argumentos estão situados no âmbito das ideias.

Ouestão 30

(IDECAN/AUXILIAR/CRA-MA/2014)

Pregos

Foi de repente. Dois quadros que tenho na parede da sala despencaram juntos. Ninguém os havia tocado, nenhuma ventania naquele dia, nenhuma obra no prédio, nenhuma rachadura. Simplesmente caíram, depois de terem permanecido seis anos inertes. Não consegui admitir essa gratuidade, figuei procurando uma razão para a queda, haveria de ter uma.

Poucos dias depois, numa dessas coincidências que não se explicam, estava lendo um livro do italiano Alessandro Baricco, chamado Novecentos, em que ele descrevia exatamente a mesma situação. "No silêncio mais absoluto, com tudo imóvel ao seu redor, nem sequer uma mosca se movendo, eles, zás. Não há uma causa. Por que precisamente neste instante? Não se sabe. Zás. O que ocorre a um prego para que decida que já não pode mais?"







Alessandro Baricco não procura desvendar esse mistério, apenas diz que assim é. Um belo dia a gente se olha no espelho e descobre que está velho. A gente acorda de manhã e descobre que não ama mais uma pessoa. Um avião passa no céu e a gente descobre que não pode ficar parado onde está nem mais um minuto. Zás. Nossos pregos já não nos seguram.

Nascemos, ficamos em pé, crescemos e a partir daí começamos a sustentar nossas inquietações, nossos desejos inconfessos, algum sofrimento silencioso e a enormidade da nossa paciência. Nossos pregos são feitos de material maciço, mas nunca se sabe quanto peso eles podem aguentar. O quanto podemos conosco? Uma boa definição para felicidade: ser leve para si mesmo.

Sobre os meus quadros: foram recolocados na parede. Estão novamente fixos no mesmo lugar. Até que eles, ou eu, sejamos definitivamente vencidos pelo cansaço.

Disponível em: http://www.dihitt.com/barra/pregos-de-martha-medeiros.

Acerca do gênero textual, é correto afirmar que "Pregos" trata-se de um(a):

- a) conto
- b) crônica.
- c) descrição.
- d) dissertação.
- e) argumentação.

Letra b.

O texto possui propriedades narrativas: há um narrador em primeira pessoa que relata eventos ocorridos em determinado tempo e espaço. Com isso, podemos excluir as alternativas (c), (d) e (e). O texto não é um conto, dada o formato mais sintético que caracteriza a crônica. Além disso, podemos classificar o texto como uma crônica porque a temática abordada é relacionada a acontecimentos simplórios do dia a dia (ou, em outros casos, a fatos recentes da atualidade). Tanto os acontecimentos simplórios do dia a dia quanto fatos recentes da atualidade tornam-se, na crônica, dignos de observação por parte do cronista, que ressignifica a dimensão (simbólica, expressiva) do acontecimento/fato a partir de seu ponto de vista subjetivo.



QUESTÃO 31

(IDECAN/AUXILIAR/COLÉGIO PEDRO II/2014)

A complicada arte de ver

Ela entrou, deitou-se no divã e disse: "Acho que estou ficando louca". Eu fiquei em silêncio aguardando que ela me revelasse os sinais da sua loucura. "Um dos meus prazeres é cozinhar. Vou para a cozinha, corto as cebolas, os tomates, os pimentões – é uma alegria! Entretanto, faz uns dias, eu fui para a cozinha para fazer aquilo que já fizera centenas de vezes: cortar cebolas. Ato banal sem surpresas. Mas, cortada a cebola, eu olhei para ela e tive um susto. Percebi que nunca havia visto uma cebola. Aqueles anéis perfeitamente ajustados, a luz se refletindo neles: tive a impressão de estar vendo a rosácea de um vitral de catedral gótica. De repente, a cebola, de objeto a ser comido, se transformou em obra de arte para ser vista! E o pior é que o mesmo aconteceu quando cortei os tomates, os pimentões... Agora, tudo o que vejo me causa espanto."

Ela se calou, esperando o meu diagnóstico. Eu me levantei, fui à estante de livros e de lá retirei as "Odes Elementales", de Pablo Neruda. Procurei a "Ode à Cebola" e lhe disse: "Essa perturbação ocular que a acometeu é comum entre os poetas. Veja o que Neruda disse de uma cebola igual àquela que lhe causou assombro: 'Rosa de água com escamas de cristal'. Não, você não está louca. Você ganhou olhos de poeta... Os poetas ensinam a ver".

William Blake sabia disso e afirmou: "A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê". Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo.

http://www.releituras.com/i_airon_rubemalves.asp. Acesso em: 05/2014.

"O autor narra os acontecimentos a partir de um ponto de vista, o foco narrativo	o. Deste modo,
é correto afırmar que, no texto, observa-se o foco narrativo em	, sendo a visão
dos fatos"	
Assinale a alternativa que completa correta e sequencialmente a afirmação ant	erior.
a) terceira pessoa / neutra	

b) terceira pessoa / objetiva









- c) primeira pessoa / objetiva
- d) terceira pessoa / subjetiva
- e) primeira pessoa / subjetiva

Letra e.

As formas pronominais e a flexão do verbo indicam que o relato é narrado em **primeira pessoa** ("eu"; "sei disso"). Essa marca linguística traz marcas de subjetividade à narração.

QUESTÃO 32 (IDECAN/ADMINISTRADOR/AGU/2014)

[...] Pesquisas mostraram baixo *stress* em advogados defendendo causas difíceis, o qual virava alto *stress* diante do trânsito engarrafado. Policiais de Los Angeles tomam facas de criminosos, perseguem bêbados na estrada e terminam o dia na delegacia fazendo seu relatório. Supressa! O *stress* só aparece na delegacia, absolutamente segura. A lógica é cristalina. O advogado passou anos se preparando para lidar como *stress* dos tribunais, mas não os imponderáveis do trânsito. O mesmo ocorre com o policial. Tomar facas é sua profissão. Escrever um relatório que pode ser criticado por seus superiores é terreno pantanoso.

Em segundo lugar, stress não é necessariamente uma coisa ruim. Pode ser boa. O ato de criação pode ser estressante. Tarefas desafiadoras podem ser estressantes e boas. Portanto, evitar o stress pode significar distanciar-se de realizações. Entrar nas universidades de primeira linha é dificílimo. Mas é nelas que se concentram as melhores cabeças e de onde saem as melhores ideias e inovações. É por isso que ouvimos falar tanto de Harvard ou Stanford. [...]

Cláudio de Moura Castro – Veja, 23 de agosto de 2011.

De acordo com o tipo textual ap	resentado, uma	é construída utilizando para
isso, como recurso,	,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,	

Assinale a alternativa que completa correta e sequencialmente a afirmativa anterior.

- a) exposição / exemplificação
- b) argumentação / exemplificação
- c) exposição / citação de autoridade
- d) dissertação / contra-argumentação
- e) argumentação / citação de autoridade







Letra b.

O autor do texto claramente procura convencer o leitor. Para esse processo de convencimento, identificamos a adoção do recurso de exemplificação ("Policiais de Los Angeles..."; "Advogados...").

Ouestão 33

(IDECAN/AGENTE/AGU/2014)

50 anos depois

[...] No cinquentenário da República, ninguém questionava a quartelada que derrubou o Império em 1889. Nos 50 anos do Estado Novo, poucos deram atenção ao período que transformou a economia e a sociedade brasileiras. Pois hoje, dia 31 de março de 2014, 50 anos depois do golpe militar, o Brasil é tomado de debates inflamados e de um surto incomum de memória histórica. [...]

Houve avanços em quase todas essas áreas. Estabilizamos a moeda, distribuímos renda, pusemos as crianças na escola. As conquistas não são poucas, vieram aos poucos e estão longe de terminadas. Todas elas são fruto do ambiente livre, em que diferentes ideias podem ser debatidas e testadas. Todas são fruto, numa palavra, da democracia.

Eis a principal diferença entre os dois Brasis, separados por 50 anos: em 1964 havia, à direita e à esquerda, ceticismo em relação à democracia; hoje, não mais. Se há pensamento autoritário no país, ele é minoritário. Nossas instituições democráticas deram prova de vitalidade ao promover o *impeachment* de um presidente, a condenação de corruptos poderosos no caso do mensalão e ao manter ampla liberdade de opinião e de expressão. A cada eleição, o brasileiro gosta mais da democracia.

Nada disso significa, porém, que possamos considerá-la uma conquista perene e consolidada. Democracias jovens, como Venezuela, Argentina ou Rússia, estão aí para mostrar como o espectro do autoritarismo pode abalar os regimes de liberdade. A luta pela democracia e pelas liberdades individuais precisa ser constante, consistente e sem margem para hesitação.

Helio Gurovitz. Época, 31 de março de 2014.

De acordo com a estrutura e os recursos utilizados no texto na construção das ideias, é correto afirmar que se trata de um texto, predominantemente,







- a) apelativo.
- b) instrutivo.
- c) expositivo.
- d) informativo.
- e) argumentativo.

Letra e.

O propósito centrado do texto é convencer o leitor. Para isso, faz uso de argumentos.

Questão 34

(INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/TRT 1º REGIÃO/2018)

A indústria do espírito

Jordi Soler - 23 DEZ 2017 - 21:00

O filósofo Daniel Dennett propõe uma fórmula para alcançar a felicidade: "Procure algo mais importante que você e dedique sua vida a isso".

Essa fórmula vai na contracorrente do que propõe a indústria do espírito no século XXI, que nos diz que não há felicidade maior do que essa que sai de dentro de si mesmo, o que pode ser verdade no caso de um monge tibetano, mas não para quem é o objeto da indústria do espírito, o atribulado cidadão comum do Ocidente que costuma encontrar a felicidade do lado de fora, em outra pessoa, no seu entorno familiar e social, em seu trabalho, em um passatempo, etc. [...]

A indústria do espírito, uma das operações mercantis mais bem-sucedidas de nosso tempo, cresceu exponencialmente nos últimos anos, é só ver a quantidade de instrutores e pupilos de *mindfulness* e de ioga que existem ao nosso redor. *Mindfulness* e ioga em sua versão pop para o Ocidente, não precisamente as antigas disciplinas praticadas pelos mestres orientais, mas um produto prático e de rápida aprendizagem que conserva sua estética, seu *merchandising* e suas toxinas culturais. [...]

Frente ao argumento de que a humanidade, finalmente, tomou consciência de sua vida interior, por que demoramos tanto em alcançar esse degrau evolutivo?, proporia que, mais exatamente,







a burguesia ocidental é o objetivo de uma grande operação mercantil que tem mais a ver com a economia do que com o espírito, a saúde e a felicidade da espécie humana. [...]

A indústria do espírito é um produto das sociedades industrializadas em que as pessoas já têm muito bem resolvidas as necessidades básicas, da moradia à comida até o Netflix e o Spotify. Uma vez instalada no angustiante vazio produzido pelas necessidades resolvidas, a pessoa se movimenta para participar de um grupo que lhe procure outra necessidade.

Esse crescente coletivo de pessoas que cavam em si mesmas buscando a felicidade já conseguiu instalar um novo narcisismo, um egocentrismo *new age*, um egoísmo raivosamente autorreferencial que, pelo caminho, veio alterar o famoso equilíbrio latino de *mens sana in corpore sano*, desviando-o descaradamente para o corpo. [...]

Esse inovador egocentrismo *new* age encaixa divinamente nessa compulsão contemporânea de cultivar o físico, não importa a idade, de se antepor o *corpore* à *mens*. Ao longo da história da humanidade o objetivo havia sido tornar-se mais inteligente à medida que se envelhecia; os idosos eram sábios, esse era seu valor, mas agora vemos sua claudicação: os idosos já não querem ser sábios, preferem estar robustos e musculosos, e deixam a sabedoria nas mãos do primeiro iluminado que se preste a dar cursos. [...]

Parece que o requisito para se salvar no século XXI é inscrever-se em um curso, pagar a alguém que nos diga o que fazer com nós mesmos e os passos que se deve seguir para viver cada instante com plena consciência. Seria saudável não perder de vista que o objetivo principal dessas sessões pagas não é tanto salvar a si mesmo, mas manter estável a economia do espírito que, sem seus milhões de subscritores, regressaria ao nível que tinha no século XX, aquela época dourada do hedonismo suicida, em que o *mindfulness* era patrimônio dos monges, a ioga era praticada por quatro gatos pingados e o espírito era cultivado lendo livros em gratificante solidão.

Sobre tipologia e gêneros textuais, assinale a alternativa correta.

a) O texto "A indústria do espírito" apresenta, majoritariamente, a tipologia narrativa, a qual tipicamente emprega verbos no pretérito, como é possível notar neste excerto: "A indústria do espírito, uma das operações mercantis mais bem-sucedidas de nosso tempo, cresceu exponencialmente nos últimos anos [...]".



Bruno Pilastre





- b) Não há um número definido de tipologias textuais, uma vez que elas surgem e desaparecem conforme as necessidades sociodiscursivas de determinada comunidade.
- c) O segundo parágrafo do texto "Aindústria do espírito" é composto por períodos simples, típicos da tipologia injuntiva.
- d) A maneira com que o texto "A indústria do espírito" se inicia, utilizando uma citação, é comum no gênero textual carta aberta.
- e) O texto "A indústria do espírito" é um exemplar do gênero textual artigo de opinião.

Letra e.

Ao longo do texto, percebemos claramente um posicionamento crítico do autor em relação ao tema abordado – havendo uso de argumentos para tornar seu posicionamento crítico válido. Não há predominância narrativa (não há relatos de eventos realizados/sofridos por personagens em um tempo e um espaço). Também não há traços de tipologia injuntiva (em que o autor apresenta orientações/comandos ao leitor) no segundo parágrafo. Por fim, o gênero carta aberta não está condicionado à utilização de citação.

QUESTÃO 35 (INSTITUTO AOCP/ANALISTA/TRT-1ª REGIÃO/2018)

[...] Saiu da casa da cartomante aos tropeços e parou no beco escurecido pelo crepúsculo — crepúsculo que é hora de ninguém. Mas ela de olhos ofuscados como se o último final da tarde fosse mancha de sangue e ouro quase negro. Tanta riqueza de atmosfera a recebeu e o primeiro esgar da noite que, sim, sim, era funda e faustosa. Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras — desde Moisés se sabe que a palavra é divina. Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou: seus olhos faiscavam como o sol que morria. Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora é já,

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Maria Monica Margarida Silva Pereira - 02150260395, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.



chegou a minha vez! E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a — e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho.

Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era nada, pensou ela, apenas um empurrão. Batera com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta. E da cabeça um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico. O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça não teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito. [...]

A Hora da Estrela. Clarice Lispector.

De acordo com o texto, assinale a alternativa correta.

- a) O narrador, em primeira pessoa, descreve o momento em que a personagem vai à casa de uma vidente e descobre estar grávida.
- b) Trata-se de um texto predominantemente dissertativo, em que se expõe o relato de uma tragédia ocorrida com Macabéa.
- c) A mudança na vida de Macabéa, citada em "[...] pois sua vida já estava mudada.", refere-se à viagem empreendida por ela, que se realizara após encontrar o carro que estava à sua espera.
- d) O excerto demonstra a fragilidade social da personagem que, ironicamente, teve um momento de esperança antes de ser atropelada.
- e) A narrativa descreve uma cena trivial de final de tarde, em que Macabéa presencia o atropelamento e a morte de um cavalo.

Letra d.

A alternativa (a) está incorreta porque:

- i) o texto é narrado em **terceira** pessoa;
- ii) narra-se a **saída** da personagem da casa da cartomante;
- iii) a gravidez é "de futuro" (sentido não literal).

O texto é predominantemente narrativo, por isso a alternativa (b) está incorreta.

A personagem não empreende uma viagem. Na verdade, a viagem é interna (consciência).







A alternativa (d) analisa corretamente os eventos apresentados no texto.

Por fim, a alternativa (e) está incorreta porque Macabéa não presenciou o atropelamento – ela mesma foi atropelada.

Questão 36

(INSTITUTO AOCP/ANALISTA/TRT-1ª REGIÃO/2018)

Os medos que o poder transforma em mercadoria política e comercial

Zygmunt Bauman

O medo faz parte da condição humana. Poderíamos até conseguir eliminar uma por uma a maioria das ameaças que geram medo (era justamente para isto que servia, segundo Freud, a civilização como uma organização das coisas humanas: para limitar ou para eliminar totalmente as ameaças devidas à casualidade da Natureza, à fraqueza física e à inimizade do próximo): mas, pelo menos até agora, as nossas capacidades estão bem longe de apagar a "mãe de todos os medos", o "medo dos medos", aquele medo ancestral que decorre da consciência da nossa mortalidade e da impossibilidade de fugir da morte.

Embora hoje vivamos imersos em uma "cultura do medo", a nossa consciência de que a morte é inevitável é o principal motivo pelo qual existe a cultura, primeira fonte e motor de cada e toda cultura. Pode-se até conceber a cultura como esforço constante, perenemente incompleto e, em princípio, interminável para tornar vivível uma vida mortal. Ou pode-se dar mais um passo: é a nossa consciência de ser mortais e, portanto, o nosso perene medo de morrer que nos tornam humanos e que tornam humano o nosso modo de ser-no-mundo.

A cultura é o sedimento da tentativa incessante de tornar possível viver com a consciência da mortalidade. E se, por puro acaso, nos tornássemos imortais, como às vezes (estupidamente) sonhamos, a cultura pararia de repente [...].

Foi precisamente a consciência de ter que morrer, da inevitável brevidade do tempo, da possibilidade de que os projetos fiquem incompletos que impulsionou os homens a agir e a imaginação humana a alçar voo. Foi essa consciência que tornou necessária a criação cultural e que transformou os seres humanos em criaturas culturais. Desde o seu início e ao longo de toda a sua longa história, o motor da cultura foi a necessidade de preencher o abismo que separa o transitório do eterno, o finito do infinito, a vida mortal da imortal; o impulso para construir uma ponte para passar de um lado para outro do precipício; o instinto de permitir que nós,





Bruno Pilastre

mortais, tenhamos incidência sobre a eternidade, deixando nela um sinal imortal da nossa passagem, embora fugaz.

Tudo isso, naturalmente, não significa que as fontes do medo, o lugar que ele ocupa na existência e o ponto focal das reações que ele evoca sejam imutáveis. Ao contrário, todo tipo de sociedade e toda época histórica têm os seus próprios medos, específicos desse tempo e dessa sociedade. Se é incauto divertir-se com a possibilidade de um mundo alternativo "sem medo", em vez disso, descrever com precisão os traços distintivos do medo na nossa época e na nossa sociedade é condição indispensável para a clareza dos fins e para o realismo das propostas. [...]

http://www.ihu.unisinos.br/563878-os-medos-que-o -poder-transforma-em-mercadoria-politica-e-comercial-artigo-dezygmunt-bauman

Em relação ao texto, assinale a alternativa correta.

- a) Uma das propriedades linguísticas que caracterizam o texto como argumentativo é a predominância de formas verbais no pretérito.
- b) Os verbos e pronomes em primeira pessoa do plural, presentes em "Poderíamos até conseguir eliminar uma por uma a maioria das ameaças que geram medo [...]" e "[...] é a nossa consciência de ser mortais e, portanto, o nosso perene medo [...]" são fortes marcas do tipo textual injuntivo, predominante no texto.
- c) O tipo argumentativo é o eixo da construção do texto, tendo em vista que o autor defende uma tese por meio de relações lógicas de argumentação. Uma dessas relações é a de condição, presente no excerto "E se, por puro acaso, nos tornássemos imortais, como às vezes (estupidamente) sonhamos, a cultura pararia de repente [...]".
- d) Não é possível classificar o tipo textual predominante no texto, uma vez que os tipos textuais constituem uma lista irrestrita na cultura linguística. Ao contrário disso, os gêneros textuais compõem uma lista restrita, o que possibilita que se classifique o texto como um artigo de opinião.
- e) O amplo uso de figuras de linguagem, especialmente de metáforas, no texto, é uma pista de que o tipo narrativo é o eixo da construção textual, enriquecendo as formas de expressão do autor a partir do uso de uma linguagem denotativa.



Letra c.

Diferentemente do que afirma a alternativa (a), o texto argumentativo é caracterizado por formas verbais no **presente**.

Na alternativa (b), está incorreta a afirmativa de que o texto injuntivo é marcado pelo uso de primeira pessoa do plural (verbos e nomes). Na verdade, no texto injuntivo faz-se uso de formas no modo imperativo e/ou na forma nominal infinitiva.

A alternativa (c) analisa corretamente as propriedades linguísticas do texto.

Em (d), há uma **inversão** dos conceitos de **tipo textual** e de **gênero textual**. A definição correta é a seguinte:

TIPOS: compõem uma lista restrita (linguisticamente estáveis).

GÊNEROS: constituem uma lista irrestrita na cultura linguística (mais ou menos estáveis).

Como já observamos, o texto não pertence à tipologia narrativa.

Questão 37

(INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CÂMARA DE MARINGÁ/2017)

Oh! Minas Gerais

O irresistível sotaque dos mineiros me encanta.

Sei que deveria ir mais a Minas Gerais do que vou, umas duas, três vezes ao ano. Pra rever meus parentes, meus amigos, pra não perder o sotaque.

Sotaque que, acho eu, fui perdendo ao longo dos anos, desde aquele 1973, quando abandonei Belo Horizonte pra ir morar a mais de dez mil quilômetros de lá.

Senti isso quando, outro dia, pousei no aeroporto de Uberlândia e fui direto na lanchonete comer um pão de queijo que, fora de brincadeira, é mesmo o mais gostoso do mundo.

- Cê qué qui eu isquento um tiquinho procê?

Foi assim que a mocinha me recebeu, quase de braços abertos, como se fosse uma amiga íntima de longo tempo.

Sei não, mas eu acho que o sotaque mineiro aumentou – e muito – desde que parti. Quando peguei o primeiro avião com destino à felicidade, todos chamavam o centro de Belo Horizonte de cidade. O trólebus subia a Rua da Bahia, as pessoas tomavam Guarapan, andavam de Opala,







ouviam Fagner cantando Manera Fru Fru, Manera, chamavam acidente de trombada e a polícia de Radio Patrulha.

Como pode, meu filho mais velho, que nasceu tão longe de Beagá, e, que hoje mora lá, me ligar e perguntar:

- E ai pai, tudo jóia, tudo massa?

A repórter Helena de Grammont, quando ainda trabalhava no Show da Vida, voltou encantada de lá e veio logo me perguntar se o sotaque mineiro era mesmo assim ou se estavam brincando com ela. Helena estava no carro da Globo, procurando um endereço perto de Belo Horizonte, quando perguntou para um guarda de trânsito se ele poderia ajudá-la. A resposta veio de imediato.

- Cê ségui essa istrada toda vida e quando acabá o piche, cê quebra pra lá e continua siguino toda vida!

Já virou folclore esse negócio de mineiro engolir parte das palavras. Debaixo da cama é badacama, conforme for é confórfô, quilo de carne é kidicarne, muito magro é magrilin, atrás da porta é trádaporta, ponto de ônibus é pôndions, litro de leite é lidileiti, massa de tomate é mastumati e tira isso daí é tirisdaí.

Isso é verdade. Um garoto que mora em São Paulo foi a Minas Gerais e voltou com essa: Lá deve ser muito mais fácil aprender o português porque as palavras são muito mais curtas.

Mineiro quando para num sinal de trânsito, se está vermelho, ele pensa: Péra. Se pisca o amarelo: Prestenção. Quando vem o verde: Podií.

Mas não é só esse sotaque delicioso que o mineiro carrega dentro dele. Carrega também um jeitinho de ser.

A Gabi, amiga nossa mineira, que mora em São Paulo há anos, toda vez que vem, aqui em casa, chega com um balaio de casos de Minas Gerais.

Da última vez que foi a Minas, ela viu na mesa de café da tia Teresa uma capinha de crochê, cobrindo a embalagem do adoçante. Achou aquilo uma graça e comentou com a tia prendada. Pra quê? Tem dias que Teresa não dorme, preocupada querendo saber qual é a marca do adoçante que a Gabi usa, pra ela fazer uma capinha igual, já que ela gostou tanto. Chega a ligar interurbano pra São Paulo:

- Num isquéci de mi falá a marca do seu adoçante não, preu fazê a capinha de crocrê procê...







Coisa de mineiro.

Bastou ela contar essa história que a Catia, outra amiga mineira – e praticante – que estava aqui em casa também, contar a história de um doce de banana divino que comeu na casa da mãe, dona Ita, a última vez que foi lá. Depois de todos elogiarem aquele doce que merecia ser comido de joelhos, ela revelou o segredo:

- Cês criditam que eu vi um cacho de banana madurin, bonzin ainda, no lixo do vizinho, e pensei: Genti, num podêmo dispidiçá não!

Mais de quarenta anos depois de ter deixado minha terra querida, o jeito mineiro de ser me encanta e cada vez mais.

Quer saber o que é ser mineiro? No final dos anos 80, quando o meu primeiro casamento se acabou, minha mãe, que era uma mineira cem por cento, queria saber se eu já "tinha outra", como se diz lá em Minas Gerais. Um dia, cedo ainda, ela me telefonou e, ao invés de perguntar assim, na lata, se eu já tinha um novo amor, usou seu modo bem mineiro de ser:

- Eu tava pensâno em comprá um jogo de cama procê, mas tô aqui sem sabê. Sua cama nova é di casal ou di soltero?

Oh! Minas Gerais. Alberto Villas.

Em relação à tipologia textual, no texto Oh! Minas Gerais, há o predomínio do tipo:

- a) argumentativo, visto que o autor busca convencer o seu leitor sobre o quão irresistível é o sotaque mineiro.
- b) descritivo, pois o autor descreve, por meio de exemplos, o sotaque mineiro.
- c) instrutivo, visto que o autor incentiva o uso do sotaque mineiro.
- d) narrativo, uma vez que o autor narra suas memórias sobre o falar mineiro.
- e) expositivo, pois o autor declara toda sua admiração sobre o sotaque dos mineiros.

Letra d.

O texto é predominantemente narrativo. O narrador, em primeira pessoa, relata uma série de eventos em que personagens sofrem e/ou praticam ações e interagem verbalmente (diálogos). Ao longo da narração, é possível perceber trechos descritivos e, até, argumentativos. Mas esses trechos não são o eixo norteador da tipologia.



QUESTÃO 38

(INSTITUTO AOCP/PROFESSOR/IFBA/2016)

O desafio de usar a tecnologia a favor do ensino

Não basta usar computador e tablet em sala de aula.

Professores devem estar capacitados para auxiliar e orientar alunos

Não restam dúvidas sobre a intensa presença da tecnologia no dia a dia dos jovens – uma geração que já nasceu conectada com o mundo virtual – e os impactos que esse novo perfil de aluno traz ao ambiente escolar. Esse contexto lança o desafio para escolas e professores sobre como usar os novos recursos tecnológicos a favor do ensino. Lutar contra a presença deles não é mais visto como uma opção.

"Estamos no século 21, não tem como dar aula como se dava há 10 anos", diz Glaucia Brito, professora do departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e especialista em Tecnologia na Educação. Para ela, a escola está atrasada. Os jovens são outros e os professores precisam se transformar para seguir essa mudança.

O uso da tecnologia pode ser proveitoso no estudo interativo de conteúdos, tornando-os mais atraentes e fazendo com que o aluno adote uma postura mais participativa. No Colégio Dom Bosco, em Curitiba, tablets e netbooks são fornecidos aos alunos desde o 6º ano do ensino fundamental. "A ideia é tentar falar a mesma linguagem [dos alunos]. Não adianta ser diferente em casa. Trabalhamos o uso responsável", explica o professor de Física e coordenador de Tecnologias, Raphael Corrêa.

A escola trabalha de duas maneiras: recorre a objetos educacionais digitais, como vídeos, animações, imagens e infográficos, para dar suporte às aulas, e estimula a pesquisa dos alunos na internet, com a orientação do professor sobre como encontrar a informação desejada de forma segura e a partir de fontes confiáveis. Entretanto, não são só benefícios que os dispositivos móveis trazem. O colégio controla o uso quando a aula não necessita dos aparelhos e bloqueia o acesso às redes sociais, os principais vilões quando o assunto é distração.

"Tem professor que reclama que os alunos não prestam atenção, ficam só no celular. Mas, na minha época, por exemplo, nos distraíamos com gibi. A questão é como está a aula do professor", avalia Glaucia, que defende ser possível dar uma aula de qualidade e atraente mesmo sem usar aparatos modernos.

Envolvimento







No Colégio Sion, a tecnologia é mais usada pelos professores, embora os alunos também usufruam em determinados momentos. Para a coordenadora do ensino médio, Cinthia Reneaux, é preciso fazer com que o estudante participe do processo, saiba contar o que aprendeu. "Para não ficar muito no virtual, fazemos muitos seminários, debates e pesquisas. Tentamos resgatar o diálogo, a conversa e discussão entre eles", explica Cinthia, citando o formato semicircular na disposição das carteiras nas salas para facilitar o método.

http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-desafio-de-usar-a-tecnologia-a-favor-do-ensino-almosyp83vcnzak-775day3bi

Os textos, de acordo com a sua intencionalidade, estrutura e formato, podem ser classificados de acordo com sua tipologia. Com relação ao texto "O desafio de usar a tecnologia a favor do ensino", é correto afirmar que ele pode ser classificado como:

- a) epistolar.
- b) narrativo.
- c) informativo.
- d) injuntivo.
- e) descritivo.

Letra c.

Para a banca INSTITUTO AOCP, a tipologia dissertativo-expositiva é equivalente à tipologia informativa.

No texto, o autor procura apenas informar o leitor. Não há a tentativa de convencimento (por meio de argumentos). É por isso que devemos classificá-lo como **informativo**.

QUESTÃO 39 (INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/CASAN/2016)

"Estamos Enlouquecendo Nossas Crianças! Estímulos Demais... Concentração de Menos"
31 Maio 2015 em Bem-Estar, filhos

Vivemos tempos frenéticos. A cada década que passa o modo de vida de 10 anos atrás parece ficar mais distante: 10 anos viraram 30, e logo teremos a sensação de ter se passado 50 anos a cada 5. E o mundo infantil foi atingido em cheio por essas mudanças: já não se educa (ou





Bruno Pilastre

brinca, alimenta, veste, entretêm, cuida, consola, protege, ampara e satisfaz) crianças como antigamente!

O iPad, por exemplo, já é companheiro imprescindível nas refeições de milhares de crianças. Em muitas casas a(s) TV(s) fica(m) ligada(s) o tempo todo na programação infantil – naqueles canais cujo volume aumenta consideravelmente durante os comerciais – mesmo quando elas estão comendo com o iPad à mesa.

Muitas e muitas crianças têm atividades extracurriculares pelo menos três vezes por semana, algumas somam mais de 50 horas semanais de atividades, entre escola, cursos, esportes e reforços escolares.

Existe em quase todas as casas uma profusão de brinquedos, aparelhos, recursos e pessoas disponíveis o tempo todo para garantir que a criança "aprenda coisas" e não "morra de tédio". As pré- escolas têm o mesmo método de ensino dos cursos pré-vestibulares.

Tudo está sendo feito para que, no final, possamos ocupar, aproveitar, espremer, sugar, potencializar, otimizar e, finalmente, capitalizar todo o tempo disponível para impor às nossas crianças uma preparação praticamente militar, visando seu "sucesso". O ar nas casas onde <u>essa</u> preocupação é latente chega a ser denso, tamanha a pressão que as crianças sofrem por desenvolver uma boa competitividade. *Porém*, o excesso de estímulos sonoros, visuais, físicos e informativos impedem que a criança organize seus pensamentos e atitudes, de verdade: fica tudo muito confuso e nebuloso, e as próprias informações se misturam fazendo com que a criança mal saiba descrever o que acabou de ouvir, ver ou fazer.

Além disso, aptidões que devem ser estimuladas estão sendo deixadas de lado: Crianças não sabem conversar. Não olham nos olhos de seus interlocutores. Não conseguem focar em uma brincadeira ou atividade de cada vez (na verdade a maioria sequer sabe brincar sem a orientação de um adulto!). Não conseguem ler um livro, por menor que seja. Não aceitam regras. Não sabem o que é autoridade. Pior e principalmente: não sabem esperar.

Todas essas qualidades são fundamentais na construção de um ser humano íntegro, independente e pleno, e devem ser aprendidas em casa, em suas rotinas.

Precisamos pausar. Parar e olhar em volta. Colocar a mão na consciência, tirá-la um pouco da carteira, do telefone e do volante: estamos enlouquecendo nossas crianças, e as estamos impedindo de entender e saber lidar com seus tempos, seus desejos, suas qualidades e talen-





Bruno Pilastre

tos. Estamos roubando o tempo precioso que nossos filhos tanto precisam para processar a quantidade enorme de informações e estímulos que nós e o mundo estamos lhes dando.

Calma, gente. Muita calma. Não corramos para cima da criança com um iPad na mão a cada vez que ela reclama ou achamos que ela está sofrendo de "tédio". Não obriguemos a babá a ter um repertório mágico, que nem mesmo palhaços profissionais têm, para manter a criança entretida o tempo todo. O "tédio" nada mais é que a oportunidade de estarmos em contato conosco, de estimular o pensamento, a fantasia e a concentração.

Sugiro que leiamos todos, pais ou não, "O Ócio Criativo" de Domenico di Masi, para que entendamos a importância do uso consciente do nosso tempo.

E já que resvalamos o assunto para a leitura: nossas crianças não lêem mais. Muitos livros infantis estão disponíveis para tablets e iPads, cuja resposta é imediata ao menor estímulo e descaracteriza a principal função do livro: parar para ler, para fazer a mente respirar, aprender a juntar uma palavra com outra, paulatinamente formando frases e sentenças, e, finalmente, concluir um raciocínio ou uma estória.

Cerquem suas crianças de livros e leiam com elas, por amor. Deixem que se esparramem em almofadas e façam sua imaginação voar!

http://www.saudecuriosa.com.br/estamos-enlouquecendo-nossas-criancas-estimulos-demais-concentracao-de---menos/

Qual é o gênero textual que mais se adequa ao texto "Estamos Enlouquecendo Nossas Crianças! Estímulos Demais... Concentração de Menos"?

- a) Relatório Científico.
- b) Artigo de opinião.
- c) Debate.
- d) Charge.
- e) Carta.

Letra b.

O texto é um representante do gênero **artigo de opinião**. Nele, o autor aborda uma temática a partir de um ponto de vista (o de pais/cuidadores de criança).







Os demais gêneros são marcados por outras características linguísticas, não presentes no texto em análise:

- a) **relatório científico**: uso de linguagem objetiva, técnica e formal, sendo predominante a exposição de fatos e de uma metodologia de análise.
- c) debate: presença clara de interlocutores e mudanças de turno de fala;
- d) charge: uso de linguagem não verbal;
- e) carta: endereçamento claro a um interlocutor.

QUESTÃO 40

(INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CASAN/2016)

Campinas tem alerta após 10 casos de microcefalia

Por Inaê Miranda – publicado em 05/12/2015

O número de casos de microcefalia registrados em Campinas chegou a dez, segundo informou na última sexta-feira (4) a diretora do Departamento de Vigilância em Saúde (Devisa), Brigina Kemp. Todos os bebês nasceram em Campinas, mas três deles são de mães moradoras de Sumaré.

Uma criança nasceu no mês de outubro, a segunda no dia 3 de novembro e as outras oito nasceram nos últimos dias — do final de novembro até ontem. A média anual da doença até 2014 era de um registro, o que torna os casos recentes uma preocupação para os Serviços de Saúde da cidade. O município apura a relação dos casos com o zika vírus.

No último sábado, o Ministério da Saúde confirmou a relação entre o zika vírus e o surto de microcefalia na região Nordeste do País. Até esta data, foram notificados 1.248 casos suspeitos, identificados em 311 municípios de 14 unidades da federação. Até então, São Paulo não figurava nesta lista e os únicos dois casos registrados ocorreram em Sumaré e São José do Rio Preto. Segundo a Secretaria Municipal de Saúde, o vírus pode ter ocorrido na cidade sem que as autoridades tenham conhecimento.

Segundo Brigina, Campinas está contabilizando os casos dos três residentes de Sumaré porque os bebês nasceram na cidade. "A gente notifica, avisando que é de outro município e esse município também é informado. As investigações iniciais ocorrem aqui e, na hora que a criança tem alta, a investigação tem continuidade na cidade onde ela reside", explicou.





Bruno Pilastre

Ela informou que as crianças nasceram nas redes pública e privada, sendo que a maior parte foi na Maternidade de Campinas. "Quase todos", disse. Uma das mães é moradora de rua e usuária de crack. "Mas todos os dez permanecem sob investigação para o zika. Não confirmamos nenhum até agora, mas também não descartamos."

A diretora do Devisa acrescentou que as mães estão recebendo toda a assistência necessária. "Se alguma mãe não tem condição de fazer a tomografia, nós estamos fazendo."

Campinas tinha um caso de microcefalia por ano, entre 2010 a 2014, causada por infecção congênita. Sendo que em 2011 foram registrados quatro casos de microcefalia por infecção congênita. "Mas a gente acredita que esse era um número subnotificado. Agora todos estão bem sensibilizados para fazer as notificações", disse.

Segundo Brigina, esse aumento da notificação pode estar relacionado com o alerta que foi dado pelo Ministério da Saúde.

Múltiplas causas

A microcefalia não é uma doença nova. Trata-se de uma malformação congênita, em que o cérebro não se desenvolve de maneira adequada. "É quando você mede a cabeça e vê que está menor do que deveria ser para a idade gestacional em que o bebê nasceu", explicou Brigina.

A especialista esclarece que a microcefalia pode ser efeito de uma série de fatores de diferentes origens. "Microcefalia não significa zika vírus. É importante dizer isso para as pessoas não relacionarem imediatamente esses 10 casos de Campinas ao vírus", diz.

As causas, segundo ela, em geral são o uso de drogas, medicamentos, cigarro, tabagismo, bebida, traumatismo, falta de irrigação adequada da cabeça do bebê durante a gestação, contato com radiação, fatores genéticos e uma série de vírus ou outros agentes infecciosos, chamados de infecção congênita.

Segundo Brigina, o que tem causado a microcefalia nas crianças é o que está em questão. "As notificações chegaram para a gente e agora vamos investigar." De acordo com ela, a investigação consiste num exame de tomografia sem contraste, exames no sangue, na urina e no líquor, que é um líquido do sistema nervoso da coluna.

As tomografias estão sendo feitas em Campinas, mas os exames estão sendo conduzidos pelo Instituto Adolfo Lutz, na Capital. "Vai para o Lutz porque toda doença sob vigilância e de importância para saúde pública a gente tem que fazer num laboratório de referência de saúde pública."







Vírus

Segundo as secretarias estadual e municipal de Saúde, o vírus zika não está circulando em São Paulo. Brigina, entretanto, não descarta que ele tenha entrado no Estado e se mantém despercebido. "Só posso dizer que tem uma possibilidade. E porque digo que tem uma possibilidade? Porque o vírus circulou amplamente no Norte e Nordeste, tem um percentual de casos que não apresentam sintomas, e porque é transmitido pelo mosquito Aedes aegypti."

Desde junho, Campinas organizou cinco unidades sentinelas na tentativa de detecção precoce do zika vírus. "A gente se organizou para tentar detectar, mas isso não me dá garantia de dizer que não teve. As pessoas circulam e viajam muito hoje em dia pelo País."

http://correio.rac.com.br/_conteudo/2015/12/campinas_e_rm-c/402739-campinas-tem-alerta-apos-dez-casos-de-microcefalia.html

Qual é a tipologia do texto "Campinas tem alerta após 10 casos de microcefalia"?

- a) Texto narrativo.
- b) Texto dissertativo.
- c) Texto descritivo.
- d) Texto informativo.
- e) Texto injuntivo.

Letra d.

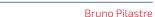
Para a banca INSTITUTO AOCP, a tipologia **dissertativo-expositiva** é equivalente a **informativa**. No texto, o autor procura apenas informar o leitor sobre casos de microcefalia em Campinas. Não há a tentativa de convencimento (por meio de argumentos). É por isso que devemos classificá-lo como **informativo**.

QUESTÃO 41

(IADES/ASSISTENTE/APEX BRASIL/2018)

Há vários países que possuem economias dinâmicas e diversificadas, que apresentam uma participação percentual significativa na corrente mundial de comércio e que desenvolveram parques industriais e um universo empresarial diversificado e pujante. No entanto, muitos não sabem que vários desses países não possuem grandes mercados internos e que, para crescer e ampliar os negócios, suas empresas buscaram o caminho do comércio exterior.







O Brasil possui um grande mercado interno, o que, sem dúvida, representou uma oportunidade e uma situação cômoda para muitas empresas, que preferiram priorizar o mercado doméstico e não chegaram a se interessar seriamente pelas exportações. Entretanto, mesmo nesse cenário, cada vez mais, os empresários brasileiros começam a considerar as exportações como uma decisão estratégica importante para as respectivas empresas e para o desenvolvimento dos próprios negócios.

Perceberam que, ao exportar, a empresa adquire um diferencial de qualidade e competência, pois precisa adequar seus produtos aos padrões do mercado externo, precisa gerenciar condições que não ocorriam anteriormente e obtém ganhos de competitividade. A empresa que passa a exportar de forma sustentável, geralmente, obtém melhoria da sua imagem com fornecedores, bancos e clientes, e isso se reflete, também, em suas operações no mercado interno. Outra vantagem bastante perceptível é a melhoria da qualidade do produto. Esta também tende a aumentar, pois a empresa tem de adaptá-lo às exigências do mercado ao qual se destina, o que a obriga a aperfeiçoá-lo.

Com relação à tipologia textual, assinale a alternativa correta.

- a) O texto é predominantemente argumentativo, visto que defende uma ideia acerca do comércio exterior de alguns países.
- b) O texto é predominantemente narrativo, pois narra fatos ocorridos em alguns países do mundo, quanto ao comércio destes.
- c) O texto é predominantemente informativo, uma vez que busca transmitir informações a respeito do comércio exterior e da respectiva relevância para a economia mundial.
- d) O texto é predominantemente descritivo, o que se verifica pelo emprego de um número expressivo de substantivos e adjetivos, cuja função no texto é caracterizar o comércio exterior.
- e) O texto apresenta características de mais de um tipo textual, com trechos argumentativos (como o primeiro parágrafo) e trechos descritivos (como o segundo parágrafo).

Letra c.

De início, podemos descartar a classificação do texto como **narrativo** ou **descritivo** (total ou parcial). Isso porque não há a apresentação de ações praticadas e/ou sofridas por personagens (reais ou fictícios) e não há a enumeração de características de determinada entidade.





Bruno Pilastre

Com isso, eliminamos as alternativas (b), (d) e (e). Resta-nos identificar se o texto é expositivo ou argumentativo. O ponto central para realizar a classificação é a percepção de que o autor não faz uso de argumentos com o intuito de convencer o leitor; há, diferentemente, apenas a apresentação de fatos acerca do comércio exterior e da respectiva relevância para a economia mundial.

QUESTÃO 42 (IADES/ANALISTA/APEX BRASIL/2018)

Apesar do pessimismo generalizado em relação à guerra comercial entre os Estados Unidos da América (EUA) e a China, as barreiras impostas de um lado a outro contribuíram para aumentar as exportações brasileiras para os dois países em alguns setores.

Um levantamento feito pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) mostra que, de janeiro a julho deste ano, aumentaram as vendas para esses países de produtos como siderúrgicos, proteína animal e soja. Os setores atribuem o crescimento das exportações, em parte, à imposição de barreiras comerciais entre americanos e chineses.

Em retaliação às sobretaxas impostas pelos americanos, a China também aumentou as tarifas de importação de produtos dos EUA, o que trouxe um efeito colateral positivo para a venda de produtos brasileiros para aquele mercado. Com isso, de janeiro a julho, houve alta de 18% na venda de soja para a China, o que já é visto como um sinal de que o Brasil pode ocupar o espaço dos EUA no fornecimento do grão ao país asiático. A venda de carne de porco aumentou em 199% para a China nesse período.

Já a exportação de siderúrgicos subiu 38% no período para os EUA, passando de US\$ 1,3 bilhão para US\$ 1,8 bilhão. Em volume, as vendas crescem 14,2% no ano, acima do patamar de alta permitido pelos americanos para este ano. Em maio, os EUA estabeleceram tarifas de 25% para a importação de aço de países como a China e os da União Europeia. O Brasil ficou fora da sobretaxa, mas foi estabelecida uma cota anual com base na média das vendas do produto brasileiro nos últimos três anos, o que, na prática, permite uma alta de cerca de 7% sobre 2017. Com relação à tipologia textual, assinale a alternativa certa.

a) O primeiro parágrafo do texto poderia ser considerado como a introdução de um texto argumentativo, em que se apresenta uma ideia que será defendida: o aumento das exportações brasileiras para os Estados Unidos da América (EUA) e a China.







- **b)** O terceiro parágrafo do texto é predominantemente narrativo, visto que narra fatos que se sucederam ao longo do tempo nos EUA e na China.
- c) O quarto parágrafo do texto descreve objetivamente a exportação de siderúrgicos, pelo que pode ser considerado como essencialmente descritivo.
- d) O texto mescla características de texto argumentativo e de texto descritivo.
- e) O texto é predominantemente informativo.

Letra a.

Na alternativa (a), a banca examinadora apresenta uma análise correta para o texto. Para a defesa da tese, faz-se uso de argumentos e fatos (dados concretos).

Contrariamente ao afirmado na alternativa (b), não se observam traços da tipologia narrativa, pois o que se percebe é a exposição de fatos (os quais envolvem atividades relacionadas ao mercado internacional).

Também não se pode afirmar que o quarto parágrafo seja descritivo, uma vez não haver a caracterização (enumeração detalhada) das propriedades definidoras de uma entidade (ser, objeto ou local). Essa análise também se aplica aos demais parágrafos, pelo que excluímos as alternativas (c) e (d).

A alternativa (e) é contrária à análise apresentada em (a), estando por isso errada.

Questão 43

(VUNESP/AGENTE/PC-SP/2018)

Frei Caneca e a Virgem Maria

No dia 13 de janeiro de 1825, um condenado caminhava com passos firmes na direção da forca, no centro do Recife. Era o frei Joaquim do Amor Divino Caneca, o lendário Frei Caneca, lutador incansável pela independência do Brasil. Ele tinha participado da revolta da Confederação do Equador, sufocada pelo governo de Pernambuco. Vestia o hábito da Irmandade da Madre de Deus. Sob o olhar curioso da multidão, foi submetido ao degradante ritual da desautoração*, perdendo os direitos eclesiásticos, para que pudesse enfrentar o suplício da forca.

Impassível e altivo, deixou que os monges despissem suas vestes sagradas. Permaneceu firme quando recebeu na tonsura** o golpe simbólico da excomunhão. O carrasco já se preparava para o gesto fatal, quando recuou, com o rosto pálido, dizendo que a Virgem Maria estava







junto ao condenado. Veio então o ajudante do carrasco, que também se recusou a executar Frei Caneca, diante da visão da Virgem Maria. Aí foram buscar dois escravos. E esses, mesmo duramente açoitados, negaram-se a participar da execução. O juiz mandou trazer dois presos da cadeia pública e lhes ofereceu a liberdade em troca da execução de Frei Caneca. E eles igualmente se negaram, alegando a visão da Virgem Maria.

Mas era preciso matar Frei Caneca de qualquer jeito, como exemplo para desencorajar futuros conspiradores. O juiz então ordenou que ele fosse fuzilado. Percebendo que os soldados tremiam com as armas na mão, Frei Caneca procurou exortá-los:

– Vamos, meus amigos. Não me façam sofrer muito. Virgem Maria há de compreender os vossos temores. Tenham fé, ela já os perdoou.

E os tiros provocaram um arrepio na multidão silenciosa.

Eloy Terra. 500 anos: Crônicas pitorescas da história do Brasil. *Desautoração: privação da dignidade do cargo, como medida punitiva. **Tonsura: corte redondo dos cabelos no topo da cabeça dos clérigos.

Considerando-se as características do texto, é correto afirmar que se trata do tipo:

- a) dissertativo, com discussão de ideias.
- b) dissertativo, com pontos de vista de personagens.
- c) narrativo, com apresentação de uma tese.
- d) descritivo, com caracterização de ambiente.
- e) narrativo, com exposição de fatos.

Letra e.

A narração é caracterizada pela apresentação de ações que ocorrem no tempo e no espaço. Essas ações são desenvolvidas por personagens (reais ou fictícios). É exatamente esse o caso do texto em análise: apresentam-se ações (fatos históricos) desenvolvidas por personagens (Frei Caneca, por exemplo) em determinado tempo e espaço.

Por não haver defesa de tese, exclui-se a opção (c). As demais opções são excluídas por não considerarem o texto (predominantemente) uma dissertação.







QUESTÃO 44

(FUMARC/ADVOGADO/PREFEITURA DE MATOZINHOS/2016)

O grande paradoxo das redes sociais virtuais

Por Vinicius Pereira Colares em 12/02/2016 na edição 889

Existe uma contradição inerente ao uso de mídias digitais. Essa afirmação comprova-se, principalmente, quando a ligamos ao *smartphones*. Ninguém usaria o celular por tanto tempo se não acreditasse de verdade nos benefícios dele. Poupar tempo, ser mais produtivo e ter acesso à informação em qualquer lugar são alguns dos aspectos positivos citados, geralmente.

Ao mesmo tempo, é cada vez mais comum ouvir relatos, quando estes são sinceros, de donos de *smartphones* que se sentem frustrados com o tempo empreendido nas redes sociais ou em outros aplicativos inúteis. Na tentativa de 4 controlar sua rotina (e imagem), o indivíduo, em sua contemporaneidade, é cada vez mais vulnerável.

Desde 2007, com o lançamento do primeiro aparelho celular com um sistema operacional próprio totalmente *touch-screen* (o primeiro iPhone da Apple), os hábitos mudaram. E mudam-se os hábitos, sabe-se, mudam-se as pessoas.

A psicóloga e socióloga do MIT (Massachusetts Institute of Technology), *Sherry Turkle*, analisou a possibilidade de um novo tipo de comunicação estar surgindo com as novas tecnologias. As amizades nesse cenário, por exemplo, mudaram. Hoje "a arte da amizade", diz Turkle, virou a arte de saber dividir a atenção de alguém constantemente – com o *smartphone*, por exemplo. Quem nunca passou por uma situação parecida, de encontrar-se falando consigo mesmo, que atire a primeira pedra.

É a possibilidade de repensar um ato que faz com que, normalmente, um indivíduo não repita um erro. Para alcançar esse tipo de reflexão, porém, é preciso estar sozinho. Não é uma regra, mas é sozinho que o sujeito consegue ponderar sua existência individual e, respectivamente, perceber a independência daqueles que o cercam. As relações através das redes sociais impossibilitam, de certa forma, que tudo isso aconteça.

O termo *fight over text* – que significa mais ou menos "briga por mensagem de texto" – é extremamente ilustrativo para pensar esse aspecto. Um exemplo usado por Turkle: Adam teve uma discussão séria com sua namorada. Ou melhor, teve uma *fight over text*. Em uma situação onde





Bruno Pilastre

ele seria tomado por um surto de pânico, Adam resolve mandar – e esse é o exemplo que a autora dá – uma foto de seu próprio pé (risos?) para a namorada. Isso alivia a situação e tudo acaba bem.

Essa possibilidade de esconder vulnerabilidades explica, de certa forma, o crescimento de aplicativos como o Snapchat (e suas mensagens "fantasmas") e o Instagram. Nessas redes sociais, o Adam de Turkle é sempre o Adam que quer ser. Não é por um acaso que o Facetime, aplicativo da Apple onde os envolvidos conversam por vídeo, não deu tão certo quanto o esperado. 5

As mídias digitais e as redes sociais estão movimentando uma quantidade cada vez maior de pesquisas em torno de suas problemáticas. Termos como Fomo (*Fear Of Missing Out* – algo equivalente a "medo de perder algo") estão tentando explicar o que está por trás do desenvolvimento de aplicativos e dispositivos.

Em Stanford, por exemplo, foi criado o Persuasive Technology Lab (Laboratório de Tecnologia da Persuasão). São estudados nesse centro, por exemplo, os mecanismos que causam essa espécie de "dependência" por parte do usuário das redes sociais. Os resultados desses estudos acabam gerando mais aplicativos de *persistent routine* (rotina persistente, quase um pleonasmo) ou *behavioral loop* (comportamento repetitivo), que integram-se à nossa rotina e, na maioria dos casos, não são produtivos – e sim, distrativos.

O Instagram talvez venha a ser o melhor exemplo, definido como um produto habit-forming (ou criador de hábito). É comum conhecer pessoas que, ao acordar, assumem abrir o aplicativo antes mesmo de sair da cama. Isso se torna, em curto e médio prazo, o equivalente a despertar toda manhã e puxar a alavanca de uma máquina de apostas em um cassino.

Essa incapacidade de controlar os próprios hábitos implica geralmente na falta de capacidade de controlar as próprias emoções. E são esses indivíduos que tentam, com o uso das redes sociais, apropriar-se de uma imagem idealizada e controlar (ou contrariar) os atos do próximo. Existem maneiras de tentar mudar isso. Deixar o *smartphone* longe da mesa enquanto faz uma refeição ou sair de casa sem o celular no bolso, por exemplo. Mas a melhor e mais valiosa dica é de Sherry Turkle: leia (ou releia) Walden, de Henry David Thoreau.

O texto anterior caracteriza-se:

- a) como um texto jornalístico, o que o torna acessível a qualquer leitor.
- b) como uma prescrição, por convencer os leitores sobre a dependência das redes sociais.



- c) pela informalidade, característica típica dos textos da internet.
- d) por ser uma narrativa em que o autor apresenta uma pesquisa.

Letra a.

De fato, o texto possui natureza jornalística, sendo fundado na tipologia expositiva.

Podemos desconsiderar as alternativas (b), (c) e (d) pelas seguintes razões:

- b) a prescrição é voltada a textos do tipo injuntivo ou argumentativo (convencimento). Não é esse o caso, já que no texto temos a mera apresentação dos fatos/ideias.
- c) o texto não possui características informais (seja na escolha vocabular, seja na estruturação morfossintática).
- d) o texto não possui propriedades narrativas (principalmente por não ser estruturado no tempo pretérito).

QUESTÃO 45

(FUMARC/ANALISTA/PC-MG/2013)

Manual de Policiamento Comunitário

Apresentação: Nancy Cardia

O policiamento comunitário, hoje em dia, encontra-se amplamente disseminado nos países economicamente mais desenvolvidos. Sem dúvida isso é uma conquista desses países, pois essa é a forma de policiamento que mais se aproxima das aspirações da população: ter uma polícia que trabalhe próxima da comunidade e na qual ela possa crer e confiar.

Acreditar e confiar na polícia são considerados elementos essenciais para que a polícia possa ter legitimidade para aplicar as leis, isto é, para a polícia ser percebida pela população como tendo um direito legítimo de restringir comportamentos, retirar a liberdade de cidadãos e, em casos extremos, até mesmo a vida.

Ter legitimidade para aplicar as leis significa poder contar com o apoio e a colaboração da população para exercer seu papel. Isso difere da falta de reação da população às ações da polícia, quer por apatia ou por medo, ou ainda, da reação daqueles que delínquem. Em qualquer um desses casos a reação da população já sugere que há um déficit de confiança na polícia.

Nos países economicamente mais desenvolvidos, a adoção do policiamento comunitário decorreu da constatação de que os modelos de policiamento em vigência não eram mais





Bruno Pilastre

eficazes diante dos novos padrões de violência urbana que emergiram no fim dos anos 1960 e meados dos anos 1970. Ao longo desse período, cresceram, em muitos desses países, tanto diferentes formas de violência criminal como também manifestações coletivas (pacíficas ou não) por melhor acesso a direitos. O desempenho das polícias em coibir a violência criminal ou ao conter (ou reprimir) as manifestações coletivas adquiriu grande visibilidade e saliência, resultando em muitas críticas. Em decorrência disso, houve, em vários países, forte deterioração da imagem das forças policiais junto à população.

Uma pior imagem tem impacto na credibilidade da população na polícia. A falta ou baixa credibilidade afeta o desempenho da polícia no esclarecimento de delitos e, até mesmo, no registro de ocorrências. De maneira geral, quando não há confiança, a população hesita em relatar à polícia que foi vítima de violência ou, até mesmo, de fornecer informações que poderiam auxiliar a polícia a esclarecer muitos delitos.

O policiamento comunitário foi adotado nesses países como uma forma de melhorar o relacionamento entre a polícia e a sociedade. Para isso, procurou reconstruir a credibilidade e a confiança do público na polícia e, desse modo, melhorar o desempenho dela na contenção da violência urbana.

A adoção desse tipo de policiamento não só exige empenho das autoridades e da comunidade, mas, sobretudo, mudança na cultura policial: requer retreinamento dos envolvidos, alteração na estrutura de poder de tomada de decisão com maior autonomia para os policiais que estão nas ruas; alteração nas rotinas de administração de recursos humanos, com a fixação de policiais a territórios; mudanças nas práticas de controle interno e externo e de desempenho, entre outros. Essas mudanças, por sua vez, exigem também que a decisão de implementar o policiamento comunitário seja uma política de governo, entendendo-se que tal decisão irá atravessar diferentes administrações: o policiamento comunitário leva anos para ser totalmente integrado pelas forças policiais.

No Brasil, ocorreram, ao longo dos últimos 18 anos, várias tentativas de implementar o policiamento comunitário. Quase todas as experiências foram, nos diferentes Estados, lideradas pela Polícia Militar: a) em 1991, a Polícia Militar de São Paulo promoveu um Seminário Internacional sobre o Policiamento Comunitário, abordando os obstáculos para esse tipo de policiamento; b) em 1997, ainda em São Paulo, projetos piloto foram implantados em algumas áreas da capital;





Bruno Pilastre

c) nessa mesma época, no Espírito Santo e em algumas cidades do interior do Estado, também houve experimentos com policiamento comunitário; o mesmo se deu na cidade do Rio de Janeiro, nos morros do Pavão e Pavãozinho, com a experiência do GEPAE.

Apesar de não ter havido uma avaliação dessas experiências, os relatos dos envolvidos, tanto de policiais como da população, revelam satisfação com o processo e com os resultados e insatisfação com o término das mesmas.

Ao longo desses últimos anos, a violência urbana continuou a crescer e passou a atingir cidades que antes pareciam menos vulneráveis – aquelas de médio e pequeno porte. Nesse período, a população continuou a cobrar das autoridades uma melhora na eficiência das polícias. Essa melhora não depende só das autoridades, depende também da crença que a população tem na polícia: crença que as pessoas podem ajudar a polícia com informações e que essas serão usadas para identificar e punir responsáveis por delitos e não para colocar em risco a vida daqueles que tentaram ajudar a polícia a cumprir seu papel.

Sem a colaboração do público, a polícia não pode melhorar seu desempenho e essa colaboração exige confiança. A experiência tem demonstrado que o policiamento comunitário é um caminho seguro para se reconstruir a confiança e credibilidade do público na polícia. [...]

O tipo textual predominante é DISSERTATIVO. Marque a alternativa que **NÃO** justifica essa afirmativa.

- a) Observa-se progressão de fatos e sequência narrativa.
- b) Parte da argumentação estrutura-se na relação causa e consequência.
- c) Há afirmações consistentes, sustentadas pelos exemplos apresentados.
- d) Indicações de fatos passados estão relacionadas como elementos comparativos.

Letra a.

O texto narrativo é marcado por ser uma progressão de fatos (eventos verbais), os quais são realizados por personagens (que exercem ou sofrem ações). Esses eventos são tipicamente perspectivados no passado. Essas características não são encontradas no texto em análise, o qual possui características dissertativas (cujas propriedades são corretamente descritas por (b), (c) e (d)).







OUESTÃO 46

as.

AN CURSOS

(FUMARC/ESCRIVÃO/PC-MG/2011)

A educação e a construção da cidadania

Ulisses F. Araújo

Em seu sentido tradicional, a cidadania expressa um conjunto de direitos e de deveres que permite aos cidadãos e cidadãs o direito de participar da vida política e da vida pública, podendo votar e serem votados, participando ativamente na elaboração das leis e do exercício de funções públicas, por exemplo. Hoje, no entanto, o significado da cidadania assume contornos mais amplos, que extrapolam o sentido de apenas atender às necessidades políticas e sociais, e assume como objetivo a busca por condições que garantam uma vida digna às pessoas. Entender a cidadania a partir da redução do ser humano às suas relações sociais e políticas não é coerente com a multidimensionalidade que nos caracteriza e com a complexidade das relações que cada um e todas as pessoas estabelecem com o mundo à sua volta. Deve-se buscar compreender a cidadania também sob outras perspectivas, por exemplo, considerando a importância que o desenvolvimento de condições físicas, psíquicas, cognitivas, ideológicas, científicas e culturais exerce na conquista de uma vida digna e saudável para todas as pesso-

Tal tarefa, complexa por natureza, pressupõe a educação de todos (crianças, jovens e adultos), a partir de princípios coerentes com esses objetivos, e com a intenção explícita de promover a cidadania pautada na democracia, na justiça, na igualdade, na equidade e na participação ativa de todos os membros da sociedade nas decisões sobre seus rumos. Dessa maneira, pensar em uma educação para a cidadania torna-se um elemento essencial para a construção da democracia social.

Entendemos que tal forma de educação deve visar, também, ao desenvolvimento de competências para lidar com: a diversidade e o conflito de ideias, as influências da cultura e os sentimentos e emoções presentes nas relações do sujeito consigo mesmo e com o mundo à sua volta.

Uma questão a ser apontada é que atualmente as crianças e os adolescentes vão à escola para aprender as ciências, a língua, a matemática, a história, a física, a geografia, as artes, e apenas isso. Não existe o objetivo explícito de formação ética e moral das futuras gerações.





Bruno Pilastre

Entendemos que a escola, enquanto instituição pública criada pela sociedade para educar as futuras gerações, deve se preocupar também com a construção da cidadania, nos moldes que atualmente a entendemos. Se os pressupostos atuais da cidadania têm como base a garantia de uma vida digna e a participação na vida política e pública para todos os seres humanos e não apenas para uma pequena parcela da população, essa escola deve ser democrática, inclusiva e de qualidade, para todas as crianças e adolescentes. Para isso, deve promover, na teoria e na prática, as condições mínimas para que tais objetivos sejam alcançados na sociedade. Mas como os valores são apropriados pelos sujeitos? Adotamos a premissa de que os valores não são nem ensinados, nem nascem com as pessoas. Eles são construídos na experiência significativa que as pessoas estabelecem com o mundo. Essa construção depende diretamente da ação do sujeito, dos valores implícitos nos conteúdos com que interage no dia-a-dia e da qualidade das relações interpessoais estabelecidas entre o sujeito e a fonte dos valores.

Quanto ao tipo textual escolhido pelo autor, pode-se afirmar que foi utilizada a sequência:

- a) narrativa, pelas marcas de temporalidade.
- b) injuntiva, pela presença de verbos no imperativo.
- c) argumentativa, caracterizada pela progressão lógica de ideias.
- d) explicativa, pela identificação de fenômenos e exposição de conceitos.

Letra c.

Podemos desconsiderar as possibilidades de se classificar o texto como narrativo (a) ou injuntivo (b), dado que:

- i) não há progressão de eventos em sequência temporal (perspectivada no passado).
- ii) o texto não é tem natureza instrucional.

O texto também não é uma mera exposição de conceitos, como propõe a alternativa (d). Há claramente marcas argumentativas, as quais visam o convencimento do leitor.



QUESTÃO 47

(QUADRIX/ASSISTENTE/CRP-2ª REGIÃO/2018)

Dia nacional da luta antimanicomial é tema de evento de psicologia na Universidade Federal de Roraima (UFRR)

O curso de psicologia da UFRR realizará, no auditório Alexandre Borges, o seminário "Outros manicômios, outras resistências", em alusão ao Dia nacional da luta antimanicomial, celebrado no dia 18 de maio.

O evento será uma parceria da disciplina com o Departamento de Políticas de Saúde Mental do estado e contará com mesas redondas, capacitações e intervenções culturais.

Os interessados em participar das atividades poderão fazer as inscrições na página do evento. A participação será gratuita, com exceção do minicurso, que custará R\$ 15.

De acordo com a organização, as palestras serão voltadas a estudantes, psicólogos, profissionais envolvidos com o cuidado de pessoas em sofrimento psíquico e interessados.

"A ideia é fomentar o debate acerca das formas manicomiais ainda presentes no cotidiano do estado e ampliar o enfrentamento para além dos serviços de saúde mental", destaca a comissão organizadora.

Durante o evento, serão debatidas a situação de imigrantes venezuelanos em Roraima e as repercussões 22 psicossociais desse assunto.

Também serão debatidas possibilidades de intervenção clínica dos imigrantes que tenham sido expostos 25 a situações extremas, como guerras, genocídios e tortura, além daqueles que apresentam sintomas severos de estresse psicológico e outros sintomas.

Internet: <gl.globo.com> (com adaptações).

Quanto à organização, à finalidade e ao conteúdo do texto, assinale a alternativa correta.

- a) O texto é dissertativo-argumentativo, apresentando argumentos favoráveis e contrários à presença de instituições manicomiais no Brasil.
- b) É um texto eminentemente instrucional, o que se mostra pela presença de verbos quase que exclusivamente no imperativo.
- c) O texto é majoritariamente literário e, por isso, marcado pelo lirismo e pela sonoridade bem delineada.







- d) O texto é primordialmente informativo, apresentando, por meio de linguagem clara e objetiva, dados relacionados a um evento acadêmico.
- e) O texto é exclusivamente panfletário, já que faz apologia às internações manicomiais.

Letra d.

O texto é dissertativo-expositivo, havendo apenas a apresentação de dados relacionados a um evento. A noção de "expositivo" é, em algum grau, semelhante à noção de "informativo", pois o texto veicula informações ao leitor. Não se trata de um texto argumentativo pelo simples fato de não haver defesa de um ponto de vista (ou busca por convencer o leitor).

QUESTÃO 48

(QUADRIX/ADVOGADO/CONTER/2017)

Radiologia: o que há de novo

A radiologia, assim como diversas outras áreas da medicina, evolui ano a ano, mês a mês, pesquisa após pesquisa.

Por meio da Ressonância Magnética Funcional (FMRI), investigadores identificaram anormalidades nos cérebros de crianças com déficit de atenção / hiperatividade (TDAH), que podem servir como um biomarcador para a desordem, de acordo com um estudo divulgado durante o RSNA (Radiological Society of North America), em Chicago (EUA).

O TDAH é uma das doenças mais comuns na infância. De acordo com o Instituto Nacional de Saúde Mental, não há um único teste capaz de diagnosticar uma criança com o transtorno. "Diagnosticar o TDAH é muito difícil por causa de sua grande variedade de sintomas comportamentais", disse o pesquisador Li Xiaobo, Ph.D., professor assistente de radiologia no Albert Einstein College of Medicine, em Nova York.

"Estabelecer um biomarcador de imagem confiável do TDAH seria uma grande contribuição para o campo", completa.

Os pesquisadores submeteram 18 crianças com o transtorno (faixa etária de 9 a 15 anos) ao FMRI. Para cada participante, a ressonância produziu um mapa de ativação cerebral que revelou quais regiões do cérebro se tornaram ativadas enquanto a criança realizava determinada tarefa. Os pesquisadores então compararam os mapas cerebrais da ativação nos dois grupos.





Bruno Pilastre

Em comparação ao grupo de controle normal, as crianças com TDAH mostraram atividade funcional anormal em várias regiões do cérebro envolvidas no processamento de informações e atenção visual. Os pesquisadores também descobriram que a comunicação entre regiões do cérebro, durante o processamento visual, foi interrompida nas crianças com ADHD. "O que isso nos diz é que as crianças com TDAH utilizam diferentes vias de funcionamento do cérebro para processar as informações", disse Li.

Outra descoberta surpreendente é a de que a restrição de calorias melhora a função cardíaca em pacientes obesos e diabéticos.

A dieta de baixa caloria elimina a dependência de insulina e melhora a função cardíaca de pacientes obesos com diabetes tipo 2, segundo um estudo apresentado durante o Radiological Society of North America (RSNA). "É impressionante ver como uma intervenção relativamente simples de uma dieta baixa em calorias efetivamente cura a diabetes *mellitus* tipo 2", disse o principal autor do estudo, Sebastiaan Hammer, MD, Ph.D., do Departamento de Radiologia da Leiden University Medical Center, na Holanda.

Usando ressonância magnética cardíaca, os pesquisadores analisaram a função cardíaca e a gordura pericárdica em 15 pacientes, incluindo sete homens e oito mulheres com diabetes tipo 2, antes e após quatro meses de uma dieta composta de 500 calorias diárias. Mudanças no índice de massa corporal (IMC) também foram avaliadas.

Os resultados mostraram que a restrição calórica resultou em uma redução no IMC de 35,3 para 27,5 em quatro meses. A gordura do pericárdio diminuiu de 39 mililitros (ml) para 31 ml. Hammer salientou que estes resultados sublinham a importância de incluir estratégias de imagem nesses tipos de regimes terapêuticos.

Sobre o texto como um todo, pode-se afirmar corretamente que é:

- a) literário, o que se pode notar pelo excesso de figuras de linguagem utilizadas, especialmente a metáfora e a metonímia, além de muitas hipérboles.
- b) impessoal e direto; a clareza na transmissão de informações e a objetividade na maneira de escrever são características comuns nesse tipo de texto, que tem como principal função apresentar resultados de estudos científicos.







- c) uma resenha de texto científico, embora apresente muitas marcas de pessoalidade e subjetividade, o que é incomum nesse tipo textual.
- d) um texto injuntivo, pois apresenta o imperativo como principal modo na construção das orações e, além disso, estabelece, ao longo de todo o texto, marcas de diálogo com o leitor.
- e) claramente, um texto instrucional, tanto que apresenta, com detalhamento, o passo a passo do diagnóstico de TDAH e de Diabetes associado a obesidade.

Letra b.

Primeiramente, vamos eliminar a alternativa que classifica o texto como narrativo, pois não há elementos que fundamentem isso. Em segundo lugar, não há características de texto instrucional ou injuntivo, pois não há comandos a serem seguidos (dirigidos do enunciador ao leitor). Não estamos diante de uma resenha, principalmente por não haver indicação do texto original do qual se derivou a resenha.

Por isso, resta apenas a alternativa (b).

QUESTÃO 49 (COPS-UEL/AGENTE/SEAP-PR/2013)

Resolução do Conselho Nacional de Trânsito (Contran) publicada ontem instituiu, na prática, a tolerância zero de álcool no trânsito em todo o país. Agora, mesmo que o motorista parado nas blitze da lei seca tenha bebido menos de um copo de cerveja terá de pagar multa por infringir a lei – que aumentou para R\$ 1.915,40 no?m de 2012. A resolução 432 do Contran foi publicada no *Diário Oficial da União*. Ela regulamentou as mudanças aprovadas pelo Congresso Nacional, que foram sancionadas pela presidenta Dilma Rousseff em 20 de dezembro, e passaram, por exemplo, a aceitar testemunhos de embriaguez como prova de que o motorista cometeu infração.

Uma das principais mudanças foi estabelecer como infração dirigir sob "qualquer influência" de álcool.

Mas, como há certos níveis de imprecisão nos aparelhos de bafômetro, faltavam regras para definir como caracterizar qualquer limite. A decisão do Contran, após uma série de estudos, foi determinar que o motorista terá cometido infração se tiver 0,01 miligrama de álcool para cada litro de ar expelido dos pulmões na hora de fazer o teste. Mas definiu, na regulamentação, que





Bruno Pilastre

o limite de referência será de 0,05 miligramas – por causa dessas diferenças dos aparelhos, em uma espécie de "margem de erro" aceitável. Assim, se o bafômetro apresentar o número "0,05" no visor, o motorista já terá de pagar multa de R\$ 1.915,40.

Outra determinação é que, no caso de o motorista fazer exame de sangue, não será admitido nenhum nível de álcool no sangue. "Sabemos que os acidentes não são reduzidos por decreto, mas é preciso dar um basta à violência no trânsito", disse ontem o ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro, durante evento em Brasília para detalhar as mudanças na legislação. "O grande objetivo é mudar a postura da sociedade em relação ao risco do uso do álcool ao volante", explicou.

RIBEIRO, B.; VALLE, C. do; MENDES, V. Começa a valer tolerância zero de álcool no trânsito. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 30 jan. 2013. Cidades. C8.

Sobre o texto, trata-se de:

- a) uma reportagem, de caráter investigativo, apresentando as origens do fato, suas razões e efeitos.
- b) um editorial, de caráter argumentativo, cuja principal característica é opinar acerca de determinadas ideias.
- c) uma entrevista, de caráter opinativo, cuja intenção é emitir opiniões e apresentar ideias acerca dos fatos.
- d) uma notícia, de caráter informativo, cuja contemporaneidade em relação ao acontecimento é uma de suas características essenciais.
- e) uma carta do leitor, de caráter argumentativo, cuja principal intenção é convencer o interlocutor sobre determinada ideia.

Letra d.

O texto possui características de notícia: há a resposta às perguntas **o quê?**, **quando?**, **onde?**, **como?** e **por quê?** Além disso, os fatos relatados são expressos predominantemente no tempo presente, o que se traduz pela noção de **contemporaneidade**.







QUESTÃO 50 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013)

Um dispositivo apelidado de "botão do pânico" deverá ser a nova arma de mulheres do Espírito Santo contra ex-parceiros agressores. O Estado tem a maior taxa de assassinatos de mulheres do país – o dobro da média nacional.

Com cerca de cinco centímetros e um chip interno igual aos de celulares, o aparelho poderá ser levado na bolsa para, quando acionado, enviar uma mensagem à polícia e à Justiça alertando, por exemplo, a aproximação de um potencial agressor.

Caberá à própria mulher apertar o botão em situações que considerar de perigo. A mensagem dará à polícia, pelo sistema GPS, as coordenadas de onde ela está.

Não há aparelho semelhante em outros Estados.

O botão será lançado em 4 de março pelo Tribunal de Justiça capixaba, que mantém uma coordenadoria específica para tratar de casos de violência doméstica.

O público-alvo são as mulheres já protegidas por medidas judiciais, previstas na Lei Maria da Penha, como as que determinam que o homem saia do lar ou mantenha uma distância mínima delas.

Nos últimos cinco anos, a Justiça do Estado concedeu 13,6 mil medidas protetivas a mulheres que se queixaram de agressões ou ameaças.

Segundo o Mapa da Violência 2012, estudo feito em todo o país a partir de dados de homicídios computados pelo SUS (Sistema Único de Saúde), o Espírito Santo é o Estado com a maior taxa de assassinatos de mulheres: 9,8 casos para cada 100 mil mulheres. A média no Brasil é de 4,6 homicídios por 100 mil.

"A Lei Maria da Penha é boa, mas costumo dizer que por um pequeno cochilo do legislador faltou (prever) a fiscalização (do cumprimento) das medidas protetivas", afirmou a juíza Hermínia Azoury, responsável pela coordenadoria de violência doméstica.

"O juiz determina ao agressor: você não pode chegar a menos de 500 metros da mulher. Mas o juiz vai fiscalizar? Ou o promotor vai? É inviável, tem que ter um mecanismo", diz a juíza.

O aparelho é fabricado na China e, segundo o TJ, cada unidade custará até R\$ 80,00 para ser importada.

TUROLLO JR., R. No ES, mulher ameaçada terá "botão de pânico" contra ex. Folha de S. Paulo. São Paulo, 23 fev. 2013. Cotidiano 2. p.3.









Com relação ao texto, trata-se de:

- a) uma notícia de caráter informativo com trechos opinativos.
- b) um editorial com predomínio do caráter argumentativo.
- c) uma reportagem com predomínio do caráter opinativo.
- d) uma notícia com reflexões próprias de um relato pessoal.
- e) uma reportagem com predomínio do caráter informativo.

Letra a.

A caracterização do texto como notícia é polêmica, uma vez haver a inserção de informações correlatas (o que é típico do gênero **reportagem**). No entanto, a banca entendeu que essas informações correlatas constituem o núcleo do conteúdo transmitido (e não expandem suficientemente o tema central).

Os trechos opinativos são predominantemente "argumentos de autoridade".



REFERÊNCIAS

BUARQUE, S. Raízes do Brasil. 2016.

GARCIA, O. Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever aprendendo a pensar. 2013.

JAROUCHE, M. (Tradutor). Livro das Mil e Uma Noites. 2009.

PEREIRA & NEVES. Ler/Falar/Escrever. Práticas discursivas no ensino médio: uma proposta teórico-metodológica. 2012.

SITE **LE MONDE DIPLOMATIQUE**: diplomatique.org.br

SITE **TUDO GOSTOSO**: www.tudogostoso.com.br

TCHEKHOV, A. O assassinato e outras histórias. 2013.

Bruno Pilastre



Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília. É autor de obras didáticas de Língua Portuguesa (Gramática, Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva). Pela Editora Gran Cursos, publicou o "Guia Prático de Língua Portuguesa" e o "Guia de Redação Discursiva para Concursos". No Gran Cursos Online, atua na área de desenvolvimento de materiais didáticos (educação e popularização de C&T/CNPq: http:// lattes.cnpg.br/1396654209681297).



ANOTAÇÕES	

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Maria Monica Margarida Silva Pereira - 02150260395, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.



ANOTAÇÕES		

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Maria Monica Margarida Silva Pereira - 02150260395, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.



NÃO SE ESQUEÇA DE **AVALIAR ESTA AULA!**

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE PARA MELHORARMOS AINDA MAIS NOSSOS MATERIAIS.

ESPERAMOS QUE TENHA GOSTADO **DESTA AULA!**

PARA AVALIAR. BASTA CLICAR EM LER A AULA E. DEPOIS. EM AVALIAR AULA.



eitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.